

MULHER

DE FAZELIA

EXPERIÊNCIAS
COMPARTILHADAS

NILZA ROGÉRIA NUNES

DSS Departamento de
Serviço Social

INTER
SEÇÕES EDITORA
PUC
RIO



Reitor

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso, S.J.

Vice-Reitor Geral

Prof. Pe. André Luís de Araújo, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento e Inovação

Prof. Marcelo Gattass

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladolid Diniz (CTCH)

Prof. Francisco de Guimaraens (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

MULHER
DE FAVELA
EXPERIÊNCIAS
COMPARTILHADAS

NILZA ROGÉRIA NUNES

DSS Departamento de
Serviço Social

INTER EDITORA
SEÇÕES PUC
RIO

©**Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Casa da Editora PUC-Rio
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900
T 55 21 3527-1760/1838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Francisco de Guimaraens,
Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz,
Marcelo Gattass, Sidnei Paciornik.

Revisão de texto: Cristina da Costa Pereira
Projeto gráfico de capa e miolo: F/damatta Design
Diagramação de miolo: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nunes, Nilza Rogéria de Andrade

Mulher de favela [recurso eletrônico]: experiências compartilhadas / Nilza Rogéria Nunes. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2022.

1 recurso eletrônico (248 p.). – (Coleção Interseções)

Descrição baseada na consulta ao recurso eletrônico em 19 de out. de 2022

Inclui bibliografia

Exigências do sistema: conexão com a Internet, World Wide Web browser e Adobe Acrobat Reader

ISBN (e-book): 978-65-88831-77-9

1. Mulheres no desenvolvimento da comunidade – Rio de Janeiro. 2. Mulheres – Rio de Janeiro – Condições sociais. 3. Favelas – Rio de Janeiro. 4. Ativistas políticos. 5. Liderança em mulheres. 6. Mulheres negras. I. Título. II. Série

CDD: 305.4

Elaborado por Lizandra Toscano dos Santos – CRB-7/6915
Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio



E

C

CA

**Este livro é dedicado à dona Zica,
que nos inspira todos os dias e cuja
luta abriu caminhos para que tantas
mulheres pudessem fazer outras
escolhas para trilhar.**

A

NA

VA

Agradecimentos

Este livro traz consigo um elemento que desloca o campo da discussão para além do debate feminista e o coloca no âmbito da dinâmica sociopolítica urbana. É a favela, como território de realização desse poder. Falar de mulheres em posições de poder e liderança é, por si mesmo, um tema de indiscutível relevância para o cenário político, em particular em um país onde as relações de gênero são marcadas por uma dominância histórica do papel dos homens.

Com diferentes matizes, historicamente, as mulheres coloream a vida, subvertem a ordem, transmutam as relações assimétricas de poder. Assumem papéis e lugares específicos ao conviverem nos espaços públicos ou privados de diferentes formas, (re)inventam um jeito próprio de ser e de resolver a vida.

Carinhosamente, agradeço a cada uma das mulheres que confiaram suas trajetórias e cederam o seu precioso tempo para compartilhar suas experiências, e essas participantes e suas breves biografias se farão conhecer neste livro. Reconhecemos e aplaudimos cada uma delas que se coloca na luta pela construção de melhores condições para se viver. A riqueza de suas histórias é exemplo do que vocês fazem para que este mundo seja mais justo, mais humano e mais solidário.

Além das nossas protagonistas, outras mulheres estiveram conosco nesta caminhada. Em relação a elas, estagiárias de iniciação científica, esperamos ter contribuído para a formação profissional e para a construção de um olhar sensível sobre a importância de reconhecermos o protagonismo dessas histórias de vida e de ativismo. Obrigada a Julia Inácio Cabral, Maria Madalena Letícia Bezerra Paiva, Vania Mauricio Mendonça da Silva, Tainá

Silva Mariano. A Letícia Matos da Silva e Carolina Sthefany Cordeiro, para além do apoio e dedicação à pesquisa, agradeço imensamente o carinho e a atenção na sistematização das minibiografias das mulheres que estão neste livro.

E temos mais mulheres a agradecer! Às queridas Dais Rocha, pelo apoio incondicional nas minhas escolhas e parceria nas aventuras pedagógicas, à Anne-Marie Veillette, parceira das reflexões, aprendizados e escritas compartilhados; à Franciele Bonoldi, cujo tema nos propiciou o encontro e o mergulho nesses saberes; à Bianca Mattos, pelo trabalho estatístico cuidadoso desde os primeiros movimentos deste estudo e à Isabel Guia, pelo apoio e cuidado em dar materialidade através das imagens e por tanto aprendizado.

Minha gratidão a todas as pessoas que estiveram comigo ao longo dessa caminhada. E pelas conversas entre mulheres e sobre mulheres, feministas, negras, nós, mulheres, e tantas outras que trazem a marca da coragem e da determinação para desenhar a vida com outras cores.

E em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer-dizer, há muita palavra-ação. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e prever a imagem de um futuro que queremos (...) desde ontem, desde sempre... Nossas vozes propõem, discutem, demandam. Há muito o que dizer. Há muitos espaços ainda vazios de nossas vozes e faremos chegar lá nossas palavras. Há muito o que fazer-dizer. Não tememos. (Conceição Evaristo, 2009, p. 10).

Sumário

Prefácio	10
Apresentação	12
Diálogos com a promoção da saúde e os determinantes sociais	17
<i>Mulher de favela: uma aproximação ontológica de um sujeito político coletivo</i>	22
A favela: lugar de pertença e de suas agências	32
Quem são as mulheres de que estamos falando?	40
Escutatória com quem fez a história acontecer – anos 1980	41
Mulheres não nascem lideranças: percursos pessoais e coletivos	47
Mulheres de favela, quem são vocês?	55
A mediação <i>com e através</i> da parceria	72
Considerações finais	77
Referências	81
Mapas Georreferenciados	87
Biografias de Mulheres de Favela do Rio de Janeiro	92
Índice das Biografias	243

Prefácio

Quem põe os pés numa favela não pode deixar de notar a importância do protagonismo da mulher em tudo. Nas casas, organizações comunitárias, assim como em associações de moradores e na articulação com instituições públicas, há uma maioria de mulheres. Elas também estão particularmente presentes em várias lutas urbanas e políticas, inclusive contra remoções, brutalidade policial e a poluição de seu ambiente de vida, para dar apenas alguns exemplos. Surge assim a pergunta: “Por que elas?”.

Esta questão tão fundamental quanto a literatura científica sobre favelas que se concentra muito pouco nas mulheres. A falta de apreciação crítica de seu protagonismo deixa a porta aberta para as representações mais abjetas, em grande parte (mas não exclusivamente) transmitidas por certos meios de comunicação, políticos e figuras públicas, que mostram as mulheres das favelas como “mães de bandidos” ou como “guerreiras”. As mães dos bandidos são aquelas que são vistas chorando na televisão após mais uma operação policial: aquelas que, por darem à luz as crianças negras na favela, são pejorativamente percebidas como fábricas de bandidos e, conseqüentemente, tão fortemente responsáveis pelo sentimento de insegurança na cidade. A mulher guerreira, por outro lado, é retratada como a “outra” mãe, que após uma intervenção policial assassina na favela, fala em defesa dos jovens e de sua comunidade. Esta “guerreira” quase implausivelmente forte inspira pouca simpatia na medida em que ela se encaixa na imagem controladora das mulheres negras como infalivelmente resistentes e castradoras. Esta imagem, longe de valorizar as mulheres das favelas, muitas vezes justifica seu abandono total à dor e faz com que aquelas que “não exercem suas forças” sejam culpabilizadas.

Entretanto, como mostra a pesquisa de Nilza Rogéria Nunes, estas imagens estão longe da complexa realidade das mulheres das favelas. Elas apenas contribuem para retratar as mulheres das favelas como vítimas ou

inimigas, e assim “esquecê-las” dos processos urbanos. Esta negligência e o apagamento da produção científica nas favelas contribuem, por sua vez, para manter estas mulheres em um “não lugar” do conhecimento, e em um ativismo invisível que, no entanto, produz efeitos muito concretos sobre a construção da cidade. A investigação da Prof. Nunes é uma peça importante no andaime do conhecimento que visa não apenas a derrubar essas imagens controladoras, mas também a destruí-las.

Pode-se pensar que as mulheres que ela conheceu durante seus longos anos de atuação nas favelas são exceções à regra. De fato, a vida em muitas favelas do Rio de Janeiro é particularmente difícil para as mulheres, que têm que conviver diariamente com a violência (no lar, no beco, na rua e no resto da cidade), a pobreza (desemprego, monoparentalidade, fome e dificuldades para encontrar moradia) e uma infraestrutura urbana (incluindo saneamento e transporte) muitas vezes deficiente. Embora a maioria das mulheres das favelas possam não se tornar as ativistas que inspiraram este livro, as histórias contadas pela Prof. Nunes mostram que este potencial de ativismo sempre está latente. De trabalhadora doméstica a sindicalista, da favela à Assembleia Legislativa, do Rio a Nova York, as mulheres cujas histórias aqui são apresentadas estão se transformando, e, ao fazê-lo, ajudam a transformar não só a favela, mas também sua cidade. Elas estão trabalhando arduamente para denunciar as injustiças que estão tirando a vida de seus filhos e de sua vizinhança. Elas lutam sempre para serem reconhecidas não apenas como cidadãs e habitantes da cidade, mas como seres humanos plenos. E, quando agem, levam com elas toda uma comunidade.

Portanto, este livro deve ser lido como uma biografia. Mas esta biografia é tanto sobre as mulheres das favelas quanto sobre a cidade. Está interessada no que ficou à sombra da urbanização da cidade, e na sombra criada pela insistência em temas como a “marginalidade urbana” para entender as favelas. Cada vez que as linhas destas páginas forem percorridas, um pouco desta sombra desaparecerá.

Anne-Marie Veillette
Montréal, julho, 2022

Apresentação



O trabalho apresenta a trajetória sociopolítica e intelectual de mulheres, cuja base de seu ativismo social se deu a partir dos territórios das favelas nas quais nasceram, cresceram, viveram ou habitam. A favela, todavia, não circunscreveu o ativismo dessas mulheres. Em vez disso, foi a base a partir da qual se lançaram no debate político mais amplo cujo cerne reside no lugar simbólico e político ocupado pela favela na cena urbana. Com efeito, o que o ativismo dessas mulheres mostra é um processo emancipatório como mulher e como favelada. Algo que, fundamentalmente, coloca-se no âmbito do direito à cidade e, de forma ampliada, a uma cidadania global. Ele traz consigo um elemento que desloca o campo da discussão para além do debate feminista e o coloca no âmbito da dinâmica sociopolítica urbana.

O livro *Mulher de Favela – experiências compartilhadas* é resultado da pesquisa nomeada “Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a atuação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro”¹, que teve como objetivo identificar e dar visibilidade às múltiplas formas de enfrentamento das iniquidades através dos saberes e das práticas locais protagonizadas pelas mulheres que exercem esse papel de liderança nas favelas do Rio de Janeiro.

O estudo divide-se em duas partes: a primeira apresenta as oito entrevistas com mulheres negras que travaram lutas anterior aos anos 1980 e uma segunda parte que apresenta um mapeamento com 200 mulheres reconhecidas como lideranças, ativistas comunitárias ou mulher de favela (Nunes, 2018), representando 169 favelas do Rio de Janeiro, que foram

1 Agradecemos o apoio do Edital Universal do CNPq – 2018 e também o apoio de bolsas de Iniciação Científica através da FAPERJ para a realização deste estudo.

entrevistadas com um questionário semiestruturado. Os resultados apontam que, a partir das evidências e sinergias, reconhecemos o crescimento do protagonismo feminino nos territórios segregados socioespacialmente a partir de sua participação enquanto um sujeito político coletivo que atua no enfrentamento cotidiano das iniquidades que acometem os espaços populares e na afirmação de uma sociedade democrática e participativa.

Diante do cenário no qual as desigualdades sociais e de saúde estão expressas de forma cada vez mais acentuada junto às populações mais vulneráveis, identificar e reconhecer modos de viver e atuar nesse contexto são fundamentais para que possamos contribuir efetivamente com a redução das iniquidades. Reunir informações e contribuir com a visibilidade sobre quem são e as práticas das mulheres que são identificadas e publicamente reconhecidas como liderança são imprescindíveis, pois há muito que conhecer sobre suas ações nos espaços populares, na atuação junto aos serviços, no sistema de garantia de direitos e na promoção da saúde. Estas mulheres atuam a partir da solidariedade horizontal, cujo compromisso caminha por novos trilhos de fazer política na base, ocupando espaços de participação social, seja nos movimentos da sociedade civil, seja através dos conselhos de direitos ou mesmo de suas organizações de base.

Mulher de Favela (Nunes, 2018) – constructo teórico elaborado pela autora em sua tese de doutorado e realizado com 15 iconográficas mulheres moradoras de favelas do Rio de Janeiro que deram corpo e sopraram vida ao conceito – se refere a um sujeito político que se constrói a cada dia. Ativistas ícones da luta cotidiana de um segmento de mulheres de nossa população, que vivem subalternizadas a um modelo de desenvolvimento que delimita e cerceia o acesso e a garantia de direitos, elas fazem do seu cotidiano uma história de luta e de tomada de consciência permanentes, reinventando uma práxis² política (Fonseca, 2012). Esta mulher traz em si a inquietude

2 A filosofia da práxis é, para Gramsci, construção de vontades coletivas correspondentes às necessidades que emergem das forças produtivas objetivadas ou em processo de objetivação, bem como da contradição entre estas forças e o grau de cultura e de civilização expresso pelas relações sociais (GRAMSCI, 1987).

de uma revolução silenciosa de comportamentos (Del Priori, 2009), cuja liberdade se anuncia todos os dias. Aqui, a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social fica explicitada, permitindo a visibilização do feixe de fundamentos da desqualificação da *mulher negra* brasileira – uma categoria ontológica correlata, assim descrita pela visionária filósofa Lélia González há mais de quatro décadas.

Falar de liderança e ativismo é muito simplista quando esses temas se entrelaçam. Estamos aqui falando de um arranjo complexo, em que lugares sociais se sobrepõem, se conflitam e se acomodam. Não se trata de uma equação simples, em que o poder e a liderança naturalmente emergem como resultado de ativismo e “militância”. O poder que essas mulheres conquistaram extrapola a dimensão das lutas comunitárias, da influência política por elas acumulada. Mais do que isso, esses poderes emergiram de um processo de luta que atravessou a dominação masculina, cuja retórica romantizada das lutas populares muitas vezes oblitera.

Estamos atentas às novas representações sobre as favelas que se materializam nas falas, sobretudo, quando os sujeitos que falam são considerados – e se consideram – pessoas de referência. Como nos ensinam Lélia Gonzalez (1986) e Sueli Carneiro (2003), essas mulheres cotidianamente rompem com as tentativas de seu silenciamento, trazendo em suas narrativas vivências e experiências ecoando suas vozes. Assim, devemos examinar as tensões, representações e práticas das mulheres nesses contextos de exercício e consolidação do poder no âmbito local, nos inspira a realizar este trabalho. Examinar como e a partir de quais relações específicas, no tempo e no espaço, as experiências participativas da *mulher de favela* se deram e permanecem até hoje nas organizações de base comunitária e na construção de espaços de luta por políticas públicas que asseguram garantia de direitos em prol da sua cidadania e dos demais moradores. Baseando-nos nessa premissa, pretendemos discutir a “feminização do poder” nestes territórios, uma vez que este pode ser compreendido como um processo histórico da conquista feminina de acesso às estruturas de poder culturais, sociais, econômicas e políticas (Fonseca et al., 2008) de subalternização, o que a tem

levado a se organizar com o objetivo de revolucionar a materialidade da sua condição de vida.

A favela exerce papéis essenciais para a cidade: geográfico, econômico, social e político. Ela é parte da cidade, embora historicamente tenha sido recusada sua existência devido a sua imagem negativa, sinônimo de insegurança e violência. Essa visão homogeneizadora, e um discurso voltado quase que exclusivamente para as ausências corroboram a imagem construída de não reconhecimento do morador de favela como um agente ativo e atuante, inserido no tempo e no espaço da cidade – portanto, cidadão sujeito de direitos. Demarcada por fronteiras físicas e simbólicas que conformam áreas de separação e contato de “práticas socioespaciais que se desenham na paisagem, que marcam e individualizam lugares e formas de pertencimento e que expressam territorialidades e formas de apropriação do urbano” (Fernandes, 2012, p.160).

Buscando um entendimento nosso do que seja “favela”, nos valeremos da sistematização conceitual realizada por Lícia Valladares (2005) e compartilhada por vários autores (Fernandes, 2012; Telles, 2013), que lhe confere um diálogo entre a irregularidade da ocupação do espaço urbano, a pobreza e a violência com manifestações culturais que constroem marcas de identidade; que traz a marca do território urbano dos pobres – uma “cidade dentro da cidade”, enclave e território da partição, símbolo da segregação socioespacial, mas que traz o sentido de comunidade, em que se evidencia uma realidade plural e multifacetada.

Isso se contrapõe à compreensão estereotipada que o imaginário social do conjunto da cidade reconhece como favela, sempre associada à reprodução do lugar subalterno e ao estigma que hoje se associa à cultura da violência. Há prevalência da representação do que a favela não tem, e pouco se compreende sobre a solidariedade, as relações de vizinhança, a representação cultural e a força do povo, que de fato fazem um movimento ainda que silencioso de permanente resistência à lógica da “exclusão”.

Quando nos referimos à favela, por vezes também a chamamos “comunidade” por essa ser uma forma comum de como seus moradores a

nomeiam, e também território – nomenclatura essa amplamente utilizada pelas políticas públicas para designar delimitações geográficas. No entanto, quando trazemos a noção de território o fazemos na perspectiva do vivido, uma vez que, em qualquer acepção, há relação com o poder no seu sentido mais concreto, de dominação, mas também no sentido mais simbólico, de apropriação (Haesbaert, 2004).

Em diálogo com Lefebvre (1980), esse estabelece uma distinção entre apropriação e dominação (“possessão”, “propriedade”), a primeira sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, e a segunda mais concreta, funcional e vinculada ao valor de troca, e que para o autor deveriam caminhar juntas. Assim, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica”, (Haesbaert, 2004, p.95-96).

Quando em referência às territorialidades, nossa compreensão perpassa o território entendido como “um campo de forças que entre as várias articulações possíveis se dá como uma rede de relações sociais que ganha sentido por sua complexidade interna” (Nóbrega, 2013, p.12). Sendo assim, essa é “identificada pelo conjunto de práticas sociais que são definidas pelas relações de poder e pela apropriação simbólica de uma área geográfica por grupos e indivíduos, colocando assim o território como a manifestação dessa territorialidade” (Nóbrega, 2013, p.13).

Ao nos referirmos às mulheres no exercício de suas territorialidades, buscamos compreendê-las a partir de suas ações e conexões que desenham complexas territorialidades, em geral na forma de territórios-rede, pois está ligado “como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (Haesbaert, 2004).

O poder que buscamos compreender no âmbito deste estudo está relacionado como sendo a “multiplicidade das relações de força que são imanentes ao domínio em que elas se exercem e são constitutivas de sua

organização. O poder é parte intrínseca de toda uma relação” (Raffestin, 1993, p. 54). Contudo, o poder não é único e nem é possível achá-lo materializado. Está em todo lugar, não a partir de uma lógica universalizante, mas brota de todos os lugares e se manifesta nas relações quando dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam. Dessa forma, entendemos o poder como multidimensional, e essa postura incentiva um olhar para as relações quotidianas, para as relações de poder em todas as escalas.

É com um conhecimento acumulado pelas vivências que se interpreta a realidade. Os saberes são elaborados sobre e a partir da experiência concreta por essas mulheres, da mesma forma que se faz necessário reconhecer que a cultura popular, que vem dos saberes do povo, é também a «memória da alternativa.... uma exigência, sempre postergada e longínqua, da realização de justiça” (Chauí, 1990, p. 63).

Nossa discussão aponta para a necessidade de chamar a atenção sobre a valorização das mulheres nas políticas sociais contemporâneas, cujos discursos ancorados na noção de empoderamento e protagonismo feminino requerem amplo debate acerca dos estereótipos que circundam essa visão de gênero corresponsabilizando as mulheres em diversas circunstâncias, uma vez que, na hierarquia das relações sociais, elas sempre foram associadas ao patamar inferior e os homens ao superior. Quando destacamos o protagonismo que essas mulheres exercem, estamos focando no seu engajamento em lutas por justiça social e cidadania.

Diálogos com a promoção da saúde e os determinantes sociais

A promoção da saúde é um conceito em construção permanente, que apresenta amplitude e complexidade (Mendes, Fernandez e Sacardo, 2016). Este conceito emerge na Conferência Internacional de Alma Ata (1978) cuja delimitação do seu campo de “ações e conceitos que culminaram na I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, realizada em Ottawa no Canadá” (Ottawa, 1986, p. 814). A Carta de Ottawa preconizou cinco âmbitos de ação para a Promoção da Saúde: 1) elaboração e implementação de

políticas públicas saudáveis; 2) reforço da participação da comunidade na gestão do sistema de saúde; 3) reorientação do sistema de saúde; 4) criação de ambientes favoráveis à saúde; e 5) ênfase na mudança de estilos de vida (Furtado e Szapiro, 2012).

De acordo com Furtado e Szapiro (2012 apud Mattioni et al, 2022), os conceitos acerca da promoção da saúde se integram em dois grandes grupos: no primeiro, se relacionam ao âmbito coletivo e às influências do ambiente e dos determinantes sociais no processo saúde-doença. Nesse grupo, encontramos as políticas públicas saudáveis e o empoderamento (*empowerment*) dos saberes das comunidades. No segundo grupo, estão as questões relacionadas aos estilos de vida e à adequação aos hábitos considerados saudáveis, com ações que promovem a educação para o enfrentamento dos riscos relativos aos comportamentos individuais.

A partir da crítica à visão utilitarista de que a saúde está relacionada às condições socioeconômicas que contribuem para os resultados de saúde de uma população, ganha visibilidade e amplitude o conceito de determinantes sociais da saúde (DSS), contribuindo para a criação da Comissão Internacional sobre Determinantes Sociais da Saúde, instituída pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2008). Este grupo propôs uma base conceitual para análise e ação em relação aos determinantes sociais da saúde que ilustra as maneiras pelas quais os determinantes sociais afetam os resultados de saúde, explicando as ligações entre eles e os caminhos em que contribuem para as desigualdades de saúde entre os grupos da sociedade, reforçando a crescente evidência da estratificação social do estado de saúde (WHO, 2008).

Lançada em março de 2006, revisada em 2014, a Política de Promoção da Saúde (PNPS) brasileira baseia-se no conceito mais amplo de saúde e indica estratégias para “promover o desenvolvimento humano e reduzir a vulnerabilidade e os riscos à saúde relacionados aos seus determinantes sociais – modos de viver, condições de trabalho, habitação, meio ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais” (Brasil, 2006; Brasil, 2014). Seu alcance requer que as desigualdades étnicas, sociais, regionais,

de gênero, sexuais, entre outras sejam reduzidas e, para tal, diversos atores sociais devem estar envolvidos em sua construção, por meio da autonomia individual e coletiva, mas buscando formas de alcançar a efetividade de ações que promovam saúde e desenvolvimento humano (Brasil, 2006). Para que isso seja alcançado, é necessário que se reconheça a saúde como sendo o resultado de vários determinantes, incluindo fatores socioambientais.

Sendo assim, relacionar a atuação das *mulheres de favela* e suas experiências frente aos DSS é objetivo deste projeto de pesquisa. Discutir a relação entre saúde e as experiências dessas mulheres nesses territórios urbanos permeados por injustiças sociais nos possibilitará aprofundar as estratégias e os caminhos possíveis para atuar nas dimensões da saúde, conectando-a social, cultural e politicamente.

Tradicionalmente o conceito de saúde, reduzido à simples ausência de doenças, propõe uma visão puramente biológica, sendo hoje amplamente contestado por não ter aplicação na análise da determinação social da saúde. Assim, a partir da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), um conjunto organizações acadêmicas estuda a determinação social do processo de saúde e doença: a medicina social latino-americana, a saúde coletiva no Brasil e o movimento de promoção à saúde no Canadá (Rocha e David, 2015).

As perspectivas orientadoras e as implicações para a saúde são destacadas na Teoria da Produção Social da Saúde, na qual os conceitos de Determinação Social da Saúde e de Determinantes Sociais da Saúde (DSS) advêm de diferentes concepções filosóficas. Não nos adentraremos nessas diferentes matrizes conceituais, uma vez que estas abordagens revelam que os fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais podem interferir, ampliando ou restringindo as possibilidades de saúde das pessoas positiva ou negativamente. A compreensão sobre os mecanismos que acarretam iniquidades de saúde não pode ser avaliada somente pelas doenças geradas, pois vai além, influenciando todas as dimensões do processo de saúde das populações, tanto do ponto de vista do indivíduo, quanto da coletividade na qual ele se insere (Buss e Filho, 2007).

De acordo com a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), são considerados DSS os fatores que estão relacionados às condições em que uma pessoa vive e trabalha, sendo esses sociais, econômicos, culturais, étnicos-raciais, psicológicos e comportamentais e que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego. No entanto, a atuação dessas mulheres ganha contornos mais complexos ao considerarmos que os territórios populares são notadamente espaços com múltiplas expressões de desigualdade, vulnerabilidade social e relações assimétricas de poder.

Essas mulheres representam um fenômeno que vem crescendo notadamente a partir dos anos 1990 e que podemos classificar como “feminização do poder” (Nunes, 2018). Anunciando a construção cotidiana dessa mulher e seu lugar de destaque social e político, suas agendas se constroem através de práticas e atitudes que preconizam o enfrentamento dos problemas que permeiam os seus locais de moradia e que, conseqüentemente, acometem a saúde dos que ali residem. Inquieta-nos ainda se tais atuações se refletem sobre o campo feminista que se pode compreender como “feminismo em movimento” (Alvarez, 2014) ou mesmo o chamado “popular feminismo” (Veillette, 2018). Esses entrecruzam-se com as questões relacionadas aos estudos feministas que apontam para novas reflexões nos âmbitos brasileiro e latino-americano, nos apresentando possibilidades que poderão subsidiar outros estudos. Devem-se verificar as formas de resistência e mobilização para o enfrentamento das iniquidades de saúde geradas pelos DSS a partir da atuação das *mulheres de favela*.

Nas últimas décadas, houve um substancial avanço acerca dos estudos sobre as iniquidades em saúde entre grupos populacionais decorrentes de suas condições de vida. Segundo Nancy Adler (2006 apud Buss e Filho, 2007), podemos identificar três gerações destes estudos em saúde:

A primeira geração se dedicou a descrever as relações entre pobreza e saúde; a segunda, a descrever os gradientes de saúde de acordo com vários critérios de estratificação socioeconômica; e a terceira e atual geração está dedicada

principalmente aos estudos dos mecanismos de produção das iniquidades ou, para usar a expressão de Adler, está dedicada a responder à pergunta: como a estratificação econômico-social consegue “entrar” no corpo humano?. (Adler, 2006 apud Buss e Filho, 2007, p. 81).

A iniquidade em saúde advém de diferentes estudos e concepções. De acordo com Buss e Filho (2007), uma análise considerada relevante privilegia os “aspectos físico-materiais” na produção da saúde e da doença, entendendo que as diferenças de renda influenciam a saúde pela escassez de recursos dos indivíduos e pela ausência de investimentos em infraestrutura comunitária (educação, transporte, saneamento, habitação, serviços de saúde etc.), decorrentes de processos econômicos e de decisões políticas. Uma segunda análise se dá a partir dos fatores psicossociais que acometem indivíduos e grupos baseados nas experiências desiguais que provocam estresse e prejuízos à saúde, e uma terceira se pauta nas condições de vida e no grau de estabelecimento de vínculos e associações entre os indivíduos e grupos.

Importa-nos evidenciar as práticas dessas lideranças femininas das favelas para que possamos compreender como suas ações se (co)relacionam aos determinantes sociais da saúde e o quanto isso é intencional. Para tal, pensar a atuação das lideranças femininas das favelas sob o olhar da saúde implica reconhecer a necessária reflexão acerca da atuação dessas personagens sobre os processos geradores de desigualdades socioespaciais e a necessária articulação com movimentos sociais envolvidos em processos de mobilização e resistência (Porto et al., 2015). Nesse sentido, consideram-se os avanços teórico-metodológicos da saúde coletiva brasileira, em especial no debate sobre essa temática.

Quando compreendidos como DSS, de acordo com a Declaração Política do Rio sobre Determinantes Sociais da Saúde (2011), estes incluem as experiências do indivíduo em relação à educação, à situação econômica, ao emprego e ao trabalho, à habitação e ao meio ambiente, além de sistemas eficientes para a prevenção e o tratamento de doenças. Assim, as intervenções sobre esses determinantes são essenciais para que as sociedades sejam inclusivas, equitativas, economicamente produtivas e saudáveis.

Mulher de favela: uma aproximação ontológica de um sujeito político coletivo

A mulher contemporânea traz substantivas diferenças do seu papel na sociedade, aqui compreendida na sua abrangência em nível local e global em relação ao que era exercido ao longo da história, cuja construção e prática social decorreram de um modelo societário hierárquico, autoritário, patriarcal e, conseqüentemente, dominador.

Ser mulher, ser negra e ser favelada no Rio de Janeiro é objeto de múltiplas discriminações, uma vez que os estereótipos gerados pelo sexismo, pelo racismo e pela sua condição social as colocam na extremidade da subalternidade. Assim, relacionamos uma confluência de opressões que recaem sobre essas e as outras mulheres que coabitam os espaços das favelas. Para tal, destacamos as dimensões de gênero, raça e classe que nos remetem à noção de interseccionalidade propagada por Kimberlé Crenshaw (2002).

Seguindo algumas teóricas do feminismo negro (Gonzalez, 1982; Hooks, 2014, 2019; Carneiro, 2002; Collins, 2016; Werneck, 2015; Akotirene, 2019; Kilomba, 2019), podemos afirmar como as opressões estruturais estariam interconectadas numa matriz de dominação que influencia todos os níveis das relações sociais e perpassa os planos individuais e coletivos, e como essas estruturas são visíveis e permeáveis quando nos referimos às mulheres das favelas. No entanto, evidenciamos que algumas delas subvertem essa ordem e buscam construir outros caminhos para a estrutura social vigente.

No entanto, essa mesma sociedade viveu a inversão do modelo clássico de Modernidade, tão fortemente polarizado, em que as categorias dominadas – aqui expressa pelas mulheres – transformaram-se em movimentos sociais, cortando seus laços de dependência, abrangendo uma “... trajetória de lutas e resistência das mulheres contra a condição de subalternidade” (Canto, 2012, p. 39).

As intelectuais negras brasileiras, pautando uma luta de sujeitos políticos singulares, refletem sobre os efeitos do racismo na população negra, que

impacta sobremaneira as mulheres. As condições históricas, amplamente conhecidas conformam uma relação de “... coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular” (Carneiro, 2002, p. 169).

Não cabe aqui reproduzir a historicidade deste processo, mas sim pontuar suas marcas na identidade do povo brasileiro, em especial das mulheres negras. Essa herança colonial e a persistência desses paradigmas no período de pós-Abolição terão impacto negativo na construção de uma perspectiva unitária de luta das mulheres pela sua emancipação social (Carneiro, 2002, p. 172). As mulheres negras desenvolveram e desenvolvem uma subjetividade própria e uma expressão política distinta, já que muitas vezes elas não têm “lugares” nos movimentos sociais em que elas experienciam racismo, sexismo e classismo.

A caminhada desde então foi longa. A partir do final do período colonial, a configuração do lugar da mulher negra na sociedade brasileira manteve-se na mesma situação: na “periferia” da família patriarcal, com seu uniforme, avental e espanador. Não estar nesse lugar de serviçal da família a levou para a condição de serviçal nos outros espaços ocupacionais da sociedade capitalista, na qual estiveram a ela reservados os lugares das condições mais subalternas entre as subalternas reservadas às mulheres ao longo do século XX. No que se refere particularmente à mulher pobre brasileira, as formas de dominação e opressão eram normativas e aceitas pela verticalização de poderes: do masculino, de classe e – muitas vezes – da população branca. A relação de subalternidade estava flagrante em toda a ordem social – na casa e nas relações de trabalho (seja no interior da própria casa ou de outros(as), seja em funções pouco valorizadas e parcamente remuneradas, tais como: bordadeiras, costureiras, lavadeiras, manicures, quituteiras etc.).

Embora poucos sejam os registros históricos que antecedem os anos 1930, elas nunca se calaram, ainda que por vezes tentaram silenciar suas vozes. Destaca-se nessa trajetória, a atuação da professora Eunice de Paula Cunha, quando anuncia uma voz feminina denunciando o papel social reservado as jovens negras – o trabalho doméstico (Schumacher e Vital Brasil, 2000, p. 214). A mineira Laudelina de Campos Melo, que começou a atuar

em organizações de mulheres tornando-se ativista do grupo Frente Negra Brasileira (Schumaker e Vital Brasil, 2000, p. 310), também traz grande contribuição nesse período, mas com especial destaque para a criação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, em 1950. Fundado por mulheres vinculadas ao Teatro Experimental Negro, amplifica a defesa de direitos das empregadas domésticas, profissão exercida em sua maioria por mulheres negras.

No entanto, a consciência de um grupo de mulheres negras, indígenas, trabalhadoras e pobres floresce em um movimento nos anos 1970, mas que ganha força, principalmente, a partir de 1985. Esse período é marcado pela expansão do pensamento das intelectuais negras brasileiras, colocando em pauta que a luta política do movimento feminista não incidia diretamente sobre as especificidades das mulheres negras, uma vez que, tanto o racismo quanto o patriarcado operavam de forma a perpetuar sua subordinação na hierarquia social (Ratts, 2006).

Ao trazer para o centro de uma reflexão ontológica sobre o devir a *mulher de favela*, o papel ocupado pelas mulheres negras intelectuais nos discursos sobre racismo e sexismo implica necessariamente passar pelo pensamento de uma das suas mais importantes representações: Lélia Gonzalez.

Já na década de 1980, ela apontava com clareza para o fato de que a inserção da temática racial precisava ganhar espaço no debate feminista, uma vez que as implicações dos legados sociais do período escravocrata na vida das mulheres negras eram ignoradas pelo movimento feminista, assim como as práticas machistas decorrentes do modelo patriarcal estavam presentes no interior do próprio Movimento Negro Unificado, o que impedia a inclusão das agendas políticas da mulher negra em ambos os projetos políticos.

Dois iniciativas marcam esse processo de mobilização das mulheres negras e dentre essas muitas *mulheres de favela*: o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, em 1983, do qual Lélia Gonzalez, Jurema Batista, Geralda Alcântara, entre outras participaram; e o Centro de Mulheres de Favelas e Periferias – CEMUFP, que contava com a atuação de diferentes

representações de favelas: Chapéu Mangueira, Morro dos Cabritos, Rocinha, Jacarezinho, Morro dos Macacos, Parque Vila Isabel, Pau da Bandeira, Andaraí e Praça Onze, entre outras. As mulheres – nomeiam-se Sandra Helena Torres Belo, Alda Cotta, Heloisa Marcondes, Joana Angélica, Cristina Dorigo, Maria Alice, Benedita da Silva e outras mais – atuavam nesta organização e estiveram na Comissão Organizadora do I Encontro de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (Moquetá, Nova Iguaçu/RJ, 1987). Elas atuaram dentro e fora das favelas, dos partidos, dos movimentos feminista e de mulheres negras, do movimento negro, do movimento de favelas e de associações de moradores (Werneck, 2011). A participação ativa desse segmento na FAFERJ foi fundamental para a criação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social visando o atendimento das demandas da época.

No entanto, as dificuldades para o estabelecimento de conexões do movimento de mulheres negras e o movimento feminista, cujas marcas foram reveladas pelas desigualdades estruturais e diferenças políticas, começaram a despontar nos encontros para discussão e construção de uma pauta política.

Neste contexto, cabe destacar o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado na cidade de Bertioga, São Paulo/Brasil, em 1985. Naquele evento, entra em cena outro segmento de mulheres que até então não havia demarcado o seu “lugar de fala” na luta das mulheres: as mulheres de favela do Rio de Janeiro.

Participaram deste encontro 850 mulheres das quais 116 se declararam negras e mestiças (Ribeiro, 2008). Pauta-se por esse segmento o debate sobre racismo e feminismo, demarcado por depoimentos das participantes que apresentavam as dificuldades que permeavam a realidade vivida pelas mulheres negras. Esse encontro foi importante para que houvesse uma reflexão acerca da imagem do próprio movimento feminista brasileiro, considerando suas bandeiras de luta e as possibilidades de aliança frente aos diferentes interesses e segmentos.

Ainda seguindo os registros de Matilde Ribeiro (2008), um ônibus vindo do Rio de Janeiro com mulheres negras de movimentos de bairro

(favelas e periferia) e demais setores como partidos políticos reivindicavam sua participação no Encontro sem terem realizado inscrição sob a alegação de não terem recursos para tal. Aquelas diziam ter vindo para ficar. Marcando posição, as negras que estavam no ônibus e outras participantes do evento alegavam o direito de participação frente ao grupo organizador (composto, em sua maioria, de mulheres brancas). Esse conflito expressou uma marca pelas diferenças raciais, mas também pelas questões de classe.

Estas participantes ativas – mulheres negras e pobres – desta vez marcam seu lugar como *mulheres de favela*. Essa presença acentuou o debate sobre inclusão e exclusão e ainda emergiu o debate em que as questões de raça e classe, que de fato até então não ocupavam o mesmo lugar, demarcaram um espaço de luta no qual: “... os privilégios de classe, raça e de orientação sexual hétero estruturaram as relações de poder entre as mulheres na sociedade e dentro do próprio feminismo” (Alvarez et al. 2003, p. 5).

Esse episódio teve segmento e, em 1988, as mulheres negras deram impulso à construção de uma agenda própria intensificando as reflexões e sobre as opressões racial e de gênero, dando sequência a uma ampla participação no IX Encontro Nacional Feminista e realizando o I Encontro Nacional de Mulheres Negras que ocorreu em Valença/RJ e contando com a participação de 450 mulheres negras de 17 estados do país, representando diferentes setores e experiências organizativas (Ribeiro, 2008, p. 450).

Foi a partir do surgimento do Coletivo de Mulheres Negras que esta agenda se conformou, afirmando uma pauta política própria. As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem de “mãe preta”. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. “São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo” (Ribeiro, 2008, p. 988). A saída da esfera doméstica (e, muitas vezes, da prestação do serviço doméstico que lhes foi designado desde sempre) traz consequências. As mulheres negras ocupam o espaço da favela e

da cidade. Da despolitização passam a influenciar nos processos decisórios da agenda pública.

Quando se coloca como questão política outra demanda para as mulheres negras, considera-se o negro³ não como uma vítima da sociedade, mas como um participante ativo da construção sócio-histórica do país. Assim, conforme atesta Sueli Carneiro (2002, p. 176), “num espectro cromático, que vai da preta à mestiça, passando por mulatas, pardas, morenas-jambo e tantas outras designações utilizadas em nossa sociedade, elas promovem em primeiro lugar a fragmentação da identidade racial negra”.

Falar dessa mulher é falar de um corpo estético político, uma vez que o corpo traz experiências singulares de exclusão (Carneiro, 2002). As representações da mucama e da mãe preta, transportadas para a mulata, a empregada doméstica e a babá, traduziam certas imagens que confinam as mulheres negras a determinados lugares e papéis sociais, restringindo-as ao sexo e ao trabalho manual, em particular das casas de família (Heilborn, Araújo e Barreto, 2010). Isso gera uma espécie de “asfixia social”, com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida.

Como nos ensinou Lélia Gonzalez (1982, p.97), “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão”. Essa construção imagética e naturalizada constitui a “... dimensão abjeta desses corpos *negros*” e ainda que “... não considerados inteligíveis e, portanto, destituídos de legitimidade política e normativa, existem e resistem” (Canto, 2012, p. 45).

Ainda sobre o devir *mulher negra*, Vanessa Santos do Canto (2012) argumenta com Franz Fanon (2008) que a liberdade é o seu destino, uma vez que o corpo que marca o seu processo de identificação o retrai a uma

3 Em termos oficiais, a população brasileira é declarada por cor ou raça de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena, entendendo-se a população negra como somatório de preto e pardo. No entanto, essa classificação não engloba a moral, social e política da categoria *negra*. Ver: Indicadores mínimos (IBGE, 2013). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm> Acesso em 20/04/2022.

construção orgânica de sua história. Assim, “... o mesmo corpo que a torna mulher negra deve ser seu instrumento de subversão” (Canto, 2012, p. 47), o que traz para o centro do debate uma construção política própria e legítima.

Enquanto categoria de análise, a questão de gênero e raça não está posta como um consenso no debate acadêmico, cuja crítica de algumas feministas aponta para a crescente heterogeneidade que busca a marca do feminismo da diferença, ou a afirmação do reconhecimento da diferença. Para Judith Butler (1990), em termos dos discursos da diferença, faz-se necessário enfatizar que esses interstícios não devem continuar sendo percebidos apenas como espaços ontológicos, abstrações desconstrucionistas ou sinais da diferença pura. Sem dúvida, eles também são o produto, o material e os efeitos simbólicos de desequilíbrios históricos. Em uma reflexão mais extrema, seguimos Maria Lugones e Oyèrónké Oyewùmí, que apontam que a relação de poder por trás do gênero era diferente ou não era uma relação de poder. No entanto, este é um debate sobre o qual não nos debruçaremos aqui, mas sinalizamos nossa concordância de que, neste momento, raça e gênero passam por rupturas epistêmicas relacionadas a “conquista e colonização para a invenção da raça e a história da espécie para o gênero dentro da estabilidade da episteme que as criou (Segato, 2021, p. 99).

Assim, o sujeito político *mulher negra* afirma uma agenda política após 1990, a partir da consciência dos limites de que a concepção feminista hegemônica não contemplava temáticas específicas relacionadas à questão racial no conjunto de sua plataforma. Essa consciência está orientada pela “tríade de militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe” (Carneiro, 2002, p. 181). Assim, a construção da cidadania para as mulheres não brancas envolve questões que extrapolam as condições e as formas de discriminação e que são “produto das relações assimétricas entre o homem e a mulher existentes na sociedade” (Carneiro, 2002, p. 182).

A agenda política da mulher negra ganhou amplitude no debate feminista a partir desse período, sendo explicitada nos documentos da

Articulação de Mulheres Brasileiras Rumo a Beijing⁴. Naquele documento expressaram-se as demandas do movimento, sendo este notadamente um momento importante para o estreitamento da solidariedade e de parceria entre mulheres negras e brancas, no qual expressa-se uma proposta das Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas. Para Carneiro, “o lugar a partir do qual as mulheres latino-americanas falam como um continente mestiço na língua, na corporalidade e na espiritualidade” (2002, p.189). Destacamos o fato de que nossos países estão integrados por populações multirraciais e multiculturais, em que a diversidade tem sido o aporte mais enriquecedor a nossas sociedades e à humanidade em si. Neste sentido, exigimos a participação substantiva das mulheres negras e indígenas nos espaços onde se decidem os destinos de nossas sociedades (Carneiro, 2002, p. 189).

As participações na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, em Viena (1993), e na Conferência sobre População e Desenvolvimento, no Cairo (1994), foram importantes para o crescimento da temática racial no movimento de mulheres. Após a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing, em 1995, e na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2000 e 2005, foram convocadas reuniões extraordinárias para avaliar os objetivos assinalados na Plataforma de Beijing e valorar o progresso da igualdade entre mulheres e homens. Desde então, constituíram-se em oportunidades privilegiadas para ampliar o debate sobre o papel da mulher em sua luta por uma sociedade multirracial e pluricultural, valorizando as diferenças em busca de maior equidade.

Assim, utilizando como referência os vários eixos do poder, consideramos raça, etnia, gênero e classe como os elementos que estruturam o tecido social, econômico e político sobre o qual se assenta o sujeito político *mulher de favela*. Decorre daí o nosso entendimento de que são as estruturas do racismo/xenofobia; do sexismo/patriarcado, e da opressão de classe que se

4 Ver: Beijing é aqui!: o processo de preparação do Brasil para a Conferência de Beijing, junho de 1995. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10180/10180_6.PDF. Acesso em 21/04/2022.

entrelaçam na construção e na sustentação dos mecanismos de subalternização/inclusão perversa da mulher moradora de favela, experiência humana e sociopolítica sobre a qual elas se constroem.

Cabe ressaltar que, quando referidas às mulheres negras, estas estruturas se intensificam, vulnerabilizando-as em uma ou mais categorias simultaneamente. Para fundamentar nossa compreensão da magnitude do problema, quando nos referimos à dimensão racial e social, se acentuam sobremaneira as consequências interativas do racismo e da discriminação sexual e que somente serão reveladas se essas práticas de subordinação interagem com, influenciam e são influenciadas por outras formas de subordinação (Crenshaw, 2002).

Esta representação da mulher pobre, não branca, moradora de territórios socialmente segregados – tais como os cortiços, as favelas e os subúrbios ou municípios afastados dos centros urbanos de poder – mais uma vez a desqualifica ao degradar a sua sexualidade e suas relações afetivas, homologando desejo com lascividade e pertença territorial com determinismo social, quando dela se trata.

As mulheres que encarnam este conceito vêm tomando consciência “de si” e “para si” trazendo um ativismo no seu cotidiano e fazem exigências: para si mesma e para a comunidade a que pertencem uma vez que “a comunidade pode ser considerada o lugar que dá sentido para a luta e permanência do lugar, um lugar que carrega ancestralidade e a reivindicação do pertencimento” (Chávez e Costa, 2021, p. 49). Pode-se supor que há um novo “consenso” sobre alcances e limites, cujo estado atual da negociação de poder entre feminino e masculino permite falar que, embora contribua para manter vivos muitos dos privilégios do masculino, têm uma ética bem definida e estruturada e é capaz de terminar relações que lhe pareçam indesejáveis ou inaceitáveis.

A visão homogeneizadora da favela, associada a um discurso voltado quase que exclusivamente para as ausências, corrobora a concepção construída de não reconhecimento do morador de favela como um agente ativo e atuante, inserido no tempo e no espaço da cidade – portanto, cidadão

sujeito de direitos. Definida por fronteiras físicas e simbólicas, conforma áreas de separação e contato de práticas socioespaciais que se desenham na paisagem, e que marcam e individualizam lugares e formas de pertencimento e expressam territorialidades e formas de apropriação do urbano. As mulheres vêm fazendo existência e resistência quando assumem esse lugar protagonista de uma luta social e política em defesa dos direitos de habitar. Fazem a gestão de territorialidades (redes) (Haesbaert , 2004, 2010; Ricardo, 2013) que se constroem como teias no interior do território da favela e fora dela, e se engajam na busca pela transformação de um coletivo que transcende suas relações pessoais, mas que evocam por todos e todas as que as cercam.

No exercício deste poder local, rompem com as fronteiras demarcadas pelo colonialismo (Quijano, 2005; Fanon, 2008; Lugones, 2014, Cardoso, 2014; Segato, 2021) e pelo racismo (Werneck, 2000; Kilomba, 2019; Souza, Alves e Ramos et al., 2022), pois estamos falando de mulheres – negras e pobres – que trazem no corpo múltiplas expressões de uma sociedade marcada pela opressão, pelo patriarcado e pela desigualdade (Sarti, 2015). Junto a estas incorporamos as brancas, igualmente pobres e moradoras dos espaços populares, e que também estão subjugadas às tais condições de opressão. Assim, ancoramos nossas reflexões principalmente nos referenciais do feminismo negro (Gonzalez, 2020; Collins, 2019; Davis, 2016), nos estudos decoloniais (Lugones, 2014; Maldonado-Torres, 2016) e na concepção da favela como espaço geopolítico (Silva, 2002; Barbosa, 2020), demarcado por uma sociabilidade que se estabelece nas contradições entre suas ausências e violências, mas também pelas presenças que se estabelecem pela solidariedade e pelos laços de vizinhança.

A favela: lugar de pertença e de suas agências

O lócus deste estudo é a favela⁵, muitas vezes também referenciada como comunidade ou território por parte de seus moradores, do poder público e da sociedade em geral. Muito embora nossa compreensão de cidade se dê de forma integral, o recorte socioespacial a que ela se refere especifica o que objetivamente pretendemos explorar. O lugar em que nos situamos no diálogo com essa temática a partir da escuta das narrativas dessas mulheres, reconhecendo a potência de suas vozes e experiências deve-se ao fato de reconhecemos o racismo e o sexismo na centralidade do debate sobre as mulheres negras potencializado na sua perspectiva interseccional e que nos mobiliza para o enfrentamento destas opressões.

A favela faz parte da paisagem do Rio de Janeiro. Fala por si com suas lendas urbanas, seus estigmas, seus contrastes e suas expressões de luta para habitar a cidade anuncia e denuncia as marcas profundas das desigualdades sociais. “Favelas surgiram como a materialização de quem precisa morar, trabalhar, e, mais que tudo, existir” (Silva, Barbosa e Simão, 2020, p. 9).

Desde a noção de cidade suja, da cidade malsã, associada ao receio de uma explosão ou de revolta social, dadas as péssimas condições de vida em que se encontrava a população pobre, vista como um perigo social. No início do século XX, período no qual a ocupação dos morros começa sua

5 Há uma vasta produção teórica que retrata a origem das favelas, sua historiografia e significado. Este percurso pode ser lido em: Silva, J.; Barbosa, J.L.; Simão, M.P. *A favela reinventa a cidade*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

expansão, a ocupação da cidade não admitia conviver com esses espaços, tidos como habitações de malandros, vagabundos, prostitutas, entre outros, que não condiziam com a imagem da bela cidade que então se constituía (Chalhoub, 1996).

Atravessamos o século XX. As favelas se multiplicaram, se expandiram e cresceram com a cidade, ampliando seus contrastes na paisagem. Pulsando inventividade e resistência, ocuparam espaço e se afirmaram como comunidades com seus caminhos para resolver a vida.

Morar na área central da cidade, ou próxima a ela, sempre foi condição de sobrevivência da população. Contudo, há de se considerar a conflitualidade estabelecida no âmbito da centralidade das relações de poder. No imaginário social, está estabelecida uma relação entre duas cidades distintas: a favela e o asfalto, ou a favela e o restante da cidade. Há a primeira, na representação da desordem, do medo, do local de moradia da “classe perigosa” (Valladares, 2000) que acompanha o imaginário dos habitantes da cidade desde o fim do século XIX até os dias de hoje. Ao último, o “asfalto”, está associada a imagem do local digno de se viver.

Essa visão homogeneizadora e um discurso voltado quase que exclusivamente para as ausências corroboram a imagem construída de não reconhecimento do morador de favela como um agente ativo e atuante, inserido no tempo e no espaço da cidade – portanto, cidadão sujeito de direitos (Fernandes, 2009). Essas fronteiras conformam áreas de separação e contato de práticas socioespaciais que se desenham na paisagem, que marcam e individualizam lugares e formas de pertencimento e que expressam territorialidades e formas de apropriação do urbano. Essas marcas se originam de confrontos e conflitos, das tensões e acomodações da diversidade e das diferenças que marcam a vida na cidade.

Buscando um entendimento do que seja favela, nos valeremos da sistematização conceitual do termo realizada por vários pesquisadores e trabalhadores sociais engajados na temática (entre os quais me incluo) e que passou por um processo de construção compartilhada a partir de um seminário promovido pelo Observatório de Favelas em 2009. Dessa experiência,

foram consolidadas as contribuições dos participantes, originando a seguinte diretriz, que se traduz hoje no que é a favela:

Moradas singulares no conjunto da cidade, compondo o tecido urbano e integrado a este que não seguem o padrão hegemônico que o Estado e o mercado definem como sendo o modelo de ocupação e uso do solo nas cidades. Esses modelos em geral são referenciados em teorias urbanísticas e pressupostos culturais vinculados a determinadas classes e grupos sociais hegemônicos que consagram o que é um ambiente saudável, agradável e adequado às funções que uma cidade deve exercer no âmbito do modelo civilizatório em curso. (Observatório de Favelas, 2009, p. 21).

Isso se contrapõe à compreensão estereotipada que o imaginário social do conjunto da cidade reconhece como favela, sempre associada à reprodução do lugar subalterno e ao estigma a que hoje se associa a cultura da violência. Há prevalência da representação do que a favela não tem, e pouco se compreende da solidariedade, das relações de vizinhança, da representação cultural e da força do povo, que de fato faz um movimento, ainda que silencioso, de permanente resistência à lógica da “exclusão”.

Do ponto de vista do poder público, há uma definição do que vem a ser favela, concebida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro por meio do Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (Sabren), que reúne informações sobre os assentamentos precários e informais cariocas. Para fins de definição, adotou-se a prevista na lei complementar nº 111 de 1/2/2011, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro (artigo 234)⁶:

- **Favela** – Área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência

⁶ Disponível em: <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acessado em 21 abril.2022.

de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes.

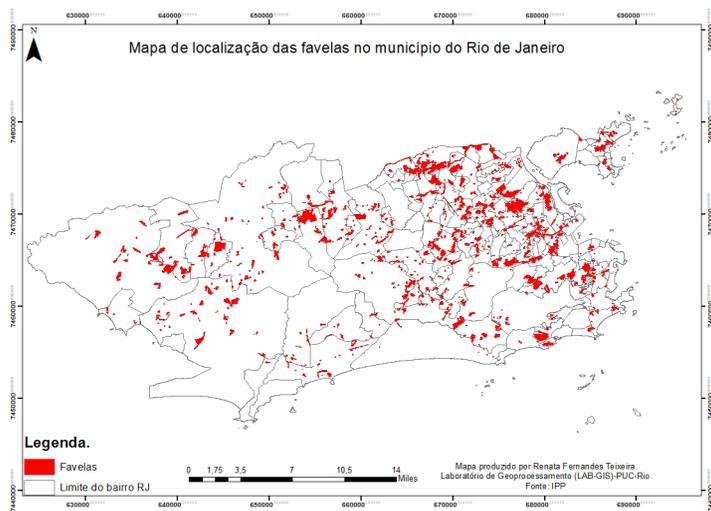
Outros conceitos relativos a esta temática:

- ***Aglomerado subnormal*** – É o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma dessas características: 1- irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou; 2- carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). (IBGE, Censo Demográfico 2010).
- ***Área de Especial Interesse Social (AEIS)*** – Área de Especial Interesse Social, AEIS, é aquela associada a Programas Habitacionais de Interesse Social – HIS, destinados prioritariamente a famílias de renda igual ou inferior a seis salários-mínimos, de promoção pública ou a ela vinculada, admitindo-se usos de caráter local complementares ao residencial, tais como comércio, equipamentos comunitários de educação e saúde e áreas de esporte e lazer (Lei complementar nº 111 de 1/2/2011, art. 70). É importante ressaltar que nem sempre os limites das AEIS coincidem com os limites dos assentamentos de baixa renda (favelas e loteamentos irregulares/clandestinos).

Conforme a Prefeitura do Rio de Janeiro, as favelas são agrupadas em duas categorias:

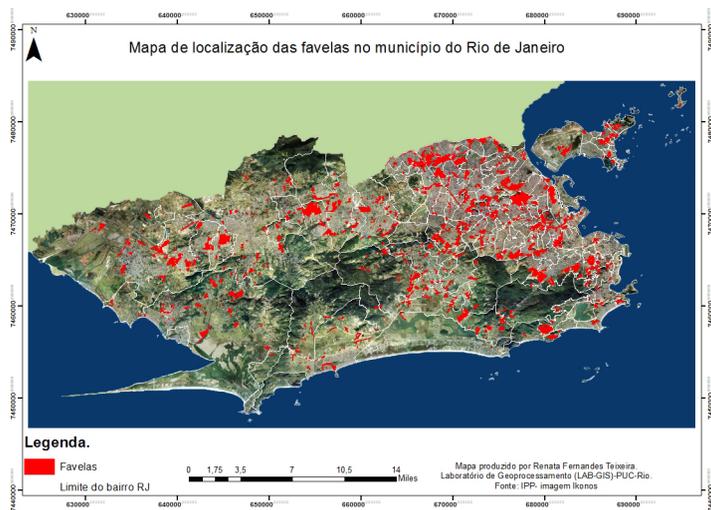
- **Favelas isoladas** – possuem limites claramente identificáveis, apresentando distância ou barreiras naturais (cursos d'água, morros etc.) ou construídas (estradas, viadutos etc.) em relação a outras favelas;
- **Favelas em complexos** – conformam, junto com outras favelas, uma única mancha urbana ou guardam fortes relações históricas entre si. Favelas separadas por elementos naturais ou construídos não formam complexos.

Figura 1 | Distribuição das favelas pelos bairros do município do Rio de Janeiro.



Fonte: Instituto Pereira Passos (2014).

Figura 2 | Foto de satélite do município do Rio de Janeiro com demarcação das favelas distribuídas por bairros.



Fonte: Instituto Pereira Passos (2014).

Segundo o site Wikifavelas (2022), o Rio de Janeiro possuía, em 2020, 790 favelas da cidade e uma população equivalente a 1.702.073 moradores, ou seja, 25,12% em relação à população estimada de 6.775.651 habitantes no município do Rio de Janeiro em 2020, segundo o IBGE (2022).

Comparado ao Censo 2000 (IBGE), o crescimento da população em aglomerados subnormais foi de 27,65%, enquanto a cidade regular, excetuando os moradores das favelas, cresceu a um ritmo oito vezes menor, apenas 3,4%. Esses dados demonstram a necessária reflexão sobre esses espaços da cidade que compõem seu tecido urbano. Olhar para a favela é reconhecê-la em suas fortalezas e fragilidades, considerando seus desafios, seus contrastes, sua estética, seu *modus operandi*, capaz de produzir e reproduzir um jeito próprio de dialogar com as demais partes que compõem a cidade, mesmo sendo, muitas vezes, vista como não desejada a ela.

É nesse lugar que vivem e/ou atuam as mulheres que colaboraram para esta obra. É da favela que virá o que representa um poder feminino que desponta de um movimento autônomo, individual e que se transforma em ações coletivas e articulações multifacetárias.

Falar dos espaços populares no Rio de Janeiro, por vezes, revela diferentes expressões e conotações. É muito frequente se utilizar o termo “comunidade” no cotidiano dos moradores das favelas. Este termo não necessariamente representa uma aversão ao local de moradia, mas uma forma de superar o estigma presente no termo “favela”, uma vez que este deixou de ser uma indicação de local de moradia e passou a ser uma adjetivação associada a sujeira, desordem, baderna e degradação social (Fernandes, 2009, p. 377). O emprego do termo também pode expressar o reconhecimento e a valorização do patrimônio material e das relações sociais estabelecidas entre a vizinhança, funcionando como um instrumento simbólico de moralização do espaço de moradia (Weber, 1999 apud Fernandes, 2009, p. 377).

Ainda que a adoção dessa nomenclatura seja socialmente aceita e utilizada, há de se considerar que “comunidade” se traduz em uma terminologia que possui um sentido hegemônico desses lugares, uma vez que os termos *communio* e *communitas* são equivalentes a comunhão, participação,

congregação e, no dicionário da língua portuguesa, comunidade é o agrupamento social que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.

Buscando significados para esse conceito a partir de sua raiz sociológica, pode-se entender a “[...] comunidade como uma área qualquer de vida em comum [...] e é um foco de vida social, a vida em comum dos seres sociais” (Iver, 1944 apud Rios, 1962, p. 76). Outras contribuições foram levadas em conta para a construção do conceito, como as da antropologia cultural e da ecologia (Rios, 1962). Na geografia, os estudos sobre comunidades trazem o significado do conceito, no qual “[...] a terminologia comunidade significa existência de um grupo territorializado através dos laços de vizinhança” (Venâncio; Pessoa, 2008, p. 152). Esta rede de relações sociais se configura “por um conjunto de pontos diferenciados constituídos de casas referências, de grupos de parentes e vizinhos com os quais os indivíduos podem contar” (Fernandes, 2009, p. 382).

Para Anthony Leeds e Elizabeth Leeds (1978), o conceito de “comunidade”, na perspectiva sociológica, estabelece-se em uma abordagem funcionalista, que pretende analisar um sistema social reconhecendo como ele se relaciona entre si e com o todo, buscando identificar onde ocorre uma disfunção que interfira para mantê-lo funcional. Assim, poderíamos compreender cada parte (que aqui podemos considerar as favelas/comunidades) se relacionando com o todo (sociedade), na qual se forma uma rede de relações que se pretende orgânica e funcional.

Por causa dessa visão estigmatizada que o termo favela trazia em seu significado simbólico é que, a partir dos anos 1980, inicia-se uma ressignificação desses locais, adotando-se o nome de “comunidade”. Esse termo ganhou popularidade na sociedade e principalmente entre os moradores das favelas cariocas, gestores públicos, estudiosos e veículos de comunicação.

No entanto, tal termo estava intrinsecamente relacionado com as políticas de urbanização de favelas realizadas no período – Mutirão, Prosanear, Favela-Bairro, entre outras. O processo de mudança na identificação dos espaços populares que passaram a adotar “comunidade” como sua designação passa a

ser incorporado e utilizado pelos moradores e pelo poder público à medida que ocorriam melhorias de infraestrutura, como a construção de redes de esgoto sanitário, pavimentação, creches, sede das associações de moradores, entre outras.

Essas intervenções também estavam relacionadas com os processos participativos, uma vez que, para a “entrada” do poder público, fazia-se necessária a mobilização dos moradores, organizados em associações e com capacidade de articulação junto ao poder público. À medida que as melhorias estruturais iam ocorrendo, as favelas começavam a se autodeclarar comunidades. Isso fazia parte de um reconhecimento público e garantia de *status* de umas em relação às outras.

Isso também remete à identificação de um espaço hegemônico, o que, por sua vez, desconsidera toda a heterogeneidade social e a diversidade de práticas que permeiam a vida na favela, elementos que se contrapõem à noção de comunidade (Fernandes, 2009). Nesse sentido, visando a amenizar esse estigma, a categoria “comunidade” parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores das favelas diretamente envolvidos, uma alternativa simbólica aceitável.

Não obstante o uso disseminado do termo comunidade – em que pese seu caráter político, de reconhecimento da voz e percepção por parte dos moradores de seu território –, é importante considerar que as favelas não correspondem a “comunidades” (Fernandes, 2009, p. 299) como definido anteriormente.

No entanto, para a maior parte da população que hoje nelas habita, bem como para o conjunto da cidade onde se inserem, para a concepção e a implantação de políticas públicas e para alguns de seus estudiosos, ela é assim designada, não sendo relevantes seu conteúdo de hierarquização socioeconômica, sua densidade, sua estética, sua pluralidade.

Para o conjunto de seus moradores nos tempos atuais, o uso do termo “comunidade” faz parte do cotidiano. Fazem referência a seu local de moradia ora como favela, ora como comunidade, de acordo com o desejo, a motivação, a interlocução. E é também desse local que se anunciam as mulheres que aqui fazem parte do objeto central deste estudo. Também elas se referem muitas vezes ao termo favela e muitas vezes utilizam o termo comunidade.

Quem são as mulheres de que estamos falando?

Buscando compreender o fenômeno da feminização do poder nos espaços populares a partir de um mapeamento das lideranças femininas das favelas identificando quem são, o que fazem e como articulam suas práticas aos sentidos coletivos amplos, apresentaremos a seguir os dados ainda em análise acerca do que podemos conhecer sobre elas e suas práticas. Para tal, partiremos de uma contextualização do cenário onde se inserem.

A pesquisa⁷, cujos resultados apresentaremos a seguir, traz como intencionalidade ampliar a necessária visibilidade sobre a luta social e política que assumem o lugar de liderança, diariamente, nos territórios populares. Para tal, elegemos identificar essas mulheres a partir da metodologia *Snowball sampling* ou “Bola de Neve” (Velasco e Díaz De Rada, 1997). No método *snowball*, os participantes iniciais indicam novos participantes e assim por diante (Biernacki e Waldorf, 1981). Esse processo de trabalho pode ser descrito como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa. Essa é uma técnica de amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referência, numa espécie de rede (Albuquerque, 2009).

A busca ativa das *lideranças* femininas das favelas vem se dando a partir de contatos, aproximações, indicações e participação em locais que essas mulheres frequentam (fóruns da sociedade civil, redes de comunidades, entre outros). Assim sendo, a seleção das mulheres da pesquisa se dá a partir

7 Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – Parecer nº 44/2018.

da atuação delas como participantes ativas, que se reconhecem e que são publicamente reconhecidas por seu ativismo em suas comunidades há, pelo menos, um ano. Esse reconhecimento e sua atuação sociopolítica são o nosso principal critério de seleção. Não possuímos a delimitação do lócus do estudo, considerando que essa busca nos aponta colaboradoras que advêm de todas as regiões da cidade do Rio de Janeiro, o que não possibilita prever quem e de onde são ou serão. Também não há recorte espacial previamente definido, uma vez que o convite à participação desse estudo se dá de forma espontânea.

As reflexões aqui apresentadas se organizam em dois momentos: o primeiro, que chamamos de *Escutatórias com quem fez a história acontecer*, se refere a oito entrevistas com mulheres negras que travaram lutas anteriores aos anos 1980 pioneiras de movimentos que mudaram o curso da história. A segunda parte corresponde ao mapeamento realizado com 200 *mulheres de favela* entrevistadas, distribuídas em 169 favelas do Rio de Janeiro. Todas as informações estão registradas em um banco de dados no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) um software aplicativo de gerenciamento e análise de dados em pesquisa qualitativa.

“Um lugar no mapa é também um lugar na história”. Citada por Margareth Rago (2013, p. 313), essa frase da escritora, poeta, professora e militante feminista Adrienne Rich nos faz reconhecer que cada uma das colaboradoras que dá vida a este estudo, em seus territórios e com suas territorialidades, construiu e constrói a sua e muitas outras histórias.

Escutatória com quem fez a história acontecer – anos 1980

Fomos ouvir as histórias de oito mulheres que participaram dos movimentos iniciais de favelas verificando o que as mobilizavam, em quais pautas políticas se engajavam e quais os sentidos atribuídos a essa participação. Utilizamos os anos 1980 como recorte temporal por ser este um período de emergência dos movimentos sociais no contexto brasileiro, mas há que se reconhecer que esses passos vêm de longe, conforme nos ensina Jurema Werneck.

A participação das mulheres nas experiências associativas de favelas, contudo, é anterior ao período ora destacado. O trabalho sobre as “tias baianas” no Rio de Janeiro e suas associações no espaço urbano em inícios do século XX, da historiadora Monica Pimenta Velloso (1990), nos leva a afirmar isso. Documentos da União dos Trabalhadores Favelados (UTF), considerada um marco na mobilização dos moradores de favelas e com forte influência do Partido Comunista, iniciada no Morro do Borel, e em seguida expandida para outras favelas, revelam a participação de mulheres, na década de 1950.

Sarti (1988) identifica que, a partir da década de 1960, a linha progressista da Igreja Católica, partidária da Teologia da Libertação, impulsionou a criação de organizações femininas nos bairros pobres; assim como as feministas influenciaram as reivindicações e organização dessas mulheres (e foram influenciadas por elas). A participação da Igreja Católica nas favelas do Rio de Janeiro, nesse mesmo período, cria embriões do que viriam ser as Comunidades Eclesiais de Base (Brum, 2006).

Nesse mesmo período, houve questões políticas ligadas ao cotidiano, como a violência contra as mulheres, o aborto, a anticoncepção, a sexualidade etc. E em favelas da cidade, no início dos anos 1980, inicia-se a implantação de um trabalho de atenção primária à saúde, reunindo principalmente mulheres, e suas ações iniciais representam uma extensão da cobertura deste Programa (Giffin apud Valladares & Medeiros, 2003).

O chamado “movimento de mulheres” articulou-se de forma peculiar com organizações de base das classes pobres (Sarti, 2004). É possível considerar que muitas dessas organizações estavam no interior das favelas. Rachel Soihet (2007) em considerações a respeito do Centro da Mulher Brasileira (CMB), assinala a tendência deste Centro de conscientização das mulheres pobres, como revela a proposta de trabalho com a Associação de Empregadas Domésticas.

A década de 1980 nos apresenta como cenário uma mudança no trato do estado em relação às favelas do Rio de Janeiro. De maneira geral, pode-se dizer que houve a passagem de uma política de remoção para uma política

de urbanização dos espaços favelados (Brum, 2006; Pandolfi e Grynspan, 2003; Zaluar e Alvito, 2006). Políticas sociais chegaram e se intensificaram nesses territórios e algumas, é possível considerar, atingiram especialmente as mulheres, como a institucionalização das creches e escolas comunitárias pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). É o começo da institucionalização das creches comunitárias, que passam a receber, através de convênios, recursos do estado. Esta consideração se vale do registro de uma prática brasileira de longa duração histórica: a maternidade transferida, uma forma de as mulheres dividirem as responsabilidades de cuidado, que há tempos desempenham (Costa, 2002).

Mobilizações por creches nas favelas do Rio de Janeiro datam de períodos anteriores aos anos 1980 – resultando na criação informal de espaços de reunião de mulheres para o cuidado com crianças. No entanto, assumem um reconhecimento e parceria com o poder público a partir desta década supramencionada. A criação de creches, no Brasil, foi bandeira de luta do movimento de mulheres e do feminismo, apesar das diferentes razões e motivações que a impulsionam (Sarti, 1988).

Esses acontecimentos demonstram algumas das mudanças no trato do estado em relação às favelas e sugerem influências do movimento de mulheres negras nesse processo. Apontam também para possíveis relações com as experiências associativas de mulheres moradoras dos territórios favelados, além da mobilização e associação de moradores de favelas em casos de despejo e remoção ocorridos em períodos anteriores (Alvito, 2001; Brum, 2006).

Mudanças ocorreram (e ocorrem) nas leituras e nas intervenções sociais e do Estado em relação às favelas, mas, reafirmando nossa consideração: “o favelado foi um fantasma, um outro construído de acordo com o tipo de identidade de cidadão urbano que estava sendo elaborada, presidida pelo higienismo, pelo desenvolvimentismo ou, mais recentemente, pelas relações autorreguláveis do mercado e globalização” (Zaluar e Alvito, 2006, p. 15).

É necessário, no entanto, considerar que os favelados criam “táticas de resistência”; “metaforizam” a ordem vigente (De Certeau, 1994). Brum (2006)

destaca que em situações contra tentativas de despejo, remoção e/ou contra algum episódio ou discurso que considerasse os favelados como subalternos/marginais, os moradores de favelas forjam laços, que embora não sejam fixos e nem definitivos, são constantemente renovados e reinterpretados.

Em maio de 1992, é fundada a Federação das Associações de Mulheres do Município do Rio de Janeiro (FAMURJ), com a missão de “desenvolver diversas atividades em prol das comunidades, apoiando a mulher em busca de seu legítimo direito de cidadania” (SMS/ Gerência Municipal de DST/ Aids; acesso em 26 de julho de 2010) – na direção, Lúcia Nazareth, advogada e técnica da Fundação Leão XIII. Diversos cursos são então oferecidos por essa Federação para as moradoras de favelas, como os de agente comunitária de saúde até finais desta década (Cunha, 2005). Ex-filiadas relatam que a realização desses cursos era a principal atividade empreendida pela FAMURJ, embora também ocorressem alguns encontros entre mulheres para troca de experiências e articulações. Algumas contaram que formalizaram suas associações com apoio dessa Federação, cujo nome nos remete à FAFERJ – Federação de Associação de Moradores de Favelas do Estado do Rio de Janeiro –, onde as associações de mulheres não são contempladas.

Políticas, programas e projetos governamentais se intensificam nas favelas, a partir dessa década, embora muitos sejam formulados, ainda hoje, a partir da representação da favela como o oposto da cidade (Silva, 2002). Conflitos de diversas ordens ocorrem nas associações de moradores, que, de maneira geral, passam a desempenhar um papel menos reivindicativo e mais de prestação de serviço. Devido a esse e outros fatores como a entrada e a consolidação do tráfico de drogas, na década de 1990, Brum (2006) localiza a emergência de outras organizações nas favelas, como as ONGs (oriundas ou não desses territórios).

Iniciativas para a implantação de trabalhos de atenção primária à saúde em favelas do Rio de Janeiro também marcaram esta década e reuniram, principalmente, as mulheres em cursos e atividades como agentes comunitárias de saúde. Práticas de tomada de consciência adotadas pelas feministas, como as linhas da vida, são apropriadas como técnicas de capacitação

nestes cursos (Costa, 2007). Algumas destas iniciativas representavam uma ampliação do Programa de Assistência Integral da Saúde da Mulher e da Criança, como em Manguinhos e na Rocinha (Cunha, 2005; Giffin, 1985 apud Valladares e Medeiros, 2003; Giffin e Shiraiwa, 1989 apud Valladares e Medeiros, 2003).

As noções de complementaridade dos papéis de homens e mulheres e de sororidade feminina atravessam estudos e falas sobre as mulheres de favelas, até os dias de hoje⁸. E carecem de problematizações, que revelem os nexos entre a história das mulheres e a política. Nesse sentido, importa-nos conhecer essas mulheres que se associam (ou criam associações) em busca da construção e garantia de direitos, trazendo novos sentidos à noção de cidadania, num determinado tempo e espaço, além de identificar quais são suas pautas de luta.

A chegada e a consolidação do tráfico de drogas e o controle armado do território, que surgiram nos anos 1990-2000, fortalecem a representação de seus moradores como pertencentes às classes perigosas e as favelas como o espaço da barbárie, por oposição à cidade formal. A convivência entre o tráfico e as experiências associativas, em particular, as associações de moradores, são altamente complexas e diversas entre as diferentes favelas. Algumas vezes, a convivência torna-se conivência. Mas, muitas vezes representa a possibilidade de mediação entre poderes: o público e o local, que controla o território. Não cabe aqui explicitar a complexidade e as muitas facetas da relação entre o tráfico de drogas e as associações. Entretanto, indicamos que o controle armado da favela pelos traficantes desmobilizou e desmobiliza as associações de moradores (Brum, 2006; Pandolfi & Grynspan, 2003; Zaluar e Alvito, 2006), associações de base comunitária e outras formas de organização no seio dos espaços populares. Acrescenta-se a este contexto,

8 Cunha (2003) destaca que o trabalho social em favelas, no início do século XXI, é realizado majoritariamente por mulheres. Enquanto os homens ocupam lugares de mediação e decisão dentro e fora das favelas. Como exemplo, cita o levantamento feito pelo Programa Favela Bairro, em 2003, dos agentes comunitários de habitação (moradores que informam outros moradores sobre a política de habitação e as intervenções realizadas pelo Programa) e supervisores, em que 90% eram mulheres (do total de 168 pessoas).

na situação recente, o crescimento exponencial das milícias, cujas ações se assemelham no controle dos espaços populares.

Documentalmente, o Arquivo Nacional e, mais precisamente a base Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)⁹ possibilitaram encontrar arquivos referentes às antigas organizações comunitárias como movimentos de associação de moradores e de amigos do bairro no período em questão. Entretanto, ao buscarmos pelos nomes de mulheres engajadas na luta social e política nesse período, foi perceptível a ausência de registro sobre as mesmas. Esse fato é extremamente relevante quanto à invisibilidade dada às mulheres no período em questão. Não foram encontrados muitos nomes femininos nem movimentos liderados por elas, mesmo sendo existentes. No entanto, constata-se que a anulação ocorre somente na a narração dos acontecimentos, pois ao longo das primeiras entrevistas realizadas identificamos, que existiam na época.

Com o objetivo de sistematizar informações acerca de mulheres que foram ativistas nesse contexto histórico, foram entrevistadas oito mulheres residentes ou antigas moradoras de favelas cariocas que iniciariam projetos e mobilizações em prol da comunidade em anos que antecederam a década de 1980. Todas se farão conhecer por seus nomes verdadeiros, uma vez que há o consentimento livre e esclarecido que autoriza a divulgação delas por esta pesquisa.

A plataforma de luta da mulher de favela se orienta por outros espaços de pertença, de luta e de valoração cotidiana. A escolha da coleta destes testemunhos nos permitiu uma aproximação inédita destas trajetórias individuais, que revelaram aspectos relacionais sobre o que significa ser mulher que exercita poder em territórios de favela e, mais especificamente, como isso se concretiza quando essa mulher é uma mulher negra.

9 Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) é uma base de dados MAPA do Arquivo Nacional Brasileiro que é utilizado como ferramenta de consulta que armazena informações sobre a administração pública brasileira do período colonial até nossos dias. Disponível em <<http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>>

Mulheres não nascem lideranças: percursos pessoais e coletivos

Tabela 1

Nome	Apelido	Idade	Onde Moram	Quem são
Jurema Batista	X	60 anos	Nascida e criada no Morro do Andaraí	<ul style="list-style-type: none"> – Antiga Presidente da Associação de Moradores e Amigos do Andaraí – Ajudou a criar o Movimento Jovens Negros de favela e periferia, Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN) e Coletivo de Mulheres Negras (NIZINGA) – Fundou a Creche Municipal Winnie Mandela
Ana Marcondes	Dona Ana	82 anos	Morro dos Macacos	<ul style="list-style-type: none"> – Criou junto com o marido a Associação de Moradores do Parque de Vila Isabel – Criou o primeiro movimento de coletivo de mulheres e mães da comunidade – Ajudou a criar a creche Noel Rosa e a Associação Creche Patinho Feliz
Sandra Maria de Souza	X	62 anos	Nascida na Favela do Esqueleto, hoje é moradora da Vila Kennedy	<ul style="list-style-type: none"> – Participou do Conselho de Moradores da Vila Kennedy na comissão da água – Junto com o conselho fundou creches, escolas e criou melhorias para a comunidade
Dircéia	Ceinha	62 anos	Nascida em Ramos e moradora do Conjunto Campinho – Campo Grande	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhou na Associação de Moradores de Campinho – Ajudou a Associação de Mulheres de Campinho e Centro Comunitário Padre Rafael

Nome	Apelido	Idade	Onde Moram	Quem são
Maria Aparecida Carvalho Lima	Aparecida	79 anos	Nascida em Aracajú, atualmente moradora de Campo Grande	<ul style="list-style-type: none"> – Assumiu a direção da Associação de Moradores de Campinho junto com grupo de mulheres – Promoveu reuniões de mulheres para o fortalecimento da creche comunitária de Campinho – Realizou um protesto de mulheres contra César Maia, então prefeito da cidade – Formou a Cooperativa de Costura de Mulheres da Comunidade – Lutou pelos direitos das Empregadas Domésticas
Maria Terezinha	Tia T	66 anos	Nascida em Miguel Pereira, atualmente mora em Ramos	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhou na LBA – Auxilia a saúde das pessoas que moram na comunidade
Terezinha	Pequinha	68 anos	Nascida em Aracajú, atualmente mora em Senador Camará	<ul style="list-style-type: none"> – Ajudou a manter o funcionamento da atual FUNLAR, antiga Lar Escola
Anazir Maria de Oliveira	Dona Zica	85 anos		<ul style="list-style-type: none"> – Produziu a primeira assembleia de empregadas domésticas na Zona Oeste – Fundadora e presidente da Associação das Empregadas Domésticas – Dirigiu e produziu inúmeras manifestações e ações voltadas aos direitos das empregadas domésticas – Fundadora da CUT do Rio de Janeiro e da CUT Nacional, sendo integrante da primeira direção da CUT – Direção executiva da Central de Movimentos Populares

Fonte: A autora, 2021.

A identificação e a seleção das participantes deste estudo se deu a partir da metodologia *bola de neve*. Estas mulheres, cujas trajetórias de vida foram permeadas pela luta no movimento comunitário, nos auxiliam a conhecer

suas motivações e desafios a partir do seguinte questionamento: quais suas trajetórias e o que as mobilizaram para se engajarem no ativismo social das favelas?

Nascidas aqui ou acolá, as mulheres entrevistadas se dividem entre cinco, nascidas no Rio de Janeiro; e outras três advindas de outras regiões e cidades do Brasil: uma do interior do estado do Sergipe, e outras de Alagoas e Minas Gerais.

“Vim de Aracajú, cheguei aqui em 1967. Vim mandada porque eu não queria vir, eu chorava muito (...) passei por muitas coisas que não foram boas, mas estou aqui. (Risos)” (Terezinha).

“Vim também para o Rio contra minha vontade. Cheguei aqui com quinze anos para trabalhar em casa de família” (Dona Zica).

“Eu vim para o Rio de Janeiro com quinze anos, morava em Alagoas, já fui direto trabalhar em casa de família, mas também com muita consciência” (Maria Aparecida).

Nessa perspectiva, essas três entrevistadas relatam que ao chegar ao Rio de Janeiro já começaram trabalhando como empregadas domésticas como única forma de renda possível naquele momento. Em contrapartida, as outras participantes desta etapa do estudo que foram nascidas no Rio de Janeiro, também declararam o início precoce no mercado de trabalho, cuja perspectiva era ajudar na renda familiar. Na pobreza, a infância interrompida pelo trabalho precoce era, e ainda é, muitas vezes comumente aceita pela sociedade. Principalmente, porque a ocupação laboral se dá no trabalho doméstico, característico de nossa sociedade que ainda tem arraigada as heranças de um regime escravocrata que coloca a mulher (principalmente, a negra) na condição de serviçal da casa.

“(...) fui trabalhar na LBA, ajudei a fazer muita sopa, fui parar na LBA minha mãe cozinhava para as patroas dela (...) mas quando eu fui parar para trabalhar com treze/quatorze anos, eu fui parar na LBA”. (Tia T)

Com idades entre 60 e 85 anos, todas as entrevistadas estão inseridas há mais de 40 anos nas favelas aqui representadas, o que confere legitimidade aos percursos de trabalho comunitário a que daremos visibilidade. Cabe-nos observar ainda que o tempo de vida dessas mulheres em suas respectivas favelas se correlaciona com o processo de ocupação e fixação das populações nos morros cariocas.

Mulheres pobres, todas negras. Podemos afirmar como as opressões estruturais estão interconectadas numa matriz de dominação que influencia todos os níveis das relações sociais e perpassa os planos individuais e coletivos.

Quando perguntadas sobre sua escolaridade, creditam que foram incentivadas a retornarem aos estudos ou permanência nestes após o contato com os movimentos sociais. Sendo assim, das oito mulheres iconográficas entrevistadas, apenas uma permaneceu no ensino fundamental; uma cursou o ensino técnico; três, o ensino médio e três, o ensino superior.

“Aqui em Bangu tinha um curso SPAC, que era um curso de formação para leigos e formou jovens daquela época, nós estudávamos lá, e aprendemos a ter consciência política, não política partidária, mas consciência política pelos nossos direitos, de olhar a sociedade como todo e como parte integrante”.

(Dona Zica)

Caminhos muito diferentes foram percorridos. Motivações e algo em comum perpassaram a história dessas mulheres. Pobreza, dificuldade, a luta da família. A vida na favela cerceou o lugar da brincadeira, a rua. A imagem construída e consolidada da violência do espaço da favela se reflete nessas falas. Embora tenham vivido em lugares e tempos diferentes, uma vez que entre nossas colaboradoras há idades que perpassam gerações, isso se repete em sua condição de classe social, e seu ambiente de vida traz em si a marca da violência e do perigo.

Ao serem indagadas sobre a motivação que as levou ao movimento comunitário, quatro delas retrataram um acontecimento marcante que fomentou suas ações, conforme descreve Jurema Batista:

“A polícia matou um rapaz que era trabalhador e nessa época a comunidade não tinha luz, aí deram um tiro nele de madrugada e falaram que confundiram com um bandido, falaram que estava escuro. No dia em que morreu esse rapaz, a gente não pôde dar aula na comunidade, aí, no dia seguinte, quando eu voltei estava todo mundo triste, pra baixo *dizendo o que iríamos esperar deste curso já que não iríamos pra lugar nenhum porque ninguém iria respeitar a gente. A gente é de comunidade e preto* (sic). Aí eu falei para a gente procurar a associação de moradores, porque esse movimento estava crescendo na época, para procurar que iriam ajudar a gente. (...) O sentimento de não ser tratado como igual também me marca muito até hoje”. (Jurema Batista)

Corroborando a literatura, cinco das mulheres entrevistadas iniciaram seu ativismo a partir dos movimentos que visavam à criação de creches dentro das comunidades a partir dos anos 1960, criação de Associação de Moradores antes de 1980, Associação de Apoio à Mulher e instalação de recursos básicos de sobrevivência no local (água e luz) como relataram Dona Ana e Sandra Maria:

“Nós, moradores, tínhamos muita dificuldade em questão da água e da luz porque tudo era no Parque Vila Isabel (...) era um fio de luz que vinha para abastecer metade do morro todo (...) a gente ia para o Grajaú pegar água. Era um sofrimento, a gente via o dia todo mulheres andando com garrafões de água, carregando pelo morro”. (Dona Ana)

“Comecei a entender as necessidades do bairro que era, naquele momento, a falta de água que incomodava, a falta de luz, não tinha iluminação pública. (...) comecei a participar através do grupo de jovens do Conselho de Moradores (...) nós abrimos várias lutas ao mesmo tempo (...)”. (Sandra Maria)

Além dos exemplos ligados aos recursos básicos, também compreendemos as ações de luta que abrangem a importância das suas mobilizações como:

“Entrei para a associação de moradores e aí vem um bando de coisas na cabeça da gente (...) Aí eu virei militante de tudo. Entrei para o movimento negro, ajudei a fundar movimento de jovens negros de favela e periferia, ajudei a fundar o Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN) e o Coletivo de Mulheres Negras (NIZINGA) (...)”. (Jurema Batista)

Outras mulheres também deram início a outros movimentos que vão além das demandas comunitárias, como, por exemplo, movimento das domésticas, iniciado por Dona Zica e Maria Aparecida na década de 1970, intensa participação no Movimento Negro Unificado, Coletivo e Associações de mulheres negras, além da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Central de Movimentos Populares (CMP).

Destaca-se a atuação em prol dos direitos das empregadas domésticas reivindicando locais de trabalho, direitos trabalhistas, manifestações públicas. Dona Zica e Maria Aparecida contribuíram para o fortalecimento desta categoria, iniciando-o nos seus locais de moradia e, posteriormente, alcançando uma luta política muito mais ampla.

“Quando foi em primeiro de maio de 1976, fizemos o primeiro encontro de empregadas domésticas na paróquia de Vila Aliança, tinha mais ou menos umas vinte domésticas, e nós não sabíamos o que falar, marcamos a reunião (risos) e o pessoal veio. Olhávamos uma para a outra, e agora? O que vai dizer? O que vou falar para elas? (...) Então, no primeiro encontro de domésticas em Vila Aliança o tema foi falar mal das patroas (risos). Hoje eu trago para outra dimensão (...) então nós formamos o grupo de domésticas em 1976 só Vila Aliança. Em 1978 nós tínhamos o grupo de domésticas de Marechal a Santa Cruz (...). Em 1982 eu fui eleita presidente da associação das empregadas domésticas do Rio de Janeiro, foram muitas lutas...”. (Dona Zica)

“E aí veio o dia das domésticas, vamos fazer uma manifestação pública (...) eu queria que as domésticas tivessem visibilidade pública. (...) Fizemos a divulgação no dia 27 de abril de 1983, nós enchemos a praça do Paraíba de empregadas domésticas”. (Maria Aparecida)

Vale refletir acerca das falas das entrevistadas que abordam a questão da criminalidade sendo às vezes, impedimento para a atuação em seus espaços, e que, por vezes, faz-se necessário um diálogo em tal situação.

Jurema enfatiza que:

“Essa visão discriminatória que as pessoas têm, custa a vida! (...) Vi muitos jovens morrendo sem nenhum envolvimento, vi muitas mães chorando (...).”

(Jurema Batista)

A citação trazida acima relata que a maioria dessas mulheres, após o envolvimento com setores da Associação de Moradores, começaram a compreender um cenário e o território, assim envolveram-se em outros movimentos e ações afirmativas de lutas. Independentemente das motivações, todas têm um ponto correspondente, que é a busca por direitos e voz de pertencimento na favela.

Falar dessas lideranças femininas das favelas é reconhecer como provocam uma reconfiguração das relações no território que impactam diretamente a vida dos moradores e, principalmente, de outras mulheres. Elas aprendem a ressignificar o luto, desenvolvendo a experiência de existir perante os processos de violação de direitos humanos, e assim potencializam sua luta. Suas experiências se constituem como práticas de resistência aos processos de violações com a complacência do Estado. Em uma conjuntura de desmonte de direitos, na qual o estado de exceção se amplia, é necessária e urgente a visibilidade das experiências e das lutas das mulheres da favela.

Dentre as mulheres entrevistadas, quatro delas se reconhecem como liderança comunitária, pois entendem o conceito de mulher de favela (Nunes, 2018), que exerce um papel de referência/liderança de pertença a um determinado segmento socioespacial, o qual faz referência a uma pessoa que se destaca nas demais áreas do território da favela.

“Sempre fui instigada desde sempre, pequena, a estar na frente de alguma coisa. Fosse pro lado espiritual ou cultural (...) comecei a ver que minha voz era ouvida, respeitada e tinha seguidores. As pessoas me paravam no caminho para

falar das coisas, que estavam sem remédio, que isso e aquilo. Sempre briguei muito, era igual siri na lata para lutar a favor dos direitos humanos”. (Jurema Batista)

Em contrapartida, outras quatro não se reconhecem como uma liderança, pois não se identificam com o “rótulo” dado pela comunidade, já que acreditam que dentro deste território tudo é feito de forma comunitária e que ninguém deveria ter destaque ou ser o único sobressalente. Dona Ana afirma que todos os trabalhos são fruto das ações comunitárias:

“Ah, eu não me acho liderança não, me vejo como uma parceria comunitária sabe. Todo mundo me conhece, mas não sou alguém assim, não. Hoje em dia não sei nem o que significa essa palavra para mim, porque eu me considero uma participante do trabalho, sempre me considerei isso”. (Dona Ana)

Ao falarmos da mulher de favela, estamos tratando de uma pluralidade de sujeitos singulares que é diferenciada dentro da comunidade como retrata Dona Ana:

“As mulheres tinham mais disposição para essas lutas, né? Porque elas que buscavam a água, o marido saía para trabalhar e a gente que tinha que ver a água, lavar as roupas, cuidar dos filhos, então as mulheres eram mais ativas na comunidade. O grupo de mulheres ficou mais forte, elas que iam para as autoridades para pedir pela comunidade”. (Dona Ana).

Diante do relatado, esta pesquisa defende uma reflexão acerca da história dos movimentos destas lideranças no Rio de Janeiro para assim conhecer a trajetória das mulheres de favelas e periferias dos anos 1960 a 1980 através de seu ativismo político e social.

Apresenta-se, no Rio de Janeiro, a existência de diversas organizações de base comunitária que despontaram na conjuntura em questão, ressaltando a importância do debate sobre a necessidade de reconhecimento social da mulher, mas devem-se confrontar as adversidades que tangem a

mobilização de recursos públicos com o objetivo de promover evoluções em seus locais de atuação. Assim, a figura da mulher, nesse cenário político em questão, é de extrema representatividade e importância, demonstrando força e coragem numa pluralidade de lutas e conquistas que atravessam o cotidiano marcado por múltiplas violações no que diz respeito à garantia de direitos.

Mulheres de favela, quem são vocês?

*“Ainda que ganhemos salários menores, que estejamos em cargos mais baixos, que passemos por jornadas triplas, que sejamos subjugadas pelas nossas roupas, violentadas sexualmente, fisicamente e psicologicamente, mortas diariamente pelos nossos companheiros, nós não vamos nos calar: as nossas vidas importam!
[...] Do nosso corpo que fala, da nossa cor que fala, da nossa raça que fala, do nosso gênero que fala... [...] A gente tá ativa, tá militando, tá resistindo!”*
Marielle Franco, presente!

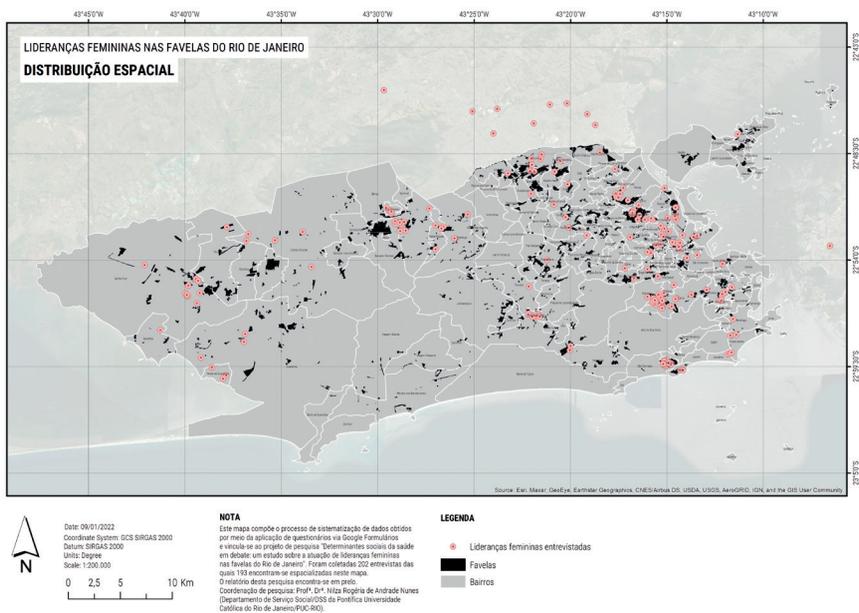
A trajetória de Marielle se cruza com a de outras mulheres traçadas nas páginas que se seguem, cuja história ilumina seu papel social e político, suas conexões com a militância pela garantia de direitos, além de sua luta permanente contra variadas formas de segregação, de violência e de opressão.

Elas estão em toda parte! As vozes dessas mulheres narram e desenham outra forma de exercitar uma práxis política, que transforma suas inquietudes em pontes, articula e conecta diferentes possibilidades de ação e que transforma a si e ao seu coletivo em um movimento virtuoso por mudança social (Rago, 2013). Para descrever tal processo, apresentaremos quem são essas mulheres, tomando-as como porta-vozes de uma afirmação individual e coletiva. Elas não são somente as moradoras das favelas. São as mulheres que trazem em si um sentido de luta.

Na perspectiva das favelas e periferias, Grada Kilomba auxilia com a compreensão de bell hooks que “estar na margem é ser parte do todo, mas

fora do corpo de principal” (2019, p. 67). Adiciona a essa afirmativa que “a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade” (2019, p. 68). Assim, onde há “situação de escassez de recursos das mais diversas ordens é também lugar de potência” (Souto, 2020).

Mapa 1 | **Distribuição espacial das entrevistadas.**

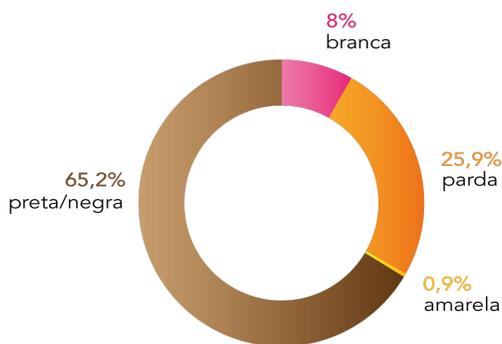


Fonte: Nunes e Bonoldi, 2022.

O mapa acima apresenta a distribuição geoespacial das participantes deste estudo. Essa distribuição pela cidade visa não somente a contemplar sua importância, como corresponde à própria presença dessas mulheres no exercício do seu poder local em todas as partes da cidade. Tais escolhas não foram intencionais, uma vez que a metodologia do estudo se fez pela *bola de neve* conforme já informado, e assim não houve previsibilidade a priori sobre a representação territorial. Entretanto, elas compõem o mosaico que se consubstancia no desenho da cidade.

A favela e a periferia são os lugares reservados pelas matrizes de opressão que se impõem às mulheres negras. E isso se reflete neste estudo, uma vez que, na autodeclaração de raça/cor, estas correspondem a 92% das entrevistadas.

Gráfico 1 | **Raça / cor**



Fonte: A autora, 2022.

Este dado reflete as históricas desigualdades de gênero através das quais os indicadores sociais nos confirmam isso. As mulheres são acometidas por fatores como segregação ocupacional, oportunidades educacionais e remunerações inferiores em ocupações semelhantes. O nível de ocupação das mulheres é substancialmente inferior ao dos homens. Enquanto o nível de ocupação dos homens foi de 61,4%, o das mulheres foi de 41,2%, em 2020. Mas, quando se trata de mulheres negras, esse quadro agrava-se. De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2021), 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza, bem como as mulheres negras ainda recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil.

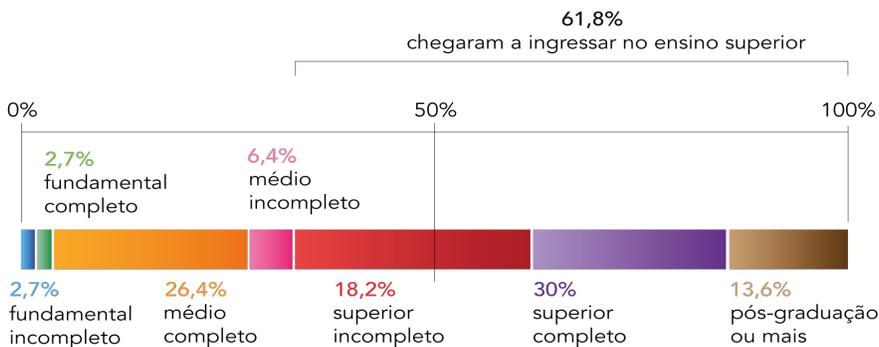
A precariedade do trabalho impacta a produção do consumo, cujas políticas para tal enfrentamento se pautam em políticas sociais assistenciais para provisão de recursos imediatos relacionados ao sustento e concentradas nas funções reprodutivas das mulheres, mas é importante destacar a necessidade de investimentos em políticas emancipatórias, que visem à mudança estrutural nas relações sociais até então estabelecidas.

Compreendemos que a educação está em toda parte – em casa, na rua ou na escola –, ela está todo tempo envolvida em nós, “[...] para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (Brandão, 1989, p. 3). Contudo, a escolaridade tem papel fundamental na construção da trajetória das pessoas e em suas singularidades.

No Brasil, isso constituiu um *deficit* histórico, pois a educação nunca foi efetivamente um direito de todos, apenas o privilégio de poucos. Verifica-se essa informação pelos dados de que o país tinha, na metade do século passado: 56,17% da população com idade superior a 15 anos, analfabetos, de acordo com o Censo 1940, e a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) data de 1961.

Destacamos aqui que as mulheres deste estudo vêm construindo outros caminhos, fazendo outras escolhas e trazendo muitas outras mulheres junto com elas. Essa afirmativa pode ser constatada quando observamos a escolaridade das nossas colaboradoras e como elas estão distribuídas pela cidade.

Gráfico 2 | **Escolaridade**



Fonte: A autora, 2022.

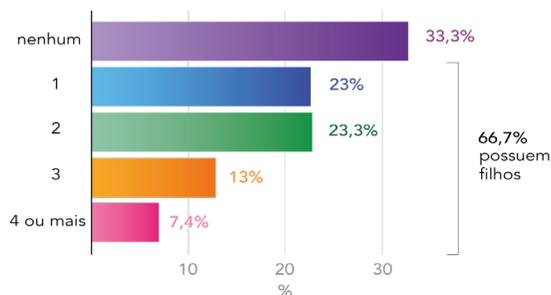
Quanto à escolaridade, podemos afirmar que 61,8% acessaram o ensino superior, ampliando sua qualificação educacional. Assim, 30% possuem nível superior completo, sendo 13,6% com pós-graduação. Esse

dado é bastante importante, pois, se esse processo faz uma curva ascendente a partir dos anos 1990, com uma culminância na última década, isso é reflexo direto do ingresso às universidades possibilitado a partir das políticas de acesso e permanência, seja por meio das cotas raciais, de Prouni ou FIES. Essas informações nos possibilitam construir um perfil acerca dessas mulheres – possuem uma vida dentro e fora da favela. Essa capacidade de circulação na cidade as torna autônomas e com mais liberdade para construir os caminhos que as levam a resolver a vida: sua, de suas famílias e de suas comunidades – aqui no sentido genuíno que o termo sugere: o lugar de pertencimento, das relações de vizinhança, da solidariedade. Elas estudam ou estudaram, mas não abandonaram seu lugar de pertencimento. Articulam-se e trazem o conhecimento para dentro dos seus locais de atuação e moradia.

Nesse sentido, podemos afirmar que as políticas de acesso e permanência ao ensino superior vêm alcançando mudanças importantes no contexto das classes populares. Segundo o site *Gênero e Número* (2022), em 2019, entre as pessoas que concluíram o ensino superior, 27% eram mulheres brancas, 21% mulheres negras, 18% homens brancos e 14% homens negros. Isto revela que, apesar dos percalços e do tempo às vezes maior que o inicialmente planejado, as mulheres negras conseguem concluir o curso. Embora a maior escolaridade das mulheres não seja suficiente para equilibrar sua situação em relação aos homens, entre elas, é uma característica muito relevante para assegurar a inserção no mercado de trabalho.

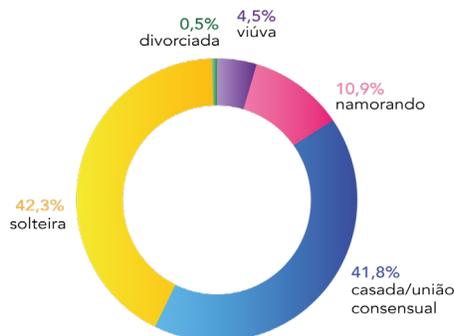
A divisão entre os cuidados com a casa e o cuidado com os filhos se reflete nesse conjunto de mulheres. Quando perguntadas sobre a sua maternidade, 81% declararam ser mães e sobre o *status* de relacionamento, 50% do conjunto das nossas colaboradoras informaram serem casadas.

Gráfico 3 | Maternidade



Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 4 | Status de Relacionamento



Fonte: A autora, 2022.

Embora a metade das nossas colaboradoras tenha declarado possuir um relacionamento estável, 55% são as principais responsáveis pela renda familiar. As condições de vida da classe trabalhadora moradora das regiões de favelas e periferias se refletem no estudo, em que as taxas de desemprego e subemprego se expressam de forma mais acentuada. No entanto, é buscando caminhos para resolver a vida que elas mantêm suas casas e suas famílias.

Em diálogo com a literatura acerca da divisão sexual do trabalho, muitas variáveis devem ser também levadas em consideração. A divisão sexual do trabalho doméstico e as desvantagens no mundo do trabalho são facetas complementares das desigualdades entre mulheres e homens hoje (Brioli,

2015). As desigualdades de gênero têm mostrado que as práticas e os valores que sustentam uma divisão sexual do trabalho fundada em concepções convencionais do feminino e do masculino têm impacto na participação das mulheres em todos os âmbitos da sociedade (Miguel e Biroli, 2011). Entretanto, embora sejam as mulheres negras as mais impactadas na faixa da população em situação de extrema pobreza, de pobreza e de vulnerabilidade, nosso estudo demonstra que essas ativistas não se rendem a esta condição. Elas fazem ecoar suas vozes e suas ações. No caso destas mulheres, elas assumem o dispositivo na alocação de responsabilidades – na vida privada e na esfera pública (Brioli, 2015).

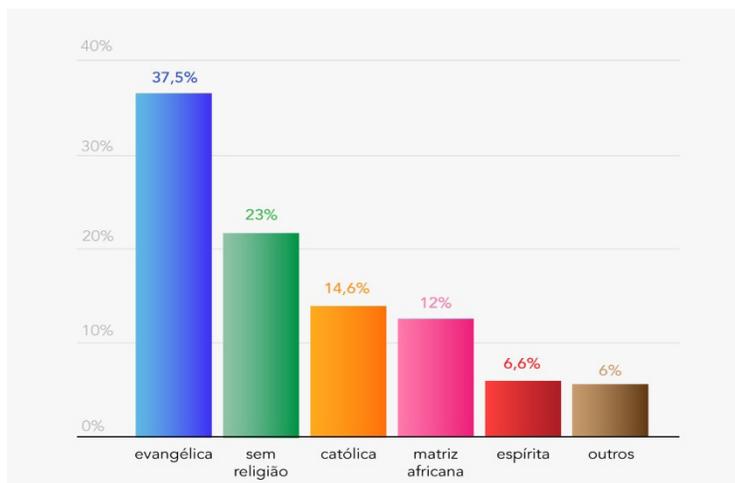
Gráfico 5 | **Renda Familiar**



Fonte: A autora, 2022.

A vida religiosa ocupa um lugar estratégico nos espaços populares. Onde as políticas públicas são ofertadas com precariedade, outras organizações se fazem presentes e, para além da dimensão formativa da religião, atestam pertenças e, mais do que isso, revelam o papel da fé na vida dessas mulheres de favela. Isso se reflete na vida comunitária, em que historicamente a Igreja Católica teve um papel protagonista com as comunidades eclesiais de base, mas hoje são as Igrejas Evangélicas/Neopentecostais que ocupam esta centralidade. Nossas entrevistadas declaram ser 31% evangélicas, seguidas por 23% sem religião, 14,6%, católicas e os 31,4% restantes distribuem-se entre umbandistas, candomblecistas, budistas, dentre outras.

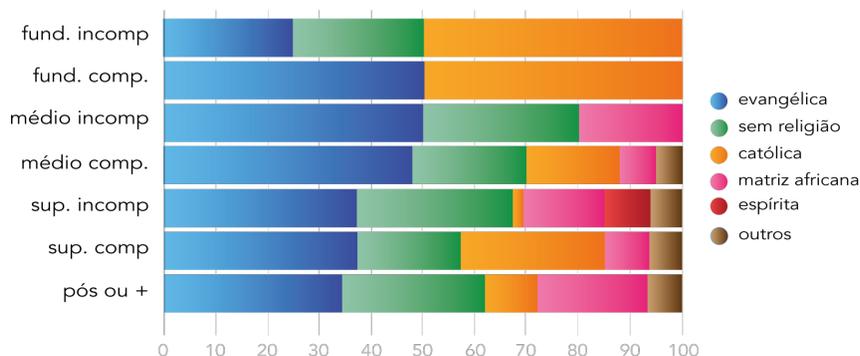
Gráfico 6 | **Religião**



Fonte: A autora, 2022.

O dado referente à religião nos surpreendeu, uma vez que estudos apontam que a Igreja Católica foi determinante na formação de lideranças em décadas anteriores através das pastorais e da própria atuação nas favelas e periferias. Nesse sentido, o cruzamento da religião com a escolaridade nos revela que nas lideranças com menor escolaridade (significativamente as de maior idade) é onde o catolicismo se faz mais presente. O expressivo número de participantes que declararam não possuírem religião está distribuído nas diversas faixas de escolaridade, mas as religiões de matriz africana ficam mais evidentes quando elas declaram ter ensino superior completo com pós-graduação.

Gráfico 7 | **Religião x Escolaridade**



Fonte: A autora, 2022.

No Rio de Janeiro, diversas organizações de base comunitária surgiram a partir dos anos 1990, focalizando o debate sobre a necessidade de reconhecimento social da mulher enfrentando o desafio para a mobilização de recursos públicos que promovessem melhorias efetivas nas condições de vida de seus territórios.

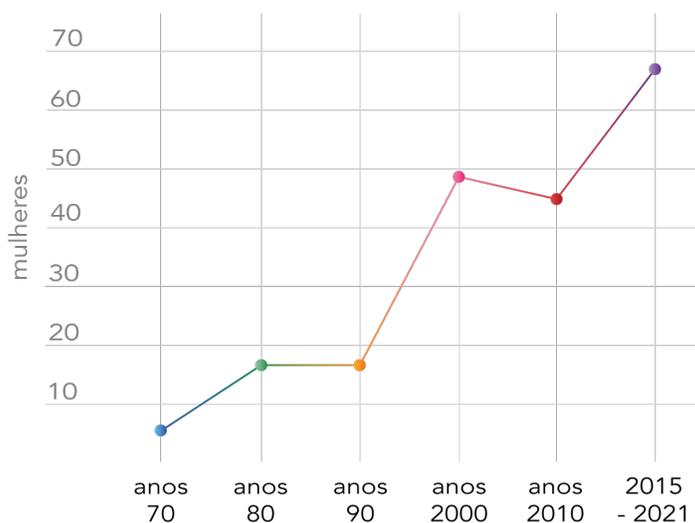
Esse movimento despontou com a criação de várias Associações de Mulheres, chegando a ser constituída a Federação das Associações de Mulheres do Município do Rio de Janeiro. Esta Federação, que recebeu o título de utilidade pública em 1997, tinha por objetivo ir além da superação da discriminação sexual, de gênero e de raça. Ela visava à construção e à implementação de políticas públicas que contemplassem as necessidades – individuais e coletivas – específicas das mulheres. Esta luta contribuiu diretamente para a ampliação de direitos e a efetivação da cidadania, cooperando plenamente para o desenvolvimento de aspectos que interferem na autonomia feminina e nos processos de superação das desigualdades. “Se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres” (Carneiro, 2003, p. 3).

A presença das mulheres no ativismo comunitário não é de hoje, mas podemos afirmar que seu crescimento é marcante no cotidiano das favelas,

seja pelo protagonismo das mulheres, pela visibilidade cada vez mais notória ao enfrentamento do racismo, do acesso à educação, entre outras motivações. Se as motivações iniciais eram a luta por melhorias das condições de vida como a construção de creches, pavimentação, saneamento, entre outras, hoje transbordam demandas que elas abraçam como causas que podem também chamar de suas. Notadamente, tais causas estão cada vez mais protagonizadas por mulheres que promovem um aquilombar com seu sentido de sonhar, de lutar e de esperar.

A ideia hoje recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão, passando de instituição clandestina a símbolo de resistência (Nascimento, 2006), como no contexto das favelas, por exemplo. Como referência ao que afirma Beatriz Nascimento, quilombo “não é uma ideia localizada no passado e sim um *continuum* cultural de aglutinação, no sentido de agregação, comunidade e resistência pelo reconhecimento da humanidade e preservação dos símbolos culturais do povo negro” (Souto, 2020, p. 141).

Gráfico 8 | **Início das atividades**

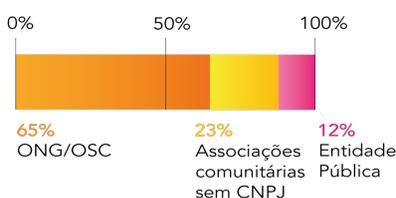


Fonte: A autora, 2022.

Esse movimento que nomeamos feminização do poder (Nunes, 2018) cresce a cada dia, sendo a favela ou a comunidade considerada como o lugar que dá significado para a luta e a permanência no lugar (Paredes, 2010). E tal movimento ocorre com a atuação das mulheres através de suas práticas de resistência.

Elas se organizam em coletivos, associações, instituições. Nosso estudo apontou que 65% atuam em organizações de base comunitária com natureza jurídica e 23% em associações sem CNPJ.

Gráfico 9 | **Vinculação com organizações comunitárias**



Fonte: A autora, 2022.

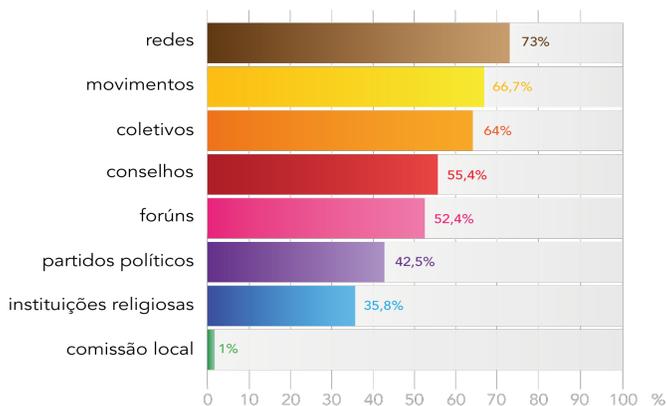
Elas não trabalham sozinhas – 100% das nossas colaboradoras participam de espaços coletivos (movimentos sociais, redes, coletivos, dentre outros). Assim, a atuação em rede (seja ela construída dentro da própria favela ou fora dela) e a participação nos movimentos sociais e na luta por políticas públicas que contemplam as necessidades – individuais e coletivas – remetem à necessária e importante visibilidade acerca do que essas mulheres vêm fazendo.

Isto nos mostra que elas estão nas favelas, mas também na cidade. Nesse sentido, nos interessa conhecer a participação das ativistas sociais moradoras de favela nessa ação micropolítica de mobilização e negociação com o poder público. Essas mulheres, sujeitas com agências, estão criando determinados repertórios para enfrentar a estrutura desigual a que estão permanentemente submetidas. Reconhecem que o Estado não age para amenizar os conflitos postos pelas desigualdades e para garantir formas de melhor viver nas favelas, mas não se acomodam. Realizam ações de diferentes naturezas:

trabalham com educação, saúde, cultura, meio ambiente, violência contra a mulher, terapia do riso, educação menstrual, segurança alimentar, entre tantas outras atividades.

Essas ativistas sociais enquadram-se, em sua maioria, em preceitos raciais, culturais ou econômicos de marginalização, o que as têm levado a se organizarem, a fim de modificar suas condições de vida. Participam de redes, coletivos, movimentos sociais, instituições religiosas, conselhos de direitos e, em menor grau, partidos políticos – ou seja: atuam em rede. Os nós das redes são lugares de conexões que, de acordo com Raffestin (1993), correspondem a lugares de poder e de referência. É através desses pontos que a rede se solidariza, mas também exclui. Assim, as ativistas procuram identificar e dar visibilidade às múltiplas formas de enfrentamento das iniquidades sociais a que estão permanentemente submetidas, e se posicionam, se articulam e atuam, utilizando saberes, práticas e estratégias locais em que são protagonistas quando exercem esse papel de liderança.

Gráfico 10 | **Espaços de participação**

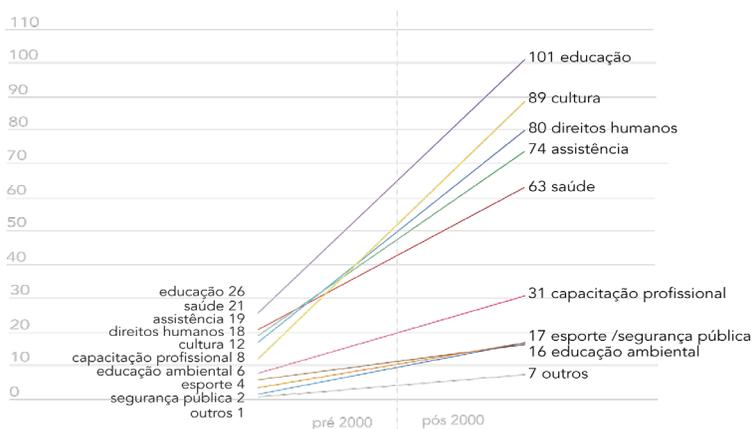


Fonte: A autora, 2022.

Essa luta contribuiu diretamente para a ampliação de direitos e a efetivação da cidadania, cooperando plenamente para o desenvolvimento de aspectos que interferem na autonomia feminina e nos processos de superação

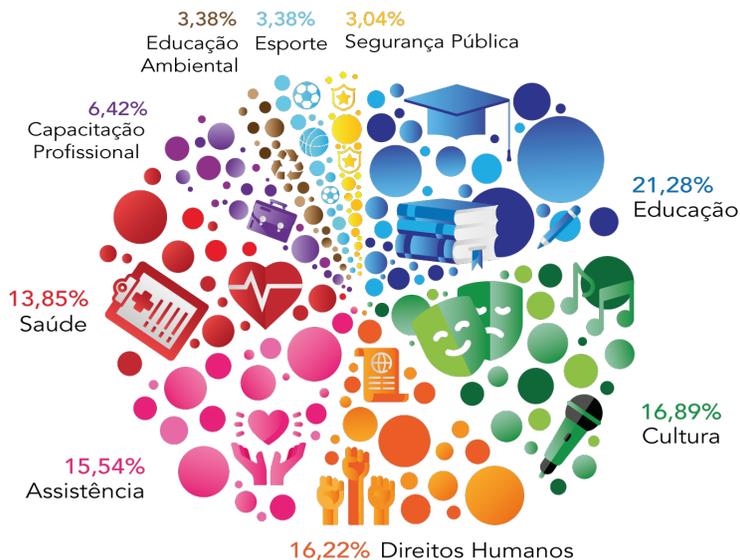
das desigualdades. Ao declararem atuar em diversas frentes, hierarquizam em primeiro lugar a assistência, a educação e a saúde.

Gráfico 11 | **Temáticas prioritárias da atuação**



Fonte: A autora, 2022.

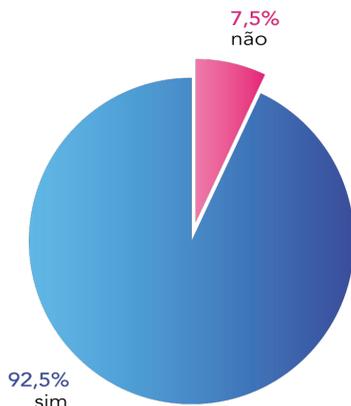
Figura 1 | **Atuação**



Fonte: A autora, 2022.

Elas afirmam promoverem a saúde! Sim, 92,5% reconhecem que suas práticas contribuem para a promoção da saúde nos seus territórios a partir de uma atuação relacionada com os DSS, os quais relacionam questões de saúde às lutas coletivas por cidadania e por direitos humanos.

Gráfico 12 | **Promoção da Saúde**



Fonte: A autora, 2022.

O conceito de promoção da saúde parte de uma concepção ampliada do processo saúde-doença e de seus determinantes, e propõe a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, público e privado, para seu enfrentamento e resolução (Buss, 2000). Assim, a promoção da saúde busca superar o modelo biomédico, utilizando campos de ação amplos, que consideram as dimensões políticas, o desenvolvimento de habilidades pessoais e coletivas, o envolvimento comunitário, o cuidado com o ambiente e a reorientação dos serviços de saúde (Tavares et al., 2016, apud Mattioni et al., 2022).

Quando perguntadas por que suas ações contribuíam para a promoção da saúde foram diversas as argumentações:

92,5% dizem trabalhar com saúde:

- “Porque orienta, informa e acompanha”
- “Porque através do trabalho as pessoas passam a conhecer seus direitos e deveres”
- “Sim, concentrado na saúde mental para tentar amenizar o trauma”
- “Pessoas felizes são mais saudáveis”
- “A terapia do riso traz saúde. A cada 10 pessoa que recebem a terapia, 8 tem melhora”
- “Porque uma pessoa capacitada profissionalmente vai poder acessar melhores oportunidades”
- “Muitas das vezes, as pessoas de comunidade precisam de espaço de reflexão e debate sobre o seus ansios e realidade vivoda no local”
- “Porque através das atividades culturais fui encontrada pelos politicos e fizeram esgoto, instalação de agua, banheiros...”
- “Porque conversamos com as maes sobre os defcites das crianças dando apoio familiar”
- “Porque quando consegue conversar, fazer uma roda, desaguar a dor voce acolhe e isso é promover saúde”
- “Por levar informações que muitos não sabem, ou desconhecem.”
- “Conscientização de riscos de doenças campanhas de vacinação, cuidado e prevenção de dst's, esclarecimento sobre beneficios e direitos”

Fonte: A autora, 2022.

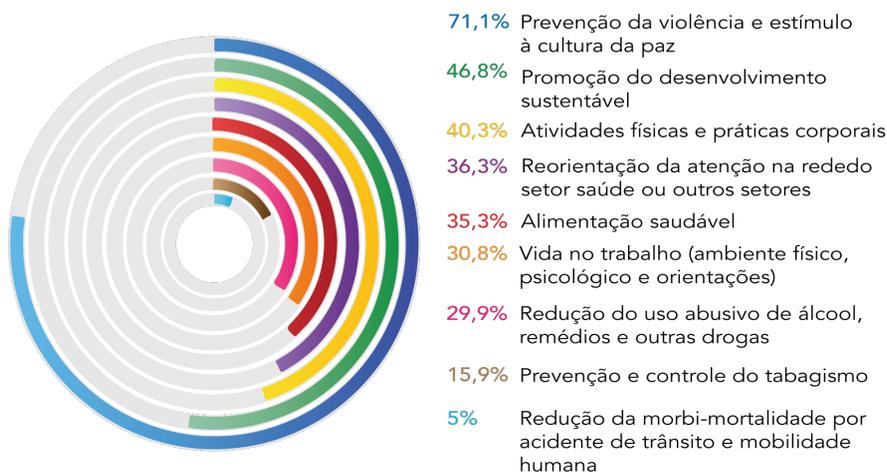
Seguindo as diretrizes da PNPS, nossas colaboradoras foram convidadas a apontarem sobre em quais aspectos elas identificavam atuar, bem como quais as estratégias que utilizavam nas suas ações cotidianas. Segundo Bandini e Germani (2015), promotores de saúde são considerados as pessoas, organizações e grupos de diversos setores que trabalham para promover a saúde, independentemente da designação profissional. Sendo assim, elas trazem os saberes, as habilidades e as proposições para a promoção de condições objetivas e subjetivas nos seus modos de fazer saúde em diálogo com os princípios e valores da PNPS que interagem com suas práticas e ações:

- a) reconhece a subjetividade das pessoas e dos coletivos no processo de atenção e cuidado em defesa da saúde e da vida; b) considera a solidariedade, a felicidade, a ética, o respeito às diversidades, a humanização, a corresponsabilidade, a justiça e a inclusão social como valores fundantes no processo de

sua concretização; c) adota como princípios a equidade, a participação social, a autonomia, o empoderamento, a intersetorialidade, a intrasetorialidade, a sustentabilidade, a integralidade e a territorialidade. (PNPS, 2018)

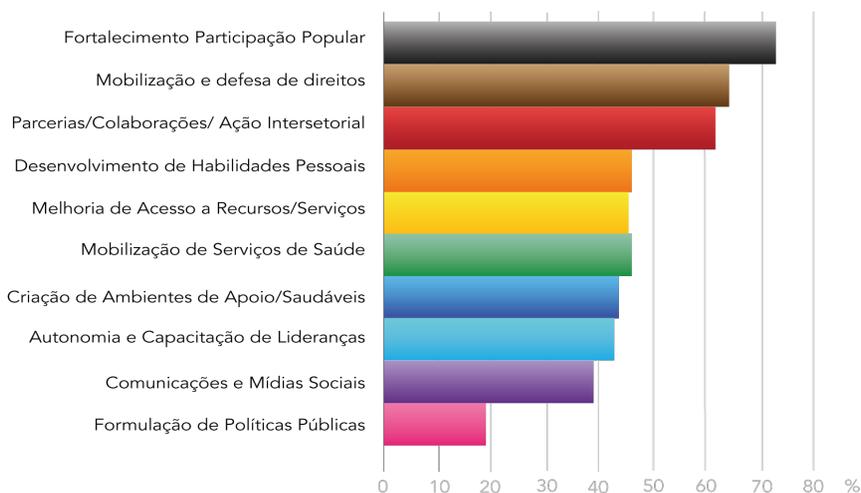
Adotamos aqui, como ponto de partida, compreender como suas práticas e atitudes favorecem modos de vida de grupos e comunidades onde há precariedade e insuficiência de políticas públicas, tendo como referência os temas prioritários da PNPS e alguns de seus objetivos. Articuladoras e mediadoras de um diálogo permanente com o poder público, agenciadoras de recursos, elas desenvolvem com muita habilidade uma infinidade de estratégias capazes de favorecer melhores modos de vida e de viver para suas comunidades.

Gráfico 13 | **Temas em relação à promoção da saúde**



Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 14 | Estratégias em relação à promoção da saúde



Fonte: A autora, 2022.

A favela é um locus onde múltiplas violências e violações são praticadas contra seus moradores e moradoras e torna-se um espaço privilegiado para a promoção da saúde. Nessas circunstâncias, as mulheres de favela que se constituem como referência desenvolvem estratégias e ações em PS, quais sejam: criação de ambientes favoráveis à saúde; fortalecimento das ações comunitárias; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Também está compatível com algumas diretrizes da PNPS: estímulo à cooperação intra e intersetorial e incorporação das intervenções de PS no modelo de atenção à saúde, por meio de ações intersetoriais. Ainda, reconhece-se a comunidade como um território para o desenvolvimento de competências centrais para a promoção da saúde, especialmente alinhada aos eixos operacionais: territorialização; articulação e cooperação intrasetorial e intersetorial; participação e controle social; produção e disseminação de conhecimentos e saberes; comunicação social e mídia.

Efetivar a intersetorialidade, a interdisciplinaridade e a participação de maneira contextualizada, é caminho fundamental, considerando que suas ações de nível local estão alinhadas com a realidade que se insere e

possibilitam a criação de estratégias participativas (Casemiro, Fonseca e Secco, 2014).

A mediação *com e através da parceria*

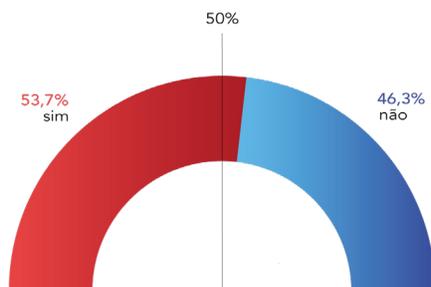
As demandas comunitárias e seus inúmeros desafios são agendas negociadas através de mediação e colaboração com diversos atores. Esse domínio é favorecido pelas diversas relações estabelecidas junto às unidades de saúde, escolas, igrejas, associações comunitárias, organizações da sociedade civil entre tantas outras parcerias que promovem um trabalho intersetorial em rede do território.

Com isso, há fortalecimento de vínculo entre a atuação dessas mulheres de favelas com as instituições públicas, privadas e não governamentais, estabelecendo uma dinâmica de trabalho comprometida, no sentido de promover encaminhamentos a possíveis resoluções dos problemas locais.

A presença do poder público em diversas favelas do Rio de Janeiro vem sendo marcada principalmente pela política de segurança. São recorrentes as incursões policiais nomeadas “operações” com o argumento de “guerra às drogas”, referindo-se ao controle armado dos espaços populares por gangues. Assim, assiste-se a um genocídio dos jovens negros cometido pelo Estado, cujas práticas são alimentadas pelo classismo, pelo racismo e pela segregação urbana. Elas, as ativistas comunitárias aqui representadas não se calam, e num movimento de luta e resistência social mantêm suas atividades, a assistência às famílias e o acolhimento daqueles que necessitam de apoio e escuta qualificada. Assim, suas lutas se traduzem neste momento de pandemia no reconhecimento da cidadania, no resgate dos valores que pautam a humanização dos corpos e na construção de estratégias para a superação das desigualdades.

Atuar nesses espaços acentuadamente marcados pela violência não as faz desistir. Quando perguntadas sobre se já sofreram algum tipo de ameaça pelo trabalho que realizam, 53,7% disseram que sim. No entanto, elas não desistem. Isso não significa que subestimem as situações de medo, mas a motivação que as impulsiona no trabalho acaba sendo maior do que desistir dele.

Gráfico 15 | Sofreu ameaça devido à atividade

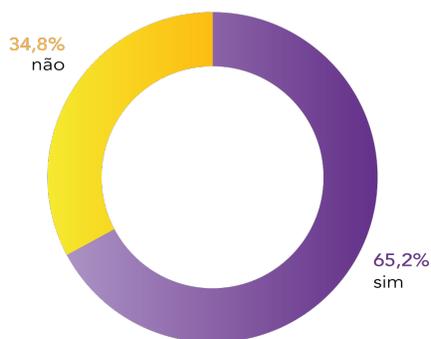


Fonte: A autora, 2022.

O que as faz tão resistentes e resilientes? Talvez os princípios que orientam o que chamamos de feminismo popular. Das nossas colaboradoras, 65% se declaram feministas, mas as 35% que não se identificam com o termo trazem, em sua grande maioria, uma justificativa feminista: “Não sei dizer se eu sou feminista; o feminismo é pouco para mim; luto pelos direitos do povo em geral (homem, mulher, homossexual) sem discriminação de cor, raça, sexo”. Curiosamente, a negação traz significados e significâncias cujas práticas e atitudes que preconizam agem no enfrentamento dos problemas que permeiam os seus locais de moradia e que muitas vezes se alinham ao feminismo. No entanto, a justificativa de suas negações está majoritariamente alinhada à crítica aos feminismos radical e liberal, cujas práticas elas identificam e declaram não concordar com elas.

Contudo, essas mulheres – todas elas – trazem em si práticas insurgentes e subvertem a ordem, desenvolvendo uma consciência feminista feminina, de feminismo popular (Lebon, 2014; Veillette, 2018; Nunes e Veillette, 2022). Elas saem em busca de (re)conhecimento e diversificação das concepções e práticas políticas. O que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduz no feminismo é, conforme destaca Carneiro (2002, p. 3), “o resultado de um processo dialético que, se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e das desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres”.

Gráfico 16 | Considera-se feminista



Fonte: A autora, 2022.

Com o propósito de compreender suas escolhas e orientações, quando perguntadas sobre suas justificativas, destacamos algumas respostas:

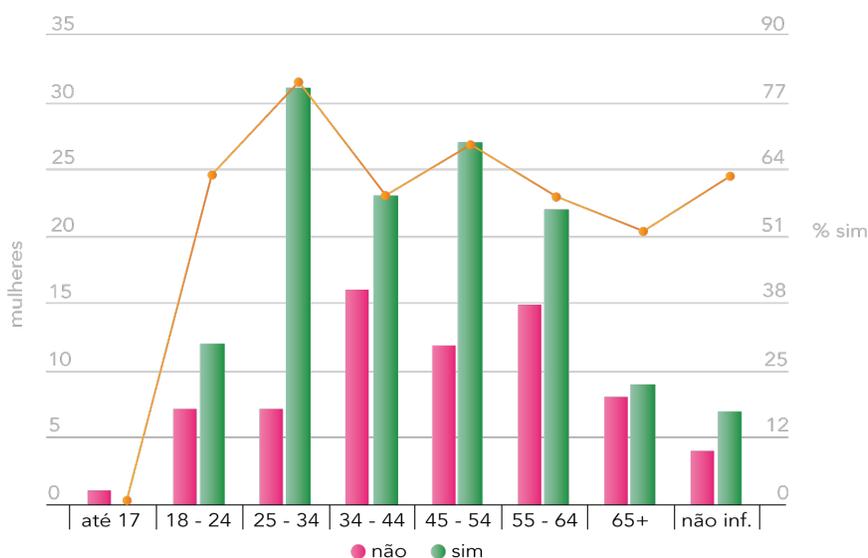
das que não se consideram:

- "Luto por pessoas (homens, mulheres, crianças) não somente mulheres"
- "Considero o feminismo muito limitado pela questão racial"
- "Não sei dizer se eu sou feminista"
- "Entre aspas, pois não considero que sou representada"
- "Radicalismo, Na vida a flexibilidade faz parte do processo de companheirismo, em todas as áreas"
- "Não sei... porque penso no ser humano e não somente na mulher"
- "Não domino o assunto"
- "Porque precisamos da parceria do sexo oposto, os dois lado a lado"
- "Não sei porque mas não me considero feminista."
- "Porque os princípios feministas são radicais e contraditórios"

Fonte: A autora, 2022

Buscamos compreender ainda como a declaração de ser ou não feminista se reflete em relação à idade e à questão racial, considerando que este evidenciar da mulher com essa postura ativista, militante pode expressar uma influência recebida em função da escolaridade. No entanto, esta distribuição não expressou uma caracterização associada.

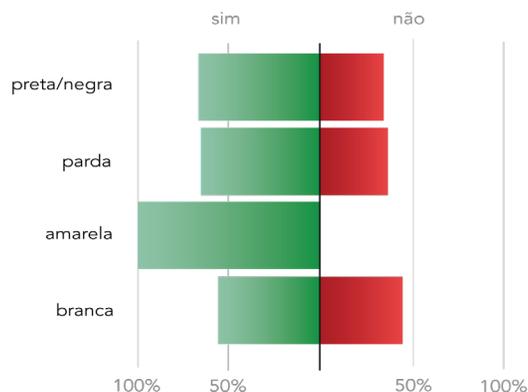
Gráfico 16 | **Feminista x idade**



Fonte: A autora, 2022.

No que tange ao quesito raça/cor, um equilíbrio maior entre as respostas positivas e negativas se deu entre as mulheres brancas.

Gráfico 18 | **Feminista x raça/cor**



Fonte: A autora, 2022.

O compromisso com a transformação social está no horizonte dessas mulheres e se constrói com práticas e atitudes para além do fato de se há ou não autodeclaração sobre ser feminista. Essa é uma perspectiva que defendemos com o que nomeamos feminismo popular, que se caracteriza pela subjetividade específica dessas mulheres, sua articulação em rede, um compromisso radical pela favela e uma temporalidade de ação diferenciada na cidade (Nunes e Veillette, 2022, p.1).

A compreensão do que vem a ser feminismo para essas mulheres está orientada por uma perspectiva do cotidiano que é atravessado pelo seu lugar na colonialidade de poder: raça, classe, gênero e espacialidade. Observar seus testemunhos nos remete a olhar a favela pela perspectiva da mulher, que faz desse lugar outro lugar, sob o olhar da moradora que atua como gestora/mediadora/ativista comunitária e que é protagonista de uma nova cena política e social. São histórias e experiências diferenciadas que marcam cada uma delas, mas que convergem no desejo de transformação coletiva de seus lugares de vida e de atuação. Não obedecem às normativas impostas às mulheres desde sempre e estão comprometidas com as lutas comunitárias e populares, inventam e reinventam novas formas de fazer; portanto, transformam o vivido em novas formas de escrever a história – sua e dos outros que as cercam.

Considerações finais

O ativismo dessas mulheres vem se consolidando década após década, ano a ano. Construindo *modus operandi* próprio de fazer seu trabalho na base, elas se contrapõem à clássica e hegemônica visão da mulher restrita ao espaço privado da casa e do cuidado. Elas atuam localmente, mais a partir de um projeto de cidade. Quando se evidencia que há um processo de feminização do poder em curso nos espaços populares, e que com ele uma diversidade de experiências protagonizadas pelas mulheres incide diretamente nos modos de vida das favelas, reconhecemos sua importância no exercício de sua práxis política.

Neste livro *Mulher de favela*, como aqui também as nomeamos, falamos de mulheres, cujas identidades sociais se confundem com as identidades socioespaciais das favelas nas quais nasceram, cresceram, viveram ou habitam. A interseccionalidade que as atravessa e é expressão de gênero, raça e classe, associados à dimensão territorial, traduz-se nesse grupo como existência e resistência. A experiência vivida e os diferentes caminhos para enfrentar a realidade que envolve suas vidas pessoais e dos demais moradores de suas comunidades evidenciam a luta dessas mulheres em uma esfera que é pública, porém não estatal.

A violência epistêmica a que foram historicamente submetidas as mulheres negras não mais as calará. Elas rompem cotidianamente o silêncio velado do patriarcado colonial, tornando-se sujeitas desse processo de transição do silêncio ao ato revolucionário da fala, nas palavras de bell hooks (2019). Desenvolvem um poder negociado, uma vez que se produzem múltiplos espaços de participação e articulação com o poder público, iniciativa promovida por atores locais. Historicamente imersas em perversas relações de poder, as mulheres às quais aqui nos referenciamos, trilham por

caminhos possíveis, uma construção social baseada no reconhecimento, na solidariedade, na valorização do outro e no entendimento de uma sociedade que carece de compreensão dos significados sociais que refletem sua história de passado e presente.

Cada vez mais escolarizadas, além de sua atuação, elas se tornam referência para tantas outras. Impulsionadas pelo trabalho em rede, articulam-se com outros grupos, fóruns, coletivos, conselhos – o que as fortalece na construção de suas narrativas e de suas práticas, além de amplificar a visibilidade de suas ações.

Como este livro é resultado do estudo “Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a atuação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro”, olhar atentamente acerca das práticas das mulheres através das lentes da promoção da saúde nos apresenta aprendizados importantes. A compreensão que trazem da sua atuação passa por uma leitura importante sobre o fato de que a saúde não se limita apenas à ausência de doenças. Pelo contrário, ao obtermos como resposta de nossas participantes em quase sua totalidade que reconhecem a contribuição de suas ações como promotoras de saúde, demonstram também o autoconhecimento de seus trabalhos para a mudança na vida das pessoas, de que ter saúde envolve muitas dimensões.

Seus trabalhos nunca são solitários! A mobilização e o fomento à participação comunitária e a ações que valorizam a cultura local e fazem frente a movimentos de resistência social as acompanham, valorizando conquistas e ações coletivas. A mediação no acesso aos serviços adicionados à advocacia em defesa de suas pautas locais também está refletida nas suas práticas de promoção da saúde por elas definidas: Porque as pessoas se sentem valorizadas ao ter consciência de que a a história e memória delas têm uma grande relevância para o cuidado [...]; aumentam a confiança das pessoas e sua autonomia e, com certeza, tudo isso interfere num ambiente saudável em que as pessoas percebem o valor que elas tem [...]; o trabalho realizado é passar informações para jovens sobre a boa alimentação, a vida saudável e o direito à saúde; uma das coisas que é trabalhada é o saneamento básico, manejo de

resíduos, de produtos orgânicos. Porque de uma pessoa capacitada profissionalmente vai poder acessar melhores oportunidades. Entre tantas outras respostas, que afinal, existem.

Portanto, o fato de reconhecer que as práticas de promoção da saúde são capazes de ativar resistências e reduzir a responsabilização individual e a culpabilização pode “provocar mudanças numa perspectiva futura que almeje uma sociedade mais justa, cooperativa, solidária e sustentável, e isso nos parece ser o mais relevante, possível e desejável a que podemos aspirar” (Mattioni et al. 2022, p.3280). Saúde equilibrada exige condições de dignidade. Moradia, renda, transporte público, boas condições ambientais e garantia de trabalho são apenas alguns elementos necessários para uma vida saudável (Mattioni et al. 2022, p.3279).

Na favela, há toda sorte de diferenças de pertenças e projetos. Independentemente das diferenças de atuação onde se consolidam suas práticas, elas buscam respeitar o outro, aceitando e/ou valorizando saberes e escolhas. Esse sujeito, com consciência “de si” e “para o outro”, atua a partir da solidariedade horizontal, cujo compromisso caminha por novos trilhos de fazer política na base, ocupando espaços de participação social, seja nos movimentos da sociedade civil, seja através dos conselhos de direitos ou mesmo de suas organizações de base.

Conscientes do “nós por nós” e da solidariedade na favela, essas mulheres promovem a saúde compreendendo suas determinações sociais. A presença do poder público em diversas favelas do Rio de Janeiro vem sendo marcada notadamente pela presença da política de segurança. Assim, assiste-se a um genocídio dos jovens negros cometido pelo Estado, cujas práticas são alimentadas pelo classismo, pelo racismo e pela segregação urbana. Elas, as ativistas comunitárias aqui representadas, não se calam, e num movimento de luta e resistência social mantêm suas atividades, a assistência às famílias e o acolhimento daqueles que necessitam de apoio e escuta qualificada. Assim, suas lutas se traduzem no reconhecimento da cidadania, no resgate dos valores que pautam a humanização dos corpos e na construção de estratégias para a superação das desigualdades.

Um processo de pesquisa requer disponibilidade para aprender/ensinar/aprender com dedicação, criatividade e perseverança. Este estudo ainda em processo foi atravessado pela emergência sanitária da covid-19 exigindo adequações, alinhamentos e persistência. Compartilhamos aqui nossas primeiras lições aprendidas, pois essas mulheres nos ensinam todos os dias como construir um habitar melhor para si e para todos/as que as cercam, como tecer redes de solidariedade e de esperança. Com afeto, criam alternativas de existência e resistência. São plurais nos caminhos que encontram para resolver a vida e traçar trajetórias recorrendo às sabedorias que vêm de longe.

Referências

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. São Paulo: Editora. Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE, E. M. de. *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado. ENSP – Fiocruz, 2009.
- ALVAREZ, S. et al. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 541-575, dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 feb. 2020.
- ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. Dossiê “O Gênero da Política: Feminismos, Estado e Eleições”. *Cadernos Pagu* (43), janeiro-junho de 2014.
- ALVITO, M. “A Honra de Acari”. In: SOUZA, Marcos Alvito & VELHO, Gilberto (orgs.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.
- ALVITO, M. “Um bicho de sete Cabeças”. In: ZALUAR & ALVITO (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ALVITO, M. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- ANDREADE, Monica de [et al.]. Métodos participativos em promoção da saúde. 1ªed. Porto Alegre,. CirKula, 2022. 346 p. Disponível em: <https://livrariacirkula.com.br/produto/9786589312529>
- BARBOSA, Eliete Edwirges. *Negras Lideranças: mulheres ativistas da periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Dandara, 2019.
- BIERNACKI, P. & WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, vol. nº 2, November. 141-163p, 1981.
- BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. *Revista Brasileira de Ciência Política* [online], 2015, n. 18, p. 81-117. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151804>>. Acesso em: 3 maio 2022.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, P. (2006). Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) Portaria MS/GM n. 687, de 30 de março de 2006. Ministério da Saúde.
- Brasil, & Ministério da Saúde. (2014). PORTARIA nº 2.446, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2014: Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): Ministério da Saúde. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html
- BRUM, M. I. “O povo acredita na gente”: rupturas e continuidades no movimento comunitário das favelas cariocas nas décadas de 1980 e 1990. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2006.

BURKE, P. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. A saúde e seus determinantes sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007.

CANTO, Vanessa Santos do. In FONSECA, Denise Pini Rosalem da; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (orgs). *Outras mulheres: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

CARNEIRO, S. A batalha de Durban. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp. 209-214. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100014>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CHAUÍ, M. Notas sobre cultura popular. In: *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHÁVEZ, Lourdes Fátima Diaz; COSTA, Kelly Aparecida. “Trajetória de Lourdes Diaz na Comunidade Kumba Cua”. In: SOUZA, Angela Maria de; ALVES, Julia Batista; RAMOS, Flávia Regina Dorneles (orgs). *Voices of Mulheres da América Latina: movimentos de aquilombamento*. São Paulo: Editora Dandara, 2022, p. 48-56.

COSTA, S. G. “Proteção social, maternidade transferida e lutas por saúde reprodutiva”. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 2, p. 301-24, 2002.

COSTA, S. G. “A voz das mulheres: linhas da vida e associativismos feministas. Rio de Janeiro, anos 1970-80” In ABREU, Martha, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs.) *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 437-456.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 fev. 2020.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

DECLARAÇÃO POLÍTICA DO RIO SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. Disponível em http://www.who.int/sdhconference/declaration/Rio_political_declaration_portuguese.pdf. Acessado em: 02/06/2018.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Fernando Lannes. *Violência, medo e estigma: Efeitos socioespaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia), UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, F. L. Os jovens da favela. Reflexões sobre controle e contenção sócio-espacial dos párias urbanos no Rio de Janeiro. *Convergência. Revista de Ciências Sociais* [on-line], v.19. n. 59, p. 159-186. (maio-agosto): 2012. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10521880007>> Acesso em: 22 nov.2019.

FONSECA, D., PAGNOCELLI, D. S. M.; MAGALHÃES, M. L. Feminização do Poder: considerações iniciais. *Revista Praia Vermelha – Estudos de Política e Teoria Social*, PPGSS/UFRJ. Rio de Janeiro, n. 18(2), 2008.

FONSECA, Denise Pini Rosalem da; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (orgs). *Outras mulheres: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

FURTADO, M. A.; SZAPIRO, A. Promoção da saúde e seu alcance biopolítico: o discurso sanitário da sociedade contemporânea. *Saúde e Sociedade*, v. 21, n. 4, pp. 811-821, 2012.

GONZALEZ, Lélia. “O movimento negro na última década”. In: GONZALEZ, L. e

HASENBALG, C. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções, diálogos. Orgs: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HEILBORN, Maria Luisa; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (orgs). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça – GGP-GeR: módulo III*. Rio de Janeiro: CECPESEC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

hooks, b. *Ain't I a Woman? Black woman and feminism*. 1ª edição, 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2021 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro : IBGE, 2021. 206 p. il. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, ISSN 1516-3296, n. 44).

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobodó, 2019.

LEBON, Nathalie. Brazil: Popular Feminism and Its Roots and Alliances. pp.147-165 in Richards Stahler-Sholk, Harry E. Vanden and Marc Becker (eds.), *Rethinking Latin American Social Movements: Radical Actions from Below*. Lanham: Rowman & Littlefield. 2014.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1980.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 19 fev. 2020.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Revista Sociedade e Estado*, volume 31, número 1, janeiro/abril 2016.

MATTIONI, Fernanda Carlise et al. Métodos Participativos: Um Caminho Para a Promoção da Saúde. In: ANDREADE, Monica de [et al.]. *Métodos participativos em promoção da saúde*. 1ed. Porto Alegre,. CirKula, 2022. 346 p. Disponível em: <https://livrariacirkula.com.br/produto/9786589312529>

MENDES, R., Fernandez, J. C. A., & Sacardo, D. P. (2016). “Promoção da saúde e participação: abordagens e indagações”. *Saúde debate* [online], 40(108), 190–203. <https://doi.org/10.1590/0103-1104-20161080016>

MATTIONI, Fernanda Carlise et al. Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2022, v. 27, n. 8 [Acessado 1º agosto 2022] , pp. 3273-3281. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021> <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021EN>>. Epub 22 Jul 2022. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021>.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. SP: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

NÓBREGA, P. R. da C. Reflexões acerca dos conceitos de território, territorialidades e redes para o ensino de geografia. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 4, n. 7, p. 4-21, jul./dez. 2013. Acesso em: 20 fev. 2020.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade e Veillette, Anne-Marie. “Mulheres de favelas e o (outro) feminismo popular”. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2022, v. 30, n. 1 [Acessado 5 julho 2022], e75556. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n175556>>. Epub 6 maio 2022. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n175556>.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade. *Mulher de favela: o poder feminino em territórios populares*. Editora Gramma, 2018.

OTTAWA CHARTER (Carta de Ottawa). (1986). In: 1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa, Canadá; 1986.

http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf.

Accessed: 07 jul. 2022.

PANDOLFI D & GRYNSPAN. M. *A favela fala: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PISCITELLI, A. G. *A história de um conceito*. In: Almeida & Szwako. *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” *Estudos Históricos 10 Teoria e História*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” *Estudos Históricos 3 MEMÓRIA*. Rio de Janeiro, Edições Vértice, 1988.

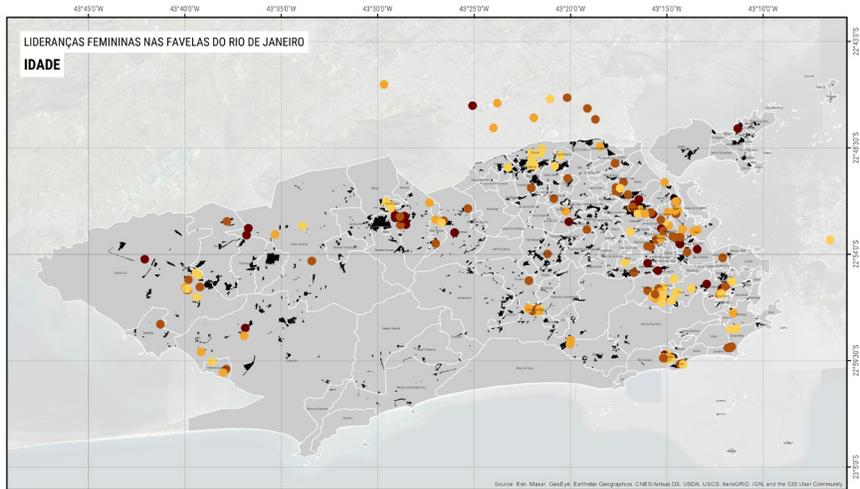
PORTELLI, A. “O massacre de Civitella Val di Chiana”. In: Ferreira, Marieta de M. e Amado, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza (et al.). Saúde e Ambiente na Favela: reflexões para uma promoção emancipatória da saúde. *Serv. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 523-543, jul./set. 2015.

PRINS, Gwyn. *História oral*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas* (tradução de Magda Lopes). São Paulo: Editora UNESP, 1992.

- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales *CLACSO*. Buenos Aires, 2005.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- RATTS, A. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.
- REIS, D. A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004). Bauru, SP: Edusc, 2004.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. (Tradução: Dora Rocha). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- RIBEIRO, M. Mulheres negras brasileiras: de Bertioiga a Beijing. *Rev. Estud. Fem.*, vol.16, n.3, p. 987-1004, dec. 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view-File/16459/15033>>. Acesso em: 17 Nov. 2014.
- ROCHA, Dais Gonçalves et al. Processo de revisão da Política Nacional de Promoção da Saúde: múltiplos movimentos simultâneos. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2014, v. 19, n. 11 [Acessado 21 junho 2022] , pp. 4313-4322. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320141911.11232014>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320141911.11232014>.
- ROCHA, Patrícia Rodrigues da; DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal. Determinação ou Determinantes? Uma discussão com base na Teoria da Produção Social da Saúde. *Rev Esc Enferm. USP*, 2015. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp. Acessado em: 02/06/2018.
- SAFFIOTI, H. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil*. 2009.
- SAHLINS, M. *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SARTI, Cynthia Andersen. “O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, CFH/CCCE/UFSC, vol.12 n.2/2004.
- SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. *Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios – uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SILVA, Jailson Souza e. Barbosa, JL; Simão, MP. *A favela reinventa a cidade*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- SILVA, Jailson Souza. *Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos*. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, 2002. Disponível em <http://iets.inf.br/biblioteca/Um_espaco_em_busca_de_seu_lugar.PDF>. Acessado em 10/05/2015.
- SOIHET, R. “Feminismos e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80”. In ABREU, Martha; SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs.) *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 411-436.

- SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Revista Metamorfose*, vol. 4, nº 4, jun de 2020. S. Souto 133-144.
- SOUZA, Angela Maria de; ALVES, Julia Batista; RAMOS, Flavia Regina Dorneles (orgs.). *Vozes Mulheres da América Latina: movimentos de aquilombamento*. São Paulo: Editora Dandara, 2022.
- TELLES, Vera da Silva. *Favela, favelas: interrogando mitos, dogmas e representações*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(62), 141-143. 2013, disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessado em 03/05/2013.
- VALLADARES, L. & MEDEIROS, L. “A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.15, n. 44, 2000.
- VALLADARES, L. & MEDEIROS, L. *Pensando as favelas no Rio de Janeiro: 1906-2000, uma bibliografia analítica*. Relume Dumará, FAPERJ, Urbandata Brasil, Rio de Janeiro, 2003.
- VALLADARES, Lícia. *A invenção da favela: do mito de origem à favela*. com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VEILLETTE, A. Racialized Popular Feminism: A Decolonial Analysis of Women’s Struggle with Police Violence in Rio de Janeiro’s Favelas. *Latin American Perspective*. 2019. No prelo.
- VEILLETTE, Anne-Marie. *Women’s resistance to police violence in Rio de Janeiro’s Favelas: linking the gender breach to popular feminism*. Montréal, CA. (no prelo), 2018
- VELASCO, H.; DÍAZ DE RADA, A. *La lógica de la investigación etnográfica*. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Trotta, 1997.
- WERNECK, J. Os resultados do racismo patriarcal sobre a saúde das mulheres negras são devastadores. *Jornal Mulier*. Nº 85. fevereiro de 2011. Disponível em: www.jornalmulier.com.br. Acesso em: 12 dez. 2019.
- WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.
- WHO. Commission on Social Determinants of Health. *Closing the Gap in a Generation: Health Equity through Action on the Social Determinants of Health*. Geneva: World Health Organization, 2008.
- ZALUAR, A. & ALVITO, M. (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.



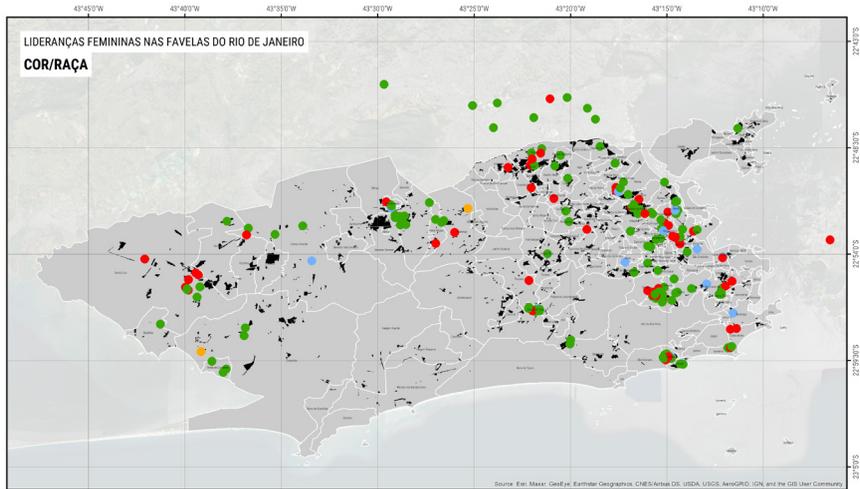
NOTA
 Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e resultou no projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a situação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa.
 O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.
 Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

LEGENDA

IDADE

- 18 - 30 anos
- 30 - 42 anos
- 42 - 60 anos
- 60 - 88 anos

■ Favelas
 ■ Bairros



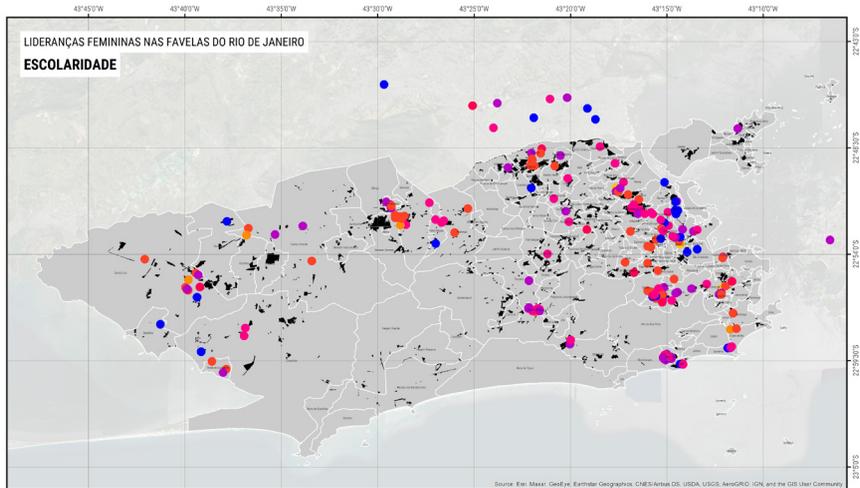
NOTA
 Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e resultou no projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a situação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa.
 O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.
 Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

LEGENDA

COR/RAÇA

- Amarela (1,2%)
- Branca (7,0%)
- Parda (26,5%)
- Preta/Negra (65,3%)

■ Favelas
 ■ Bairros

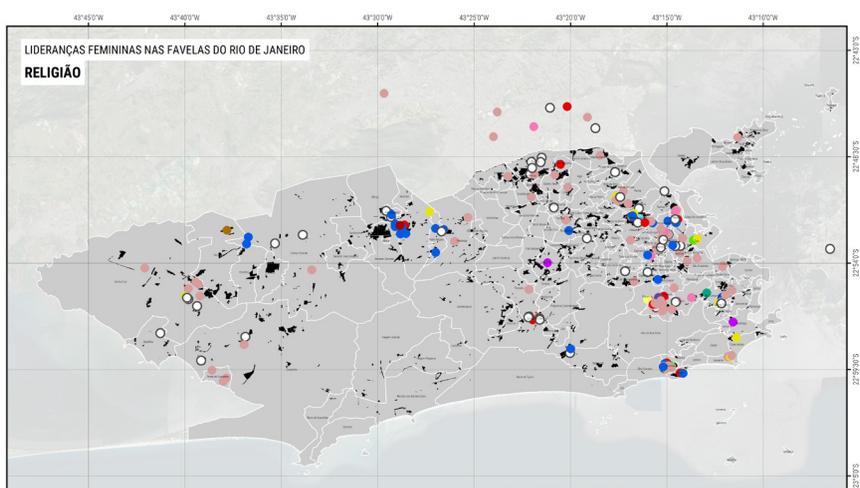


NOTA
Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e vincula-se ao projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a situação de liderança feminina nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa. O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.
Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

ESCOLARIDADE

- Ensinio fundamental completo (1,5%)
- Ensinio fundamental incompleto (2,1%)
- Ensinio médio completo (24,4%)
- Ensinio médio incompleto (5,7%)
- Ensinio superior completo (28,5%)
- Ensinio superior incompleto (23,3%)
- Pós-graduação ou mais (14,5%)

Favelas
 Bairros

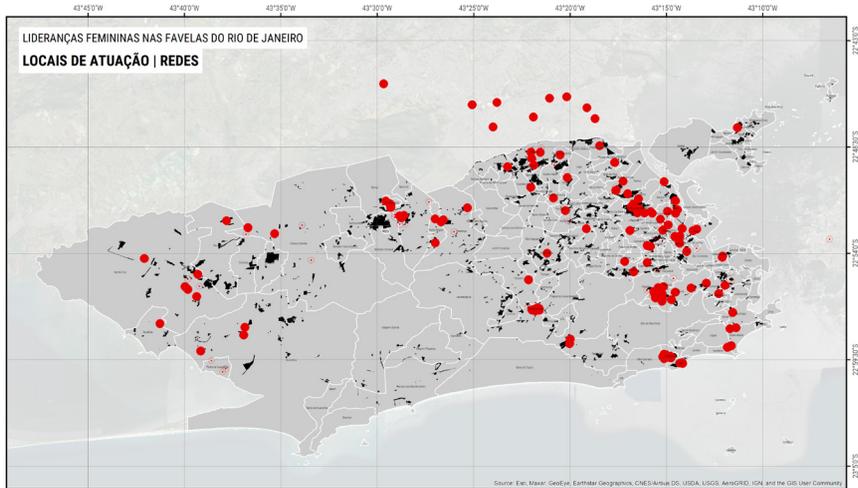


NOTA
Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e vincula-se ao projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a situação de liderança feminina nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa. O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.
Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

RELIGIÃO

- Espiritualista (0,5%)
- A Ioa (0,5%)
- Atelmo (0,5%)
- Budismo (1%)
- Candomblé (6,4%)
- Católica (15%)
- Cristã (1%)
- Ecumênica (0,5%)
- Espírita (5,8%)
- Evangélica (38%)
- Messianica (0,5%)
- Ondulco (0,5%)
- Outro (0,5%)
- Quarto caminho (0,5%)
- Sem religião (23,9%)
- Umbanda (4,5%)

Favelas
 Bairros



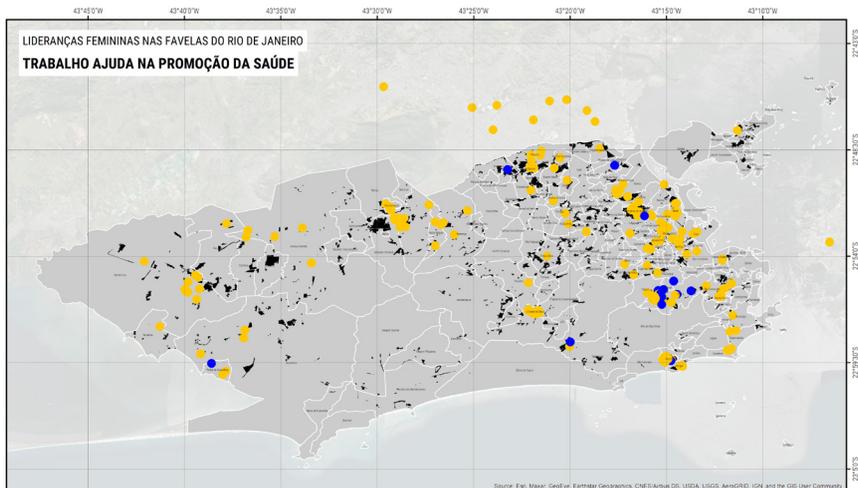
NOTA

Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e vincula-se ao projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a atuação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa. O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.

Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

LOCAIS DE ATUAÇÃO | REDES

- Redes (72,5%)
- Lideranças femininas entrevistadas_pontos
- Favelas
- Bairros



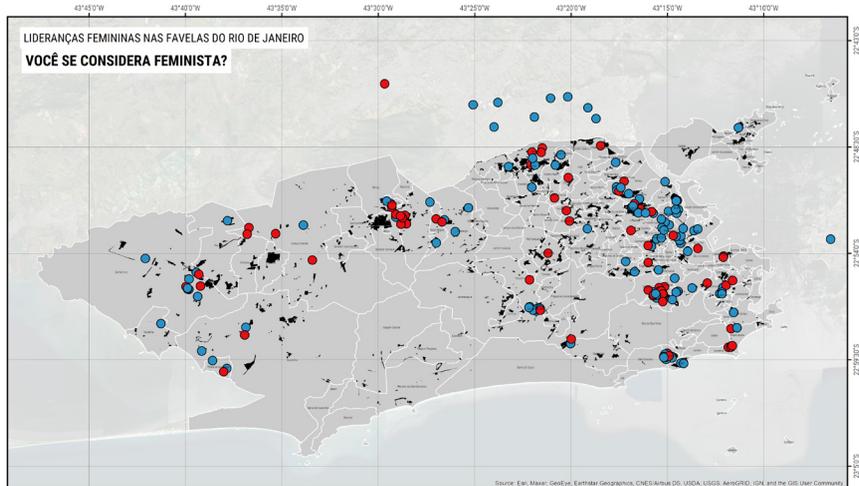
NOTA

Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google Formulários e vincula-se ao projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: um estudo sobre a atuação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 193 encontram-se espacializadas neste mapa. O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.

Coordenação de pesquisa: Prof^a. Dr^a. Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ).

TRABALHO AJUDA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

- Não (7,75%)
- Sim (92,25%)
- Favelas
- Bairros



Date: 06/03/2022
 Coordinate System: UTM SIRGAS 2000
 Datum: SIRGAS 2000
 Units: Degree
 Scale: 1:250,000

0 2.5 5 10 Km

NOTA

Este mapa compõe o processo de sistematização de dados obtidos por meio da aplicação de questionários via Google® Formulários e vincula-se ao projeto de pesquisa "Determinantes sociais da saúde em debate: em estado sobre a atuação de lideranças femininas nas favelas do Rio de Janeiro?". Foram coletadas 202 entrevistas das quais 132 encontram-se disponibilizadas neste mapa. O relatório desta pesquisa encontra-se em anexo.
 Coordenação de pesquisa: Profª Drª Nilza Regina de Andrade Nunes (Departamento de Serviço Social/CS da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC-RJ).

SE CONSIDERA FEMINISTA*

- Não (35%)
- Sim (65%)
- Lideranças femininas entrevistadas_pontos
- Favelas
- Bairros

**Biografias
de Mulheres de Favela
do Rio de Janeiro**



Esta é **Adrielly Ribas Moraes**, educadora popular, é pesquisadora no Museu da Maré/Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Mulher branca, sem religião, é pós-graduada em Educação. Professora na rede pública de Maricá, educadora popular e pesquisadora, atuou no projeto Juventude Periférica e na Frente de Mobilização da Maré. Atualmente, desenvolve junto a equipe do Museu da Maré um trabalho de pesquisa de memória e história oral, a fim de ampliar a valorização da memória local e da identidade da população mareense.

Iniciou suas atividades há 10 anos e atua principalmente com cultura, memória, educação popular e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria ao acesso a recursos e serviços.

Acredita na importância do fomento e fortalecimento de políticas públicas através de mobilização social, criação de ambientes de apoio saudáveis. Acredita também que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, uma vez que o acesso à educação, à informação e à memória fazem parte para a construção de um ambiente saudável. Participa de movimentos, coletivos e partidos políticos. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação a falta de estrutura física, investimentos e o distanciamento social, mas acredita no poder transformador da educação a mantém motivada. Define seu trabalho pelas palavras: *educação, afeto e resistência*.



Esta é **Amanda Vilella**, liderança comunitária de Guaratiba e de Campo Grande, na Zona Oeste. Mulher amarela, sem religião, pós-graduada, trabalha como psicóloga comunitária.

Iniciou suas atividades há 20 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha para a redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores. Participa de fórum, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Está vinculada a Unidade de Reinserção Social.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para dar acesso a informações acerca dos direitos humanos fundamentais, como: cidadania, educação, assistência, participação, lazer; e para a promoção da saúde, na perspectiva da saúde integral e multifatorial. Aponta como dificuldades a falta de recursos materiais e apoio às políticas públicas, parcerias e voluntários para a realização de suas atividades. Contudo, se mantém motivada a continuar no projeto pelo desejo de ajudar na garantia de direitos às pessoas de seu território. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *saúde mental, rede intersetorial, promoção familiar e primeira infância*.



Esta é **Amanda de Andrade Mendonça**, moradora e liderança comunitária da Maré. Mulher negra, mãe de um filho, sem religião e pós-graduanda, faz parte do grupo de mulheres com fitoterapia e “ervaria” do parque ecológico da maré. O projeto possui o intuito de revitalizar o local. A proposta é trazer essas mulheres para oficina de autocuidado e saberes com ervas medicinais.

Iniciou suas atividades há 3 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda no incentivo a alimentação saudável, atividade física e práticas corporais; redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações); promoção do desenvolvimento sustentável; reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores, a educação popular no serviço de saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque as pessoas têm acesso a escuta, a troca de informações e a valorização do saber popular em torno do autocuidado, além de trabalhar as potencialidades das pessoas. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e parcerias com instituições religiosas. Está vinculada ao CMS Américo Veloso e Clínica da Família Diniz Batista dos Santos. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *trabalhar na saúde, ato político, autonomia e saber popular*.



Esta é **Amanda Pinheiro de Oliveira**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, com ensino superior completo, é pesquisadora do samba e da cultura popular. Desenvolve um trabalho voltado ao jornalismo.

Iniciou suas atividades há 8 anos e atua principalmente com cultura e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. No período em que morou na Rocinha, lugar em que nasceu e foi criada, participou de movimentos, jornais e coletivos. Acredita que é reconhecida como referência no seu território. Define seu trabalho com as palavras: *cultura e educação*, como ferramentas de mostrar a potência da favela.



Esta é **Ana Aparecida Felix de Almeida**, liderança comunitária de Morro do Sossego, Pantanal, em Duque de Caxias. Mulher negra, casada e mãe de 2 crianças, não possui religião. Trabalha com mulheres realizando rodas de conversa, capacitação para o empreendedorismo. Coordena a feira de Empreendedoras, oficinas de artesanato e culinária. Para crianças disponibiliza roda de Leitura, oficina de Teatro, biblioteca itinerante com recreação infantil.

Iniciou suas atividades há 3 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular, autonomia e capacitação de lideranças; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis e desenvolvimento de habilidades pessoais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque viabiliza informações e acesso acerca dos direitos humanos fundamentais, como: cidadania, educação, assistência, participação, lazer e etc. O trabalho que realiza acaba por promover a saúde, na perspectiva da saúde integral e multifatorial. Trabalha para a redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Está vinculada a M.A.L.O.C.A. (Movimento Articulado Libertário Organizado em prol da Cidadania e do Apoio Social). Aponta como dificuldades a falta de recursos, apoio, a renda familiar e cuidar da família para a realização de suas atividades. Contudo, se mantém motivada a continuar no projeto pelo desejo de ajudar as pessoas de seu território. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *desafiador, pioneiro e urgente*.



Esta é **Ana Carolina Acioli**, liderança comunitária do Parque Colúmbia, na Pavuna. Mulher negra, candomblecista, é solteira e não possui filhos. Concluiu seus estudos até o ensino superior. Trabalha com Slam (competição de poesia falada). Aborda as narrativas da favela, questões das mulheres através da arte e da poesia. Atua principalmente com cultura, segurança e direitos humanos.

Iniciou suas atividades há 3 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e as pessoas de sua comunidade. Conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território, mas desenvolve suas ações individualmente. Usa como estratégias de atuação: fortalecimento e participação; incentivo à autonomia; melhoria de acesso a recursos e serviços, mídias sociais, parcerias e ações intersetoriais; criação de um ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços; e o desenvolvimento de habilidades individuais. Atua no combate à violência, no estímulo a uma cultura de paz e a criação de bons relacionamentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque aborda questões relacionadas a vivências das mulheres e isso tem ajudado na promoção da saúde da mulher, incluindo questões de raça, classe, identidade sexual e de gênero. Participa de redes e coletivos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OS. Aponta como os fatores que mais contribuíram para o seu trabalho o amor e a importância da causa, apesar da falta de recursos, de apoios financeiro e institucional e de a comunidade não entender a importância do caráter político do Slam. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *amor, cultura e arte*.



Esta é **Ana Carolina Santana**, Carol “Dupré”, liderança comunitária da Vila Kennedy. Mulher branca, com ensino superior incompleto e sem religião, coordena um projeto educacional e de desenvolvimento cultural. Trabalha principalmente com cultura, assistência e educação.

Iniciou suas atividades há 7 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos, familiares e as pessoas de sua comunidade. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Como a violência no local é algo recorrente, por vezes as crianças que atendem se sentem mais seguras estando no ambiente do projeto, para ali poderem desenvolver suas habilidades, compartilhar seus desejos e anseios e serem ouvidas e acolhidas. Trabalha para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e no incentivo à atividade física e práticas corporais. Participa de redes. Está vinculada ao Projeto SAAF. Enfrenta falta de recursos materiais e humanos para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *solidariedade, trabalho e coragem.*



Esta é **Ana Caroline dos Santos**, liderança comunitária da Favela Final Feliz, em Anchieta. Mulher negra, evangélica, casada, com ensino superior completo, atua principalmente nas áreas de cultura, direitos humanos, educação, assistência e esportes.

Iniciou suas atividades há 5 anos. Desde então desenvolve atividades educacionais como: alfabetização, roda de leitura e audiovisual. Utiliza como estratégias: fortalecimento da participação; mídias sociais; desenvolvimento de habilidades individuais; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambiente de apoio saudável. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de redes e coletivos. Está vinculada ao Educar+. Enfrenta diariamente a falta de recursos financeiros e de comprometimento das famílias, mas seu amor e compromisso com o projeto a incentivam a continuar. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *educação, determinação e dedicação*.



Esta é **Ana Maria Leone de Jesus Ferreira**, Ana Leone, liderança comunitária de Duque de Caxias. Promove ações por todo Rio e até internacionalmente. Mulher negra, sem religião, pós-graduanda e mãe de 2 filhos, atua principalmente nas áreas de saúde, cidadania, educação e cultura.

Inserida nos projetos CMP, U negro, Fórum de Mulheres, FMDM-DC, Movimento Caxias e Rádio Ativa, trabalha como coordenadora do movimento “u negro”, união de negras e negros pela igualdade, o fórum municipal das mulheres de Duque de Caxias e a Rádio Ativa 97. O movimento circula o território de Duque de Caxias, indo para os locais mais precarizados, com campanhas e informações sobre saúde, em especial sobre violência doméstica, porque é o segundo local mais violento do Rio de Janeiro. Milita por escola integral e abertura de creches, e trabalha por um resgate da cultura negra historicamente apagada. Também está inserida no movimento de luta por moradia. Dentro do fórum de mulheres, incorpora as lutas das mulheres pensando e formulando políticas públicas. No movimento Caxias, faz articulações políticas de enfrentamento a violência, criaram o curso preparatório “mais nós” responsável pela inserção de muitos jovens negros nas universidades. Também disponibiliza cursos de saúde voltados à população negra.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, pois o fórum de mulheres denuncia violências obstétricas. Através da rádio ela ajuda as mulheres a fazerem as denúncias. Convive com a falta de recursos e de um espaço físico para a realização de algumas atividades, mas é motivada por saber da importância social do seu papel naquele território. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *luta, resistência e perseverança*.



Esta é **Ana Leila Gonçalves**, liderança comunitária de Mesquita e Jacutinga. Mulher negra, espírita e católica, pós-graduada e mãe de 3 filhos, desenvolve ações na área da Saúde, com prevenção, ISTs, dependência química, e também nas áreas de meio ambiente, empreendedorismo, com cursos de capacitação profissionalizante, de reforço escolar, com jiu jitsu, doações de insumos e encaminhamento para assistência social, jurídica e de saúde. O projeto atua em várias vertentes para o desenvolvimento da saúde em seu conceito ampliado no território.

Iniciou suas atividades há 22 anos e atua principalmente com saúde. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde e melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes de apoio saudáveis e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fórum, conselhos, redes, movimentos e coletivos, está vinculada à ONG Viver em Crescimento. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação a dificuldade de conseguir apoio financeiro e verba para manutenção da estrutura. Define seu trabalho pelas palavras *amor*, *doação* e *gratidão*.



Esta é **Anazir Maria de Oliveira**, também conhecida como Dona Zica, liderança comunitária da Vila Aliança, em Bangu. Pedagoga, pós-graduada em psicopedagogia e assistente social, mulher negra, viúva, católica, mãe de seis filhos, é a principal provedora da família. Atua como coordenadora da pastoral afro, de ciclo bíblico e no movimento de mulheres “Nós na luta”, atuando na saúde da mulher.

Iniciou suas atividades há 46 anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersectorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e no incentivo à atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque atua diretamente com a saúde da mulher. Participa de fóruns, conselhos, redes, coletivos e partido político. Está vinculada à Central de Movimentos Populares, Pastoral do Menor, Pastoral Afro e à ONG Criola. Referência no seu território de atuação, também se considera feminista, por toda a sua luta em prol das trabalhadoras domésticas. Define o seu trabalho pelas palavras: *sociedade justa, direitos respeitados e promoção de direitos humanos*.



Esta é **Andreia Nogueira dos Santos**, moradora do Cantagalo, em Ipanema. Mulher negra, casada e mãe de uma filha, evangélica, pós-graduada, trabalha como assistente social.

Iniciou suas atividades há 13 anos e atua principalmente nas áreas da saúde mental e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos sociais e civis; e melhoria de acesso a recursos e serviços públicos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na favela contribuem para a promoção do seu território e dos moradores, mas enfatiza que a participação da população local deve ser considerada em todas as etapas dos projetos para que eles tenham êxito. É membro da Assembleia de Deus no Leblon. Define seus trabalhos com as palavras: *resolutividade, realização e responsabilidade.*



Esta é **Angel Elizeu Gomes Araujo**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, trans, concluiu seus estudos até o ensino médio. Solteira, sem religião, não possui filhos. Trabalha com dança na comunidade, oferecendo a crianças e adolescentes aulas de dança e teatro. Angel se apropria da arte como forma de militância para trabalhar a autoestima dos jovens para que eles percebam que tem a possibilidade de acessar os espaços que almejam, sejam os espaços relacionados à arte, sejam espaços acadêmicos. Iniciou suas atividades há 8 anos. Motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e as pessoas de sua comunidade, conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território. Atua principalmente com cultura, direitos humanos e capacitação dos jovens. Usa como estratégias de atuação: fortalecimento e participação popular; incentivo à autonomia; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de um ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços; e o desenvolvimento de habilidades individuais. Atua no combate à violência, no estímulo a uma cultura de paz e na criação de bons relacionamentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Como tem a ver com dança, as pessoas se exercitam, e é trabalhada a autoestima das crianças e dos jovens do projeto. Também há uma importância na promoção da saúde mental, nessa perspectiva. Participa de redes e coletivos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC. Aponta como os fatores que mais contribuíram para o seu trabalho ser reconhecida como referência no projeto, apesar da falta de recursos financeiros e de apoio, como transporte. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *afeto, respeito e amor*.



Esta é **Aretusa Ana da Silva Paula**, liderança comunitária do Vidigal. Mulher branca, casada, espírita e mãe de uma filha, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado a prestar aula de ginástica a mulheres e idosos, além de oferecer orientação nutricional.

Iniciou suas atividades há 18 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável e atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de redes, coletivos e partidos políticos. Está vinculada a Associação Esportiva e Cultural Horizonte, ONG/OSC que iniciou suas atividades em 2003, promovendo saúde, consciência nutricional e envelhecimento saudável. Iniciou suas atividades motivada a ajudar vizinhos, seguindo o exemplo da mãe, que também trabalhou em prol da comunidade em que viveu.



Esta é **Bárbara Cristina de Souza Nogueira**, liderança comunitária do Éden, em São João de Meriti. Mulher negra, evangélica, é licenciada em dança pela UFRJ. Coordena um grupo de mulheres e desenvolve ações para mulheres com a temática da cultura afro-brasileira levando informação, arte e cultura com objetivo de combater intolerâncias raciais e de gênero.

Iniciou suas atividades há 8 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais; na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas; na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações); na promoção do desenvolvimento sustentável; e na reorientação da atenção na rede.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, pela distribuição de preservativos em parceria com o Camtra, Crioula e Secretaria Municipal de Saúde de São João; realização de palestras; fortalecimento popular através da cultura, educação; valorização da cultura afro-brasileira; orientações sobre direitos; encaminhamentos de vítimas de violência; distribuição de insumos; distribuição de legumes em parceria com o mesa brasil; e rodas de conversa sobre cuidado e autocuidado para saúde mental. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Está vinculada ao Grupo de Mulheres “Yepondá”. Define o seu trabalho pelas palavras: *empoderamento*, *feminino* e cultura.



Esta é **Barbara Cristina Nascimento da Rosa**, liderança comunitária do Vidigal. Mulher negra, casada e mãe de um filho, candomblecista, é mestre em Memória Social. Leciona língua portuguesa há 22 anos. É também comunicadora periférica. Há 12 anos seu trabalho é pautado na preservação da memória do Vidigal. Atua principalmente com educação, mas cultura, segurança pública, direitos humanos e comunicação popular são áreas em que transita. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Faz parte do Coletivo Favela no Feminino. Define seu trabalho como: *sobrevivência, resistência e coragem.*



Esta é **Bárbara Olivi**, cofundadora, com Verônica Cana Brasil e seu esposo, da associação “Il sorriso dei miei bimbi” na Itália, e no Brasil da ONG “Amigos da Vida”. Casada, adepta do budismo, possui ensino superior incompleto. Desenvolve trabalho voltado à cultura.

Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com cultura e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; e parcerias, colaborações e ação intersetorial. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Está vinculada aos projetos Garagem das Letras, Casa Jovem e escolinha maternal Saci Sabe Tudo. Não se reconhece como uma referência nem como uma liderança no território. Apesar de trabalhar articulando redes de apoio, acredita que o que que fazem nunca é suficiente, porque querem sempre fazer mais. Define o seu trabalho pelas palavras: *entusiasmante, digno e fantástico*.



Esta é **Beatriz Carvalho**, liderança comunitária de Vila São João e Morro da Aparecida, em São João de Meriti. Mulher parda, sem religião e com ensino superior completo, trabalha com articulação de redes de apoio e comunicação comunitária, atendendo principalmente, mulheres, mães solo, meninas e adolescentes. Também atua no empoderamento digital.

Iniciou suas atividades há 5 anos e atua principalmente com cultura digital. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais (especialmente nas redes sociais). Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações) e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, saúde mental principalmente, além de fazer encaminhamentos e denúncias pela internet, acompanhando vítimas até a delegacia. Desenvolve ações para o fortalecimento das mulheres – geralmente através de rodas de conversa. Atua no combate do desemprego e incentiva o protagonismo da favela e da periferia. Acredita que falta uma rede de apoio, no sentido de assegurar os direitos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Participa de redes, movimentos e coletivos. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação a falta de estrutura física, investimentos e recursos tecnológicos como o datashow.

Atualmente, seu negócio de social chamado Mulheres de Frente realiza formações de produção de conteúdos em mídias sociais para jovens de comunidades cariocas. Também está apostando em diálogos sobre sexualidade, ancestralidade e racismo com mulheres adultas de favelas do Rio de Janeiro. Ainda está atuando massivamente no perfil do Instagram do empreendimento realizando lives com mulheres líderes de vários setores da sociedade. Define seu trabalho pelas palavras: *articulação, comunicação e união*.



Esta é **Bernardete Pereira da Silva Calixto**, liderança comunitária do Espaço Cultural Afro Dance, em Imbariê. Mulher negra, espírita, mãe de 2 filhos, possui ensino superior incompleto.

Iniciou sua militância há 16 anos. Desenvolve um trabalho voltado principalmente à geração de renda, inserção no mercado de trabalho e autonomia financeira para as mulheres da comunidade e para o projeto de dança. Utiliza como estratégias: fortalecimento e participação; incentivo à autonomia; desenvolvimento de habilidades individuais; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços. Atua no combate à violência, estímulo a uma cultura de paz. Participa de conselhos e movimentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque trabalham para a prevenção e prestando orientações, viabilizando o acesso à informação por meio de palestras e orientação à rede de saúde. Além disso, promove atividades físicas. Convive com a falta de recursos e apoio para a realização de suas ações, mas mantém como principais fontes de motivação o desejo de melhorar a qualidade de vida do seu território. Define o trabalho que realiza pela frase: *educar para transformar*.



Esta é **Blenda Paulino**, liderança comunitária de favelas da Tijuca. Desenvolve um trabalho de criação de espaços de debate sobre política voltada para as juventudes, pensando nas problemáticas e aplicabilidade no território, além de lutar a favor da vida e contra o genocídio do povo preto e favelado. Mulher negra, umbandista, possui ensino superior incompleto.

Iniciou suas atividades há 3 anos e atua principalmente com cultura e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque são multiplicadores de informações na prevenção em saúde. Trabalha com reorientação da atenção na rede do setor da saúde, entre outros, além do estímulo à alimentação saudável e promoção do desenvolvimento sustentável. Participa de coletivos e movimentos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *coletividade, continuidade e luta por futuro do povo preto e favelado*.



Esta é **Carla Siccos**, liderança comunitária da Cidade de Deus. Mulher negra, sem religião, possui ensino superior incompleto. É mãe solo de um jovem e tem um companheiro. Desenvolve um trabalho voltado à comunicação.

Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com educação, cultura e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e mobilização e defesa de direitos. Trabalha ainda para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque discutem saúde com foco na Covid-19 e preservação do meio ambiente. Participa de redes e coletivos. Está vinculada ao Jornal CDD Acontece. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações como falta de segurança, pressão e medo. Define o seu trabalho pelas palavras: *amor, dedicação e empatia*.



Esta é **Caroline Marins**, liderança que atua junto à juventude em quase todas as cidades do Rio, mais precisamente em comunidades e áreas de vulnerabilidade social. Mulher, lésbica, branca, DJ possui ensino superior completo em publicidade e propaganda. Trabalha em prol da construção de políticas públicas para a Juventude e atualmente é Coordenadora de Atenção à Juventude no Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Iniciou suas atividades há cerca de 4 anos e atua principalmente com cultura, saúde, educação, segurança pública, direitos humanos, assistência, capacitação profissional e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e formulação de políticas públicas saudáveis. Trabalha na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações).

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, pois, durante as construções de políticas públicas, saúde e vida da juventude são os objetivos a serem alcançados. Participa de conselhos, movimentos e coletivos. Já esteve como Secretária Geral do Conselho Estadual de Juventude do Rio e foi militante do Levante Popular da Juventude. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de incentivo e apoio de diversos setores, visto que a juventude é transversal. Define seu trabalho pelas palavras: *políticas públicas, juventudes e amor*.



Esta é **Cassia Flavio de Oliveira**, liderança comunitária de Padre Miguel, na Zona Oeste. Mulher negra, sem religião, possui ensino superior completo. No Movanos trabalhou para o desenvolvimento de trabalhos relacionados a arte, assistência e educação.

Iniciou suas atividades há 1 ano, motivada inicialmente pela paixão por arte e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque, por mais que não seja um projeto voltado especificamente à saúde, o projeto incentiva o cuidado com o corpo, a saúde e o cuidado com o outro, o que melhora as relações territoriais e familiares das pessoas atendidas pelo projeto. Trabalha para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, vida no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações), promoção do desenvolvimento sustentável, reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores, estímulo a hábitos de alimentação saudável e atividade física e práticas corporais. Participa de redes e conselhos. Aponta como dificuldades a falta de recursos e falta de voluntários para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *educação, assistência e comunidade*.



Esta é **Catia Cristina Santos do Nascimento**, liderança comunitária da Vila Turismo, em Mangueiros. Mulher parda e mãe de 2 filhos, solteira e sem religião, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado ao fortalecimento do movimento popular de favelas.

Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com cultura, saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque percebe as pessoas mais críticas. Participa de conselhos, redes, movimentos e coletivos. Está vinculada ao Movimento Popular de Favelas. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, fortalecimento e despertar*.



Esta é **Célia Pereira de Souza**, liderança comunitária da Vila Aliança, em Bangu. Mulher negra, católica, com ensino médio completo, é mãe de 11 filhos. Desenvolve ações sociais.

Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC. Enfrenta o preconceito como dificuldade para a sua atuação. Define o seu trabalho pelas palavras: *alimentação, saúde e educação*.



Esta é **Chirley Vicente de Sousa Correia**, liderança comunitária da Rua Humboldt, em Bonsucesso. Mulher negra, evangélica, possui ensino superior completo. É casada e é mãe de 3 filhos. Desenvolve um trabalho voltado ao reforço escolar, passeios culturais, esporte (skate), palestras de saúde e distribuição de preservativos.

Iniciou suas atividades há 22 anos e atua principalmente com cultura, educação e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para garantir: alimentação saudável, atividade física e práticas corporais; prevenção e controle do tabagismo; redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações); promoção do desenvolvimento sustentável; reorientação da atenção na rede da saúde; redução da morbimortalidade por acidente de trânsito e mobilidade humana.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque viabilizam informações. Participa de fóruns, redes, movimentos, coletivos. Está vinculada ao Argilando/ CEDAPS/ LBV/ Rede do Bem / Ação da Cidadania/SESC. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *ingrato*, árduo e *prazeroso*.



Esta é **Cícera Vânia Alves Ribeiro**, liderança comunitária de Tabajaras, em Copacabana. Mulher parda, espírita, com ensino médio completo, é casada e mãe de um filho. É vice-presidente da associação de moradores e atua principalmente com cultura, assistência e esportes.

Iniciou suas atividades há 5 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos, familiares e as pessoas de sua comunidade. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento e a participação popular; melhoria de acesso a recursos e serviços; mídias sociais, parcerias e ações intersetoriais; criação de ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; reorientação aos serviços de saúde; e melhoria e acesso a recursos e serviços.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, pois suas ações mobilizam a saúde mental e física. Atua na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e incentivo à atividade física e práticas corporais. Participa de redes e movimentos e não está vinculada a nenhuma ONG/OSC. Enfrenta falta de recursos, apoio e estrutura para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza como: *luta pela paz*.



Esta é **Cintia de Castro Silva**, liderança comunitária do Jacarezinho. Mulher negra, sem religião, é mãe de 2 filhos. Pós-graduada, desenvolve um trabalho voltado à educação.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com cultura, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e para o desenvolvimento infantil.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque trabalha as potencialidades das crianças, o que contribui para o desenvolvimento infantil. Participa de movimentos e coletivos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *educação, conscientização e futuro*.



Esta é **Cláudia Souza da Silva**, liderança comunitária do Complexo do Alemão. Mulher negra, evangélica, é casada e possui dois filhos. Com ensino superior completo, trabalha com jovens e adolescentes questões que perpassam a comunidade, como saúde mental, pois é psicóloga. Atua principalmente com saúde, capacitação profissional, segurança e direitos humanos.

Iniciou suas atividades há oito anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos, familiares e as pessoas de sua comunidade. Conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território. Utiliza como estratégias o fortalecimento e a participação, incentivo à autonomia e capacitação de lideranças, melhoria de acesso a recursos e serviços, mídias sociais, parcerias e ações intersetoriais, criação de um ambiente de apoio saudável, mobilização e defesa de direitos, melhoria e acesso a recursos e serviços e o desenvolvimento de habilidades individuais, formulação de políticas públicas saudáveis. Atua no combate à violência, estímulo a uma cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque trabalha muito a questão da saúde mental, da violência, das drogas, do álcool, e questões de segurança pública. Atua no combate a violência, ao uso abusivo de álcool e outras drogas, incentiva a criação de relações de trabalho saudáveis. Participa de redes, conselhos, coletivos, movimentos. Está vinculada a Agentes da Paz e CRJ. Aponta como fatores que mais contribuíram para o seu trabalho o compromisso, a parceria e a paciência e como dificuldade a falta de apoio. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *amor* (sem amor nada é feito, principalmente em uma comunidade), *persistência* e *parceria*.



Esta é **Cláudia de Oliveira Lourenço**, liderança comunitária em Rocha Miranda. Mulher parda, casada, sem religião, com ensino superior completo, é mãe de um filho. Desenvolve um trabalho voltado à educação ambiental.

Iniciou suas atividades há 11 anos e trabalha principalmente com saúde, educação e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersectorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda para a alimentação saudável, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque acessibiliza o conhecimento, combate a fome, melhorando assim a qualidade de vida das pessoas. Participa de redes, movimentos e coletivos. Está vinculada ao NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas. Enfrenta dificuldade de conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *amor, parceria e cuidado*.



Esta é **Cláudia Rose Ribeiro da Silva**, liderança comunitária da Maré. Mulher negra, casada, católica, é mãe de uma filha. Possui mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais pela FGV. Sua comunidade é destaque em atividades voltadas à preservação e a valorização da memória dos moradores. Acredita que tais atividades são importantes porque as pessoas se sentem valorizadas ao ter consciência de sua história e a memória, aumentando sua confiança e autonomia. Também atua como professora de História no município do Rio.

Iniciou suas atividades com 15 anos de idade e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação inter-setorial; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável. Participa de fórum, redes, movimentos e coletivos, está vinculada ao Centro de Estudos e Ações Solidária da Maré (CEASM). Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Acredita que a participação da comunidade e a formação de uma equipe comprometida com o projeto são facilitadores do trabalho, enquanto a dificuldade de captação de recursos, e a comunicação ineficiente impactam negativamente. Afirma que o projeto tem o engajamento da população e que tem seu trabalho reconhecido pelo fato de ter nascido no local e estar desenvolvendo o trabalho desde os 15 anos. Define o seu trabalho pelas palavras: *direitos, autonomia e transformação*.



Esta é **Claudia Sabino**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher parda, católica, possui ensino Superior completo. Atua com educação, coordenação de creches e projetos.

Iniciou suas atividades há 37 anos e atua principalmente com saúde, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; e parcerias colaborações e ação intersetorial. Trabalha na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos e redes. Está vinculada à Ação Comunitária Pró Favela Ação. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *solidariedade, direito e frustração*.



Esta é **Cleonice Camelo de Araújo**, liderança comunitária de Urucânia, em Santa Cruz. Mulher parda, viúva, evangélica, mãe de 9 filhos, possui ensino médio completo. Principal responsável pela renda da sua família, coordena um espaço de leitura.

Iniciou suas atividades há 24 anos e atua principalmente com saúde, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; e a melhoria de acesso a recursos e serviços.

Acredita que o trabalho socioeducativo que realiza é importante para a promoção da saúde no território, porque conscientiza a população, viabilizando o acesso à informação, além de incentivar uma alimentação saudável e trabalhar para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos. Está vinculada à ONG Livro e Pipoca. Acredita que morar no local e ser comunicativa são diferenciais para a eficiência das intervenções, enfrenta problemas com a locomoção e a falta de recursos. Acredita possuir reconhecimento da comunidade por ações como a “moça da bengala”, entre outras ações para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Resume seu trabalho pelas palavras: *amor, dedicação e carinho*.



Esta é **Conceição Barbosa**, liderança comunitária do Morro do Sereno, na Penha. Mulher parda, mãe de dois filhos e espírita, possui ensino fundamental completo. Iniciou suas atividades há 34 anos e atua principalmente com cultura, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque promove campanhas de prevenção voltadas à área da saúde na associação, como, por exemplo, palestras sobre doenças (diabetes, hipertensão, Ists, entre outras). Participa de fóruns e conselhos. Não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho como: *gratificante, luta e solidariedade.*



Esta é **Cristiane Andrade Viana**, liderança comunitária da Praça Seca, em Jacarepaguá. Mulher negra, casada, cristã, mãe de um filho, possui ensino superior completo. Desenvolve trabalho voltado à sustentabilidade, em que promove rodas de conversas com crianças, jovens e mulheres. Outro foco do projeto é a promoção de atividades socioculturais.

Iniciou suas atividades há 28 anos e atua principalmente com cultura, saúde e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para: incentivo à atividade física e práticas corporais; prevenção e controle do tabagismo; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho; promoção do desenvolvimento sustentável; e reorientação da atenção no setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de redes e movimentos e não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *superação, determinação e desafios*.



Esta é **Débora do Espírito Santo da Silva**, liderança comunitária de Guaraciaba e mais 15 localidades, em Belfort Roxo. Mulher negra, evangélica, mãe de um filho, possui ensino superior incompleto.

Iniciou suas atividades em 2018, atuando principalmente com educação, cultura, esporte, saúde e meio ambiente, todos voltados para a incidência política. O projeto tem objetivo de trazer visibilidade positiva ao território, incentivar a autonomia financeira, política e social da população. Fizeram parceria com hortas orgânicas para incentivar as famílias a hábitos alimentares mais saudáveis; para ajudar os catadores de latinha durante a pandemia; para inserção em cursos e no trabalho; além de parceria com engenheiros solidários, para montar um local de higienização nas ruas.

Acredita que os projetos desenvolvidos no território de atuação contribuem para a promoção da saúde porque as famílias adoecem menos por ter acesso à alimentação orgânica. Participa de redes, movimentos e coletivos e está vinculada ao Programa Social Sim Eu Sou do Meio. Aponta como dificuldades para a realização de suas atividades políticas a falta de apoio e de recursos. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *re-existir* (direito de poder contar a minha história), *coletividade* e *fê*.



Esta é **Debora Domingos dos Santos**, liderança comunitária do Parque Boa Esperança localizado em Caju. Mulher parda, mãe de dois filhos, adepta ao budismo, possui ensino superior incompleto e atua como articuladora comunitária.

Iniciou suas atividades há oito anos e atua principalmente com saúde, educação, direitos humanos e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque desenvolve ações para contribuir com a saúde e no projeto também atua como auxiliar de enfermagem. Participa de fóruns, redes e movimentos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *humanidade, respeito e direito*.



Esta é **Deise de Jesus Silva Rodrigues**, liderança comunitária do Morro da Fé localizado na Penha Circular. Nascida em 22 de julho de 1975, possui ensino superior completo, mulher parda, casada, mãe de 3 filhos e evangélica. Atua como presidente da associação de moradores.

Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com saúde, assistência e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha ainda para: incentivo a atividade física e práticas corporais; prevenção e controle do tabagismo; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz; promoção do desenvolvimento sustentável; e reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque desenvolve ações em prol da melhoria do saneamento básico. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partidos políticos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Acredita ser reconhecida como referência por seu trabalho comunitário: “As mulheres resolvem os problemas com mais facilidade, todas as lideranças deveriam ser femininas”. Define o seu trabalho pelas palavras: *sabedoria, força e fé*.



Esta é **Denildes da Silva**, liderança comunitária da Vila Cruzeiro, na Penha. Mulher negra, solteira, evangélica, é mãe de um filho. Possui ensino superior completo e desenvolve trabalho voltado à promoção de saúde e cidadania da mulher, geração de renda e melhoria da qualidade de vida.

Iniciou suas atividades há 25 anos e atua principalmente com saúde, assistência e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para: atividade física e práticas corporais; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz; e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque contribui para uma melhor qualidade de vida, mudança de comportamento e melhoria da autoestima. Participa de conselhos, redes e comissão legal e está vinculada à ONG/OSC CRESAM. Ter colaboradores e parceiros facilita seu trabalho. Enfrenta como dificuldades para a realização de suas ações a ausência de recursos financeiros e de equipe. Define o seu trabalho pelas palavras: *cidadania, perseverança e fé*.



Esta é **Denise Francisca de Oliveira Santos**, liderança comunitária do Salgueiro, na Tijuca. Mulher negra, católica, mãe de um filho, possui ensino médio completo. Desenvolve trabalho voltado à educação.

Iniciou suas atividades há 23 anos e atua principalmente com cultura, educação e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, redes e movimentos, e está vinculada ao projeto Instituto Atitude Social. Acredita ser reconhecida por mostrar transparência e conhecer os moradores. Convive com falta de recursos diariamente. Define seu trabalho pelas palavras: *resistência, perseverança e dedicação*.

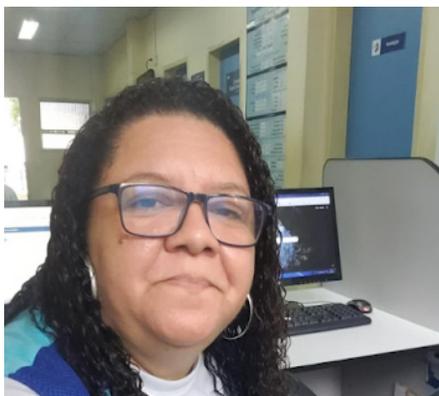


Esta é **Denise Vieira dos Santos**, liderança comunitária do Salgueiro, na Tijuca. Mulher negra, umbandista, mãe de um filho, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho voltado à educação ambiental desde os anos 2000. Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com cultura e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular, mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e mobilização de serviços de saúde. Trabalha ainda para: incentivo de alimentação saudável; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz; e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada à Secretaria de Meio Ambiente e Conservação. Convive com a falta de recursos. Define seu trabalho como: *resistência, determinação e acreditar*.



Esta é **Dircelia Ximenes Alves**, liderança comunitária da Paróquia Nossa Senhora da Paz, em Campo Grande. Mulher parda, casada, católica, mãe de um filho, possui ensino fundamental incompleto. Desenvolve um trabalho como líder da pastoral, com foco em alguns esportes. Iniciou suas atividades há quatro anos e atua principalmente com cultura e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: parcerias, colaborações e ação intersetorial; criação de ambientes saudáveis de apoio; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque é feito um trabalho de fortalecimento de vínculos com a comunidade. Participa de coletivos e está vinculada à Paróquia Nossa Senhora da Paz, Conjunto Campinho. Iniciou suas ações pela motivação pessoal de ser mais participativa na igreja. Define o seu trabalho pelas palavras: *dedicação, honestidade e pontualidade.*



Esta é **Edjane de Fátima Silva**, liderança comunitária do Morro do Borel, na Tijuca. Mulher parda, católica, possui Ensino Médio completo. Atua como agente de saúde.

Iniciou suas atividades há 16 anos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha com prevenção e controle do tabagismo, no incentivo à alimentação saudável, na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas e reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque, além de promover o vínculo com o sistema público de saúde, também orienta e estimula o autocuidado e o conceito de bem-estar no conceito ampliado de saúde. Participa de redes e conselhos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações as políticas públicas e o sucateamento dos serviços e enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *escuta, cuidado e dedicação*.



Esta é **Edneide da Silva Pereira**, liderança comunitária da Maré. Mulher branca, casada, mãe de dois filhos, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado para as mulheres, que vai do início da menarca até a menopausa. Trabalha com a educação menstrual, incentivando autocuidado, confiança e autoestima da mulher.

Iniciou suas atividades há seis anos atuando principalmente com saúde, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para: incentivo da alimentação saudável, atividade física e práticas corporais; prevenção da violência e estímulo à cultura de paz no trabalho; promoção do desenvolvimento sustentável; reorientação da atenção na rede da saúde.

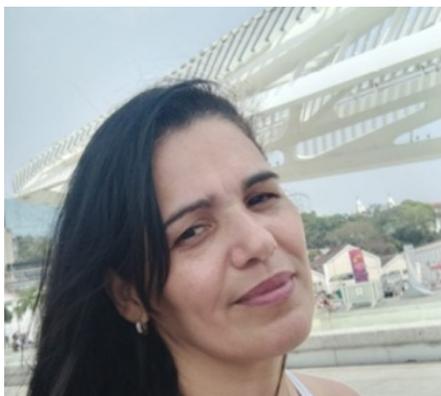
Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Entre os facilitadores de seu trabalho, Edneide cita o Espaço Casulo, enquanto a sobrecarga feminina é um dos fatores que dificultam. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *fortalecimento feminino, autocuidado e resgate*.



Esta é **Eliane Lima da Costa**, liderança comunitária da Favela do Batan, em Realengo. Mulher amarela, evangélica, mãe de um filho, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho social no território em que promove ações de prevenção ao HIV e tuberculose, além de cursos profissionalizantes.

Iniciou suas atividades há 20 anos atuando principalmente com saúde, direitos humanos e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e formulação de políticas públicas saudáveis. Trabalha ainda na prevenção e no controle do tabagismo, na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na prevenção da violência, no estímulo à cultura de paz, na promoção do desenvolvimento sustentável e na orientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque são realizadas palestras em escolas com os camelôs educativos e também a distribuição de materiais educativos. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos, e está vinculada ao Centro Social e Cultural Tatiane Lima. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações o governo, prefeitura, documentações e conflitos. Define seu trabalho pela palavra: *amor*.



Esta é **Eliene Maria Vieira**, liderança comunitária de Manguinhos. Mulher branca, sem religião, mãe de três filhos, possui ensino superior completo. Trabalha acolhendo mulheres vítimas de violência sistêmica.

Iniciou suas atividades há sete anos atuando principalmente com segurança pública, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque a política de extermínio, além de afetar pessoas inocentes, adoce mentalmente as famílias e os moradores. Além disso, apoia a luta contra o extermínio e encarceramento da população negra, dentro e fora do território de Manguinhos. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e esteve vinculada principalmente a Mães de Manguinhos. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações e convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *acolhimento, escuta e justiça*.



Esta é **Elisabete Aparecida Dias da Silva**, a Tia Bete, liderança comunitária do Complexo do Alemão. Mulher negra, mãe de três filhos, espírita, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado à cultura e à alfabetização. Atua no Centro Cultural Oca dos Curumins.

Iniciou suas atividades há 44 anos atuando principalmente com cultura, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de alimentação saudável e à atividade física e às práticas corporais, à redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, à prevenção da violência e ao estímulo à cultura de paz no trabalho e à promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque viabilizam acesso à informação e mostram caminhos e possibilidades, que muitas vezes a população de favelas não têm consciência. Participa de fóruns, conselhos, redes e coletivos e enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *solidariedade, apoio e crescimento*.



Esta é **Elizabeth Manja**, gestora cultural em Nova Sepetiba. Mulher negra, sem religião, casada, mãe de um filho, possui pós-graduação. Desenvolve um trabalho cultural.

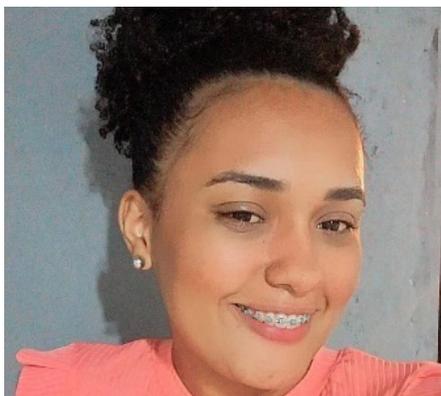
Iniciou suas atividades há oito anos atuando principalmente com educação, cultura e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para a promoção do desenvolvimento sustentável e vida no trabalho. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque promovem acessos, portanto qualidade de vida. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e debates sobre políticas públicas e está vinculada ao Instituto Territórios Diversos. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações como falta de investimentos e políticas públicas para as iniciativas da Zona Oeste, de voluntariado e de recursos insuficientes humanos e materiais. Define seu trabalho pelas palavras: *transformação, cultura e educação*.



Esta é **Eliude Cristina Castro Pinheiro Santana**, liderança comunitária do Morro do Borel, na Tijuca. Casada, mãe de duas filhas e pastora evangélica, é pós-graduada.

Iniciou suas atividades há 21 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e pessoas de sua comunidade. Atua principalmente com educação, assistência, capacitação profissional e conta com apoio da família. Para realizar esse trabalho, investe em promover autonomia e capacitar lideranças, luta pela melhoria de acessos e recursos no seu território, para a criação de um ambiente de apoio e de relações saudáveis no território e para o desenvolvimento de habilidades individuais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, pois faz trabalho socioeducativo no território a fim de orientar as pessoas e as famílias, além de conscientizar sobre a saúde do corpo, sobre o lixo, a saúde mental realizando palestras e encaminhando pessoas atendidas pelo projeto para profissionais e serviços especializados. Trabalha no combate à fome, ao uso abusivo de álcool e outras drogas, à violência. Trabalha incentivando atividades físicas e promovendo uma cultura de paz. Participa de redes, movimentos sociais e coletivos e está vinculada a igrejas. Acredita que os fatores que mais facilitam seu exercício foi ter acesso a tecnologia e aos colaboradores; e os que dificultam são a falta de participação e a dificuldade financeira. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *respeito*, *inclusão* e empatia.



Esta é **Emile Amaro Mendonça**, liderança comunitária da Estrada do Catruz, em Pedra de Guaratiba. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de um filho, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho voltado à educação, cultura, esporte e a melhorar a autoestima das crianças e adolescentes.

Iniciou suas atividades há 1 ano. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na promoção do desenvolvimento sustentável.

Não acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, e está vinculada a Associação de Reforço Escolar Fundamental REF ROCINHA. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações por não ter espaço próprio, faltar equipe, não poder pagar profissionais e faltar apoio do poder público. Define o seu trabalho pelas palavras: *mais que necessário*.



Esta é **Érika Patricia Gonçalves Alves**, liderança comunitária de Rio das Pedras, em Jacarepaguá. Mulher negra, católica, casada, mãe de um filho, possui ensino superior completo.

Iniciou sua militância há 5 anos e atua como empreendedora social. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento e participação popular; incentivo à autonomia; desenvolvimento de habilidades individuais; comunicação e mídias sociais; e autonomia e capacitação de lideranças. Desenvolve trabalhos relacionados principalmente à educação, capacitação profissional e educação ambiental.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade não contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de conselhos e coletivos e é vinculada à Organização Social Semeando Amor, que é uma ONG de mulheres que realiza atividades em seu território. Convive com a falta de recursos e apoio para a realização de suas ações. A questão da renda familiar também dificulta suas atividades, mas mantém como principal fonte de motivação o desejo de fortalecer a economia local e melhorar a qualidade de vida do seu território.



Esta é **Ester dos Santos Mangueira**, liderança comunitária de Nova Esperança, em Pedra de Guaratiba. Mulher negra, divorciada, mãe de três filhos, evangélica, possui ensino médio completo. Atua como gestora social de meio ambiente.

Iniciou suas atividades há 18 anos atuando principalmente com saúde, capacitação profissional e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização de serviços de saúde; mobilização e defesa de direitos; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo à atividade física e às práticas corporais, à prevenção da violência e ao estímulo a uma cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque possuem parceria com as clínicas da família, realizando acompanhamento com crianças. Participa de fóruns e está vinculada à Casa da Liberdade. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *dedicação, amor e ética*.



Esta é **Fabiana Ferrinha**, liderança comunitária de Nova Holanda, no Complexo da Maré. Mulher negra, casada, evangélica, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado à saúde.

Iniciou suas atividades há 14 anos atuando principalmente com cultura, saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; mobilização de serviços de saúde; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de movimentos e coletivos e está vinculada ao projeto FARO MARÉ. Apesar de ter apoio de voluntários, enfrenta principalmente dificuldades financeiras para a realização de suas ações. Considera-se feminista porque acredita que as mulheres merecem liberdade e “ter consciência que podem acessar diversos espaços, que muitas vezes as mulheres atendidas pelo projeto não acreditam ser possível”. Define o seu trabalho pelas palavras: *esperança, solidariedade e união*.



Esta é **Fabíola Borges da Costa**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher negra, sem religião, mãe de um filho, possui ensino médio completo. Trabalha como agente de saúde, acompanhando famílias da comunidade em suas casas, orientando sobre acesso a unidades de saúde, promoção e prevenção de saúde, entre outras ações.

Iniciou suas atividades há 10 anos e atua principalmente com saúde, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: parcerias, colaborações e ação intersetorial; a mobilização de serviços de saúde; formulação de políticas públicas saudáveis; e a criação de ambientes saudáveis de apoio. Trabalha no incentivo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, com prevenção e controle do tabagismo, na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na prevenção da violência, no estímulo à cultura de paz e na reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque, de certa forma, são o elo entre a comunidade e a unidade de saúde. Participa de conselhos, redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações as chuvas. Define seu trabalho pelas palavras: *prevenção, promoção e ouvir*.



Esta é **Fernanda Cristina de Souza Domingos**, liderança comunitária de Pedra de Guaratiba. Mulher negra, evangélica, casada e mãe de três filhos, possui ensino superior completo. É diretora de uma das unidades da URS RIO ACOLHEDOR (Unidade de Reinserção Social), para homens em situação de rua. Trabalha com a garantia de direito ao esporte, lazer e também presta assistência social a população atendida, atuando principalmente nas áreas de cultura, saúde, educação, assistência e esportes.

Iniciou suas atividades há 11 anos por motivação espontânea, inicialmente a ajudar seus vizinhos, familiares e pessoas da comunidade. Utiliza como estratégias: fortalecimento e a participação popular; desenvolvimento de habilidades; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de um ambiente de apoio saudável; e mobilização e defesa de direitos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque o esporte proporciona uma vida mais saudável. Atua na prevenção da violência, do uso abusivo de álcool e outras drogas, incentiva a criação de relações de trabalho saudáveis. Participa de redes, conselhos, fóruns e está vinculada ao Centro Cultural Social Lutando Por Quem Precisa. Aponta como os fatores que mais contribuíram para o seu trabalho o engajamento social; e como os que mais dificultam a falta de políticas públicas, apoio e espaço próprio. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *necessário, transformador e assistencial*.



Esta é **Geiza de Andrade Moura da Silva**, liderança comunitária. Mulher negra, casada, sem religião, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado à educação ambiental.

Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com direitos humanos e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque defendem a saúde como direito social e desenvolvem ações voltadas à prevenção de doenças como a Dengue. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho com as palavras: *superação, amor e solidariedade*.



Esta é **Gilciara da Silva Neves**, liderança comunitária de Jacarepaguá. Mulher parda, solteira, evangélica, possui ensino superior incompleto. Atua no Centro de Mulheres Impulsionando para o Futuro (CMIF), com reinserção de mulheres no mercado de trabalho.

Iniciou suas atividades há cinco anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para garantir alimentação saudável e na reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque disponibilizam acompanhamento psicológico e desenvolvem ações para a prevenção de doenças. Participa de fóruns, conselhos e redes. Acredita que a organização dos participantes do projeto facilita seu trabalho, enquanto o espaço físico pequeno e a falta de material tecnológico prejudicam. Enfrenta dificuldade de conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *plenitude, foco e empoderamento*.



Esta é **Greice Kelly Santana de Paula**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher parda, evangélica, possui ensino médio completo. Desenvolve trabalho social.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com cultura, saúde e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; e comunicação e mídias sociais. Trabalha com promoção de alimentação saudável, atividade física e práticas corporais e reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque aborda temáticas sobre saúde com a população e a importância do autocuidado. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações, mas mantém força de vontade e dedicação. Define seu trabalho pelas palavras: *força, dedicação e sonhos*.



Esta é **Heloísa Helena Moraes Cardoso**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, católica, mãe de três filhos, possui ensino superior completo. Atua com infância e juventude.

Iniciou suas atividades há 34 anos atuando principalmente com cultura, saúde e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para o incentivo da alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, na reorientação da atenção na rede da saúde.

Não acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de Fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldades para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *ação, articulação e redes*.



Esta é **Inês Ferreira**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher parda, casada, mãe de três filhos, possui ensino superior completo. Atua como agente comunitária de saúde.

Iniciou suas atividades há 19 anos atuando principalmente com saúde. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização de serviços de saúde; e formulação de políticas públicas saudáveis. Trabalha incentivando alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, reorientação da atenção na rede da saúde e redução da morbimortalidade por acidentes de trânsito.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos e está vinculada a associações comunitárias sem CNPJ. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações o descompromisso da política pública, do governo, o sucateamento dos serviços, o partidarismo nas associações e a violência urbana. Define seu trabalho pelas palavras: *luta, resistência e perseverança*.



Esta é **Ingrid Beatriz Gomes de Araújo**, professora atendendo a crianças e adolescentes da Favela da Galinha e do Morro do Engenho. Mulher negra, solteira, umbandista, possui pós-graduação em ensino de História da África.

Atuou por sete anos em Manguinhos na Educação Infantil. Desenvolveu, de 2017 a 2019, um trabalho com jovens e crianças, atuando principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia, mobilização e defesa de direitos; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalhou ainda para redução do uso abusivo de álcool e outras drogas com moradores de rua.

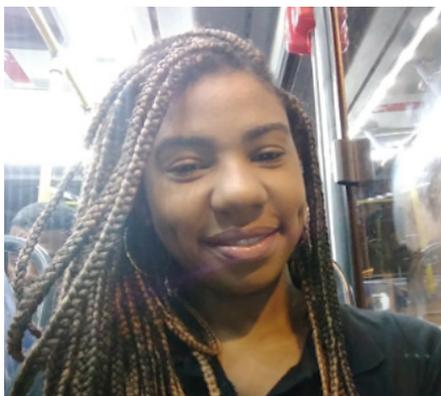
Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque combatem a fome, desenvolvem ações no território para a redução de danos e fornecem acesso a produtos de higiene. Participa de movimentos, coletivos e partidos políticos e esteve vinculada à Marcha das Favelas. Enfrentava dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *memória, coletividade e cultura*.



Esta é **Ingrid Monteiro Braga**, liderança comunitária da Cidade de Deus, em Jacarepaguá. Mulher negra, casada, evangélica, mãe de um filho, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado ao acesso à cultura.

Iniciou suas atividades há 4 anos e atua principalmente com cultura, assistência e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, à atividade física e às práticas corporais e na promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque cria redes de suporte entre as pessoas e também com as instituições. Participa de redes e coletivos, está vinculada a Associação Casa Dona Amélia, ONG/OSC que iniciou suas atividades em 2017. Define o seu trabalho pelas palavras: união, acolhimento e movimento. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações, como falta de recursos e dificuldades financeiras. Ingrid aponta o acesso à educação superior como o que a motivou a iniciar sua militância.



Esta é **Isabela Silva**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher negra, casada, evangélica, mãe de um filho, possui ensino superior incompleto. Coordena cursos e atividades que valorizam a criança como agente de transformação, também entrega cestas básicas.

Iniciou suas atividades há 6 anos e atua principalmente com cultura, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha com promoção de alimentação saudável, atividade física e práticas corporais e na reorientação da atenção na rede da saúde. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque trabalham a autoestima dos jovens e também promovem atividades físicas. Participa de redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Convive com falta de recursos, espaço físico e material. Define seu trabalho pelas palavras: *resistência, transformação e plantio*.



Esta é **Isabele de Aguiar Corrêa**, liderança comunitária da Vila Kennedy. Mulher parda, sem religião, possui ensino superior completo. Realiza atividades voltadas para cinema, arte e literatura para crianças, adolescentes e jovens. Trabalha principalmente com cultura, educação, direitos humanos e educação ambiental.

Iniciou suas atividades em 2012, motivada inicialmente a colaborar para a transformação na comunidade onde nasceu e foi criada. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular na elaboração de políticas públicas eficazes para comunidade.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque colaboram para o desenvolvimento das crianças, com conhecimento de seus direitos e educação inclusiva. Trabalha para prevenção aos diversos tipos de violência com que os espaços vulnerabilizados socialmente, como a Vila Kennedy, sofrem. Participa de redes, movimentos e coletivos e está vinculada ao Coletivo Casa de Aya. Embora possua espaço próprio e equipe multidisciplinar, aponta como dificuldade a falta de recursos para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *inclusão, participação e construção*.



Esta é **Janete Ribeiro Albino**, liderança comunitária de Padre Miguel. Mulher parda, católica, mãe de um filho, possui pós-graduação em Serviço Social. Desenvolve trabalhos na Paróquia São Dimas, comunidade do 77, no Jardim Novo. Iniciou suas atividades em 1997, com a alfabetização solidária, promoção da qualidade de vida através da educação. Participou da pastoral da criança, atendendo jovens em situação de vulnerabilidade social na promoção de inclusão e qualidade de vida. Trabalhou com convênio com a clínica da família. Com a pandemia da SARS COV-2, foi necessário se distanciar, devido à idade e às comorbidades e também por questões de saúde familiar, mas recebendo demandas e realizando orientações a distância. Trabalha em parceria com: CIES, rede cidadã, jovem aprendiz, projeto voltado para pessoas trans, PCE, Pop rua Bangu, a associação de moradores, e como agente de saúde comunitária.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque traz ao indivíduo a importância do autocuidado, trabalha prevenção de doenças, a saúde mental, através do fortalecimento e autonomia. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos, partidos políticos. Está vinculada à Rede cidadã Rio, ao Cieds, ao Vicariato para a caridade social, a pré-vestibulares, à Câmara de vereadores. Aponta como dificuldades o ser humano, a política e a falta de apoio para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *amor, compromisso e empatia*.



Esta é **Janice Delfim**, liderança comunitária do Morro dos Prazeres, em Santa Teresa. Mulher negra, evangélica, mãe de um filho, possui ensino superior incompleto. Desenvolve ações locais ligadas à educação e à distribuição de alimentos. Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com saúde, educação e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda no incentivo à atividade física e práticas corporais e na reorientação da atenção na rede do setor de saúde. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque a partir da educação os jovens adquirem esclarecimento, refinam o olhar deles para a vida particular e para o mundo à sua volta, de modo que podem buscar caminhos para melhorar sua qualidade de vida e o ambiente onde estão inseridos. Participa de coletivos e está vinculada à Cedaps e ao posto de saúde Ernani Agrícola e Associações Comunitárias. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de recursos. A certeza de estar se movimentando para o bem coletivo a motivam a continuar. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, empatia e respeito*.



Esta é **Josiete de Andrade Cardoso**, liderança comunitária do Morro do Adeus, em Ramos. Mulher negra, casada, católica, mãe de dois filhos, possui ensino superior completo. Desenvolve trabalho voltado ao atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica.

Iniciou suas atividades há oito anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; parcerias; colaborações; e ações intersetoriais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde de seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes e instituições religiosas, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldades para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *agradecimento, doação e empoderamento*.



Esta é **Júlia Dias dos Santos**, liderança comunitária de Santa Cruz. Mulher negra, sem religião, possui ensino superior incompleto. Conduz jornal virtual e impresso, que visa informar os moradores de Santa Cruz e redondezas sobre eventos e oportunidades de emprego, com objetivo de democratizar o acesso dos moradores a direitos e serviços.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com cultura, educação e segurança pública. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular.

Acredita que o acesso à internet e ser reconhecida no território são fatores que facilitam seu trabalho, contudo, boa parte da comunidade não possui acesso à internet e a aparelhos tecnológicos. Participa de redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *informação, oportunidade e necessidade*.



Esta é **Julia Tavares Ferreira Barros**, liderança comunitária da Chatuba, no Caju. Mulher indígena, solteira, sem religião, possui ensino superior incompleto. Atua como organizadora da Roda Cultural do Caju com apresentações quinzenais de poesia, hip hop, rap e cultura em geral. Coordena biblioteca comunitária onde desenvolve o projeto Incentiva Ler.

Iniciou suas atividades há dois anos, atuando principalmente com cultura, educação e segurança pública. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e mobilização e defesa de direitos. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque acredita que a falta de acesso à cultura e ao lazer fazem a população não se sentir pertencente à sociedade. Viabilizar a cultura, nesse aspecto, seria uma estratégia de incentivar o exercício da cidadania e a participação popular. Participa de coletivos e não está vinculada a nenhuma ONG/ OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações, aponta as mudanças climáticas como fatores de risco no território. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho por: *ressignificar o conceito de favela*.



Esta é **Juliana Costa Lino dos Santos**, liderança comunitária de Casa Branca, na Tijuca. Mulher negra, evangélica, possui ensino médio completo. Trabalha com crianças.

Iniciou suas atividades há 1 ano e 6 meses e atua principalmente com cultura e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: parcerias; colaborações; e ação intersetorial. Trabalha no incentivo à alimentação saudável e de atividade física e práticas corporais.

Não acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de espaço adequado. Participa de coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Define seu trabalho pelas palavras: *foco, determinação e objetivo.*



Esta é **Juliana Santos da Silva**, liderança comunitária da Baixada Fluminense, em Nova Belém. Mulher negra, solteira, sem filhos, umbandista, possui pós-graduação. Trabalha com espaço cultural, que oferece oficinas teatrais e oficinas voltadas à cultura para a comunidade. Seu trabalho tem o objetivo de pensar o território a partir das oficinas, questionar políticas públicas, mobilidade urbana, cidadania, e fazer um link entre arte e questões do território.

Iniciou suas atividades há 14 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e as pessoas de sua comunidade, conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território. Atua principalmente com educação, cultura e direitos humanos. Usa como estratégias de atuação: fortalecimento e participação; incentivo à autonomia e capacitação de lideranças; mídias sociais; melhoria de acesso a recursos e serviços; incentivo a atividades físicas e corporais; trabalho socioeducativo para a prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas; criação de um ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades individuais. Atua no combate a violência, no estímulo a uma cultura de paz e na criação de bons relacionamentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque contribuem para a saúde psicológica, e por fazerem ações voltadas para o saneamento. Aponta como os fatores que mais contribuíram para o seu exercício o acesso aos editais e a disponibilidade de horários de trabalho. Os que dificultam são a falta de editais públicos e privados, falta de recursos para a manutenção do espaço, e apoio financeiros tanto para manter o projeto como para garantir sua subsistência. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Está vinculada ao Grupo Sócio Cultural Código. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *território, cultura e arte*.



Esta é **Karoline Reis**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher parda, candomblecista, mãe de um filho, possui ensino médio incompleto. Desenvolve um trabalho social no território em que promove treinos de futebol.

Iniciou suas atividades há quatro anos e atua principalmente com esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades o desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na promoção de atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque através dos esportes conseguimos manter uma saúde estável. Participa de coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/ OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade da chuva e de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *força, determinação e garra.*



Esta é **Katia Lucio Vilaça**, liderança comunitária de Barreira do Vasco, em São Cristóvão. Mulher branca, mãe de quatro filhos, evangélica, possui pós-graduação. Atua na mobilização da comunidade para defesa de direitos das crianças e adolescentes.

Iniciou suas atividades há 9 anos, atuando principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável, reorientação da atenção na rede do setor da saúde. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque desenvolve ações para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Participa de movimentos, coletivos e instituições religiosas, e está vinculada à Igreja Batista Nova Jerusalém. Define o seu trabalho pelas palavras: *esperança, transformação e justiça*.



Esta é **Kézia Yasmin Bandeira dos Santos**, liderança comunitária do Complexo do Chapadão, em Costa Barros. Mulher negra, evangélica, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho socioeducativo voltado à alimentação saudável e aos direitos humanos.

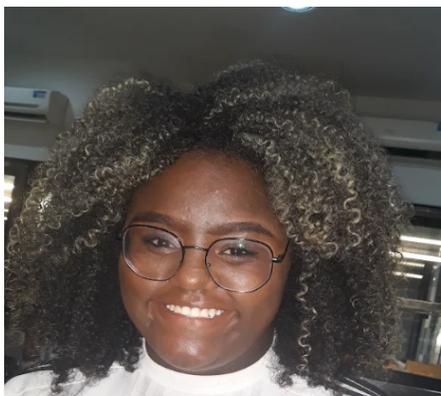
Iniciou suas atividades há quatro anos e atua principalmente com cultura, saúde e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular, autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; parcerias; colaborações; ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda com alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque torna acessível a informação. Participa de conselhos, redes, movimentos e coletivos e está vinculada ao CEPIA, ONG/OSC. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *liderança, relacionamento e informação*.



Esta é **Larissa Leão do Nascimento**, liderança comunitária do Morro do Borel, na Tijuca. Mulher negra, evangélica, possui ensino médio completo. Trabalha no Coletivo Brota na Laje no Borel, e também colabora com o pré-vestibular do coletivo. Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; formulação de políticas públicas saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque fazem ações com o objetivo de dar apoio à comunidade. Trabalhou inclusive na ajuda com a distribuição de cestas básicas durante a pandemia. Atua na promoção da alimentação saudável na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na promoção do desenvolvimento sustentável. Participa de fóruns, redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta problemas com a estrutura do local, falta de voluntários e dificuldades financeiras. Define seu trabalho pelas palavras: *política, direitos e solidariedade*.



Esta é **Lays Stéfany da Silva dos Santos**, liderança comunitária de Guadalupe. Mulher negra, sem religião, possui o ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado a atender jovens.

Iniciou suas atividades há cinco anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, por proporcionar acessibilidade de informações, realizar encaminhamentos e mostrar caminhos para pessoas que não possuem esse conhecimento. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada ao Ministério Público. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações e dificuldade financeira. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *juventude, direitos humanos e conectividade*.



Esta é **Leila Regina**, liderança comunitária de São Cristóvão. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de dois filhos, possui pós-graduação. Desenvolve ações para o empoderamento de mulheres moradoras de comunidades. Também atua no empoderamento digital.

Iniciou suas atividades há 21 anos, atuando principalmente com capacitação profissional e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; formulação de políticas públicas saudáveis; e o desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque ofertam cursos voltados para a área da saúde. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada e é fundadora da ONG Viver em Crescimento. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação a dificuldade de conseguir apoio financeiro e verba para manutenção da estrutura. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, doação e gratidão*.



Esta é **Lidiane Santos Barbosa**, liderança comunitária na Cidade de Deus. Mulher negra, casada, sem religião, mãe de um filho, possui ensino superior completo. Atua como coordenadora de jovens e na promoção de educação socioambiental do Projeto Eco Rede.

Iniciou suas atividades há seis anos, atuando principalmente com educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na prevenção da violência, promoção do desenvolvimento sustentável e estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque a melhor gestão de resíduos sólidos impacta positivamente na saúde dos catadores, por exemplo, contribui para a preservação do meio ambiente, da estrutura da cidade e da propagação de doenças. Participa de fóruns, conselhos, redes, e está vinculada à Alfazendo, ONG/OSC. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação os conflitos armados. Sua luta por justiça e igualdade a mantém motivada. Define seu trabalho pelas palavras: *luta e justiça social*.



Esta é **Luana Martins da Silva**, liderança comunitária da Pedra de Guaratiba. Mulher negra, evangélica, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado a aulas de artes, visita a asilos e orfanatos, distribuição de alimentos e agasalhos, realiza ainda monitoria em aulas de reforço.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com educação, cultura e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; parcerias, colaborações e ação intersectorial; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque se pretende trazer visibilidade a questões relacionadas à saúde dos idosos. Participa de movimentos, e está vinculada à Associação Ref Rocinha e Love Action em Pedra de Guaratiba. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações devido à falta de um planejamento estratégico, falta de voluntários e falta de incentivo. Define o seu trabalho pelas palavras: *amor ao próximo*.



Esta é **Lúcia de Fátima Oliveira Cabral**, liderança comunitária do Complexo de favelas do Alemão Mantinha. Trabalha como coordenadora de uma ONG e é articuladora local. Mulher negra, católica, mãe de três filhos, possui ensino superior completo.

Iniciou suas atividades há 42 anos e atua principalmente com saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos, parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Trabalha com reorientação para uma alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor da saúde. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada à EDUCAP ONG/OSC. Enfrenta problemas como a falta de verbas para realização de suas atividades, mas a certeza de que o seu trabalho ajuda pessoas em situações parecidas a dela a mantém motivada a continuar. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *resistência, mulher e favela*.



Esta é **Luciana da Silva Lima**, liderança comunitária em Santa Cruz e Bangu. Mulher negra, casada, espírita, mãe de uma filha, possui pós-graduação em processo civil e direito civil. Desenvolve um trabalho voltado à cidadania.

Iniciou suas atividades há 19 anos e atua principalmente com cultura, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção e controle do tabagismo; redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, Vida no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações), redução da morbimortalidade por acidente de trânsito e mobilidade humana.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque desenvolvem ações em articulação com as clínicas da família e campanhas para a prevenção de doenças. Participa de fóruns, conselhos e instituições religiosas. Integra o Instituto Eurípedes. Acredita que seu trabalho é importante para assegurar a cidadania e os direitos sociais, que o envolvimento da família e a empatia são um grande facilitador do seu trabalho e que é reconhecida socialmente pelo fato de vir da comunidade.



Esta é **Lucimar Machado da Silva Ferreira**, liderança comunitária em Piedade, Magé, Canal, Barbuda, Mauá e São Francisco. Mulher negra, casada, evangélica, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Trabalha para a inclusão social dos pescadores, na viabilização de documentações e no acesso a serviços de saúde e de direitos sociais. O segundo eixo de atuação é o de esportes, que também atende aos pescadores e suas famílias. No projeto, há ainda reforço escolar, cursos, encaminhamentos para o sistema de saúde e políticas de assistência, com assistência jurídica e acolhimento social. Iniciou suas atividades há 6 anos e atua principalmente com educação, assistência e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na promoção do desenvolvimento sustentável, na reorientação da atenção na rede da saúde e na redução da morbi-mortalidade por acidente de trânsito. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque conseguem encaminhamentos de exames em outros bairros e territórios. Por se tratar de uma comunidade de pescadores e uma área mais rural, os serviços e direitos nessa localidade são inacessíveis. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partido político, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, resistência e esperança*.



Esta é **Magda Gomes**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, solteira, candomblecista, possui ensino superior incompleto. Atua no Rocinha Resiste, projeto que combate preconceitos referentes à favela do qual é cofundadora.

Iniciou suas atividades há 8 anos e atua principalmente com segurança pública, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz, na promoção do desenvolvimento sustentável e na reorientação da atenção na rede da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, levando em consideração o conceito ampliado de saúde. Participa de fóruns, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Apesar de ser reconhecida como referência em seu território, enfrenta dificuldade para atingir o público-alvo. “A motivação inicial para lutar nessa frente veio através da possibilidade de entender que o conhecimento não pode ser produzido apenas na academia, que o favelado tem conhecimento, potência e uma voz que precisa ser ouvida”. Define seu trabalho com as palavras: *cidadania, disciplina e identidade favelada*.



Esta é **Márcia Bezerra da Silva de Souza**, liderança comunitária da Antares, em Santa Cruz. Mulher parda, casada, evangélica, mãe de seis filhos, possui ensino fundamental incompleto. Desenvolve um trabalho voltado à assistência social e comunitária com foco em trabalhar a autoestima das pessoas.

Iniciou suas atividades há 39 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: a redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas e a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Iniciou suas atividades motivada a ajudar as pessoas de seu território e está vinculada à Associação Coração Solidário. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *Deus, força de vontade e fé.*



Esta é **Márcia Cristina de Souza Silva**, liderança comunitária do Cantagalo, em Ipanema. Mulher negra, solteira e espiritualista, possui pós-graduação. Desenvolve um trabalho como sócia fundadora do Museu de Favela.

Iniciou suas atividades há 14 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para prevenção da violência, estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Convive com falta de recursos. Define seu trabalho com as palavras: *resiliência, persistência e amor.*



Esta é **Márcia Maria de Mesquita Povoá**, liderança comunitária de Manguariba, em Paciência. Mulher negra, casada, atea e mãe de 3 filhos, possui pós-graduação. Desenvolve um trabalho voltado à orientação de famílias com deficiência intelectual.

Iniciou suas atividades há 15 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para incentivo à alimentação saudável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque, ao viabilizar a alimentação, melhora a saúde das pessoas assistidas pelo projeto. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partido político e está vinculada a Associação Baseada na Autonomia Familiar (ABAF). Sua motivação para atuar nesta causa surgiu ao ser mãe de um filho com Síndrome de Down. Sua experiência de vida como mãe contribui para o desenvolvimento da intervenção, à medida que Márcia entende pessoalmente os conflitos e demandas que as famílias atendidas levantam. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações, como: questões financeiras, cuidar da casa e dos filhos, falta de apoio do companheiro/da família, falta de apoio da comunidade. Define o seu trabalho pelas palavras: *inovador, autônomo e humano*.



Esta é **Márcia Sampaio Martinho de Azevedo**, liderança comunitária do Rollas 1, em Santa Cruz. Mulher branca, casada, sem religião, mãe de três filhos, possui ensino médio completo.

Iniciou suas atividades há 22 anos motivada a ajudar a comunidade, atuando principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para atividade física e práticas corporais, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e redução da morbimortalidade por acidente de trânsito e mobilidade humana.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque trabalha com saúde bucal, ginástica, laboral, prestam assistência psicológica e trabalham a autoestima das pessoas atendidas. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos e está vinculada ao Lessig Social. Define o seu trabalho pelas palavras: *solidariedade, humanismo e amor*.



Esta é **Maria Aparecida Moraes**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, católica, mãe de duas filhas, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado à educação.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com educação, cultura e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais, parcerias, colaborações e ação intersetorial e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para a redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas e prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território porque “falamos sobre saúde na hora de preservação do ambiente e em relação a doenças que estamos vivenciando”. Participa de movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações como falta de espaço, poluição sonora e falta de interesse. Define o seu trabalho pelas palavras: *dinâmico, alegre e engraçado*.



Esta é **Maria Aparecida de Carvalho Lima**, liderança comunitária do Conjunto Campinho, em Campo Grande. Mulher negra, viúva, católica, mãe de cinco filhos, possui ensino médio completo. Trabalha como líder comunitária.

Iniciou suas atividades há 48 anos e atua principalmente com saúde, educação e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo à alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos, partido político e está vinculada ao Centro Comunitário de Formação Profissional de Padre Rafael. Convive com a falta de apoio da comunidade. Define seu trabalho pelas palavras: *felicidade, sentido de vida e resistência*.



Esta é **Maria Aparecida Vieira Ribeiro**, ou Drika, liderança comunitária de Parque Horácio, em Benfica. Mulher parda, viúva, evangélica, mãe de 3 filhos, possui ensino fundamental completo. Exerce atividades na área da saúde.

Iniciou suas atividades há 17 anos e atua principalmente com saúde, assistência e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersectorial; e mobilização de serviços de saúde.

Acredita que seu trabalho é importante por realizar encaminhamentos para os serviços de saúde e atuar na prevenção de ISTs e AIDs, além de atuar no combate à violência contra mulheres. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos e é integrante do Movimento de Mulheres do Parque Horácio Cordeiro Franco. e Acredita ser reconhecida como referência por seu trabalho comunitário. Indica como facilitadores de seu trabalho a comunicação, a vontade e a disponibilidade, enquanto a falta de voluntários, de recursos e de apoio da comunidade seriam fatores que dificultam o desempenho. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, carinho e prevenção*.



Esta é **Maria Clara Monteiro Souza**, liderança comunitária de Campo Grande, em Santa Teresa. Mulher negra, sem religião, possui ensino superior incompleto. Atua no “Cijoga”, coletivo idealizado junto com mais cinco amigos, que promove ações em escolas da rede pública, onde desenvolvem rodas de conversa para discutir políticas públicas e participação política e social das juventudes da cidade do Rio de Janeiro. Iniciou suas atividades há dois anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; e formulação de políticas públicas saudáveis. Trabalha ainda na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque discutem a possibilidade de pautar políticas públicas mais atreladas à realidade dos jovens que acabam por essa ineficiência das políticas públicas. Como problemas cotidianos, menciona os relacionados ao bem-estar, à saúde física e, principalmente, mental. Participa de fóruns, conselhos, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades não possuir financiamento, não ter CNPJ e a articulação com as escolas. O desejo de ajudar jovens que passam por problemas similares aos que os membros do CIJoga passaram a motivam a continuar. Define seu trabalho pelas palavras: *potencializador, representativo e gratificante*.



Esta é **Maria do Socorro Melo Brandão**, liderança comunitária da Cidade de Deus. Mulher branca, viúva, mãe de dois filhos, messiânica, possui ensino superior completo. Atua como presidente da ONG Associação Semente da Vida.

Iniciou suas atividades há 19 anos e atua principalmente com cultura, educação e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, porque melhoram a qualidade de vida da população. Participa de fóruns, conselhos e redes. Convive com a falta de recursos. Define o seu trabalho pelas palavras: *desenvolvimento, gratidão e comprometimento*.



Esta é **Maria Eduarda Samontezze Toledo**, liderança comunitária de Cascadura. Mulher negra, solteira, sem religião, mãe de um filho, possui ensino médio incompleto.

Iniciou suas atividades há 7 anos e atua principalmente com cultura, saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na promoção do desenvolvimento sustentável, na reorientação da atenção na rede do setor da saúde, na alimentação saudável, no incentivo à atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. O ambiente hospitalar tende a ser pouco acolhedor, a terapia do riso anima os pacientes, o que contribui para a saúde mental e para a energia. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partido político, e está vinculada ao Meu Quintal. Ser artesã e conseguir os materiais necessários facilita seu trabalho, mas a falta de verbas e informações são desafios diários, assim como a dificuldade financeira, porém ver como a vida pode ser dura com algumas pessoas e sua empatia pelo sofrimento humano a motivam a continuar. Define o seu trabalho pelas palavras: *empoderamento com amor e alegria*.



Esta é **Maria Fernanda Duarte Faustino**, liderança comunitária de Pavão Pavãozinho, em Copacabana. Mulher parda, mãe de três filhos, espírita, possui ensino superior completo. Administra a associação de moradores desde 2015.

Iniciou suas atividades há 18 anos e atua principalmente com cultura, saúde e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para promoção do desenvolvimento sustentável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo e redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, porque desenvolve ações em conjunto com a Clínica da Família. Participa de conselhos e está vinculada a associações de moradores do Pavão Pavãozinho. Convive com falta de apoio da comunidade. Define o seu trabalho pelas palavras: *trabalho, estresse e assistência*.



Esta é **Maria Helena de Souza dos Santos da Silva**, ou Maura Guerreira, liderança comunitária de Santa Cruz, em Vila Paciência. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de 16 filhos, possui ensino médio completo. No Conselho Tutelar desenvolve um trabalho socioeducativo com as famílias de modo a gerar um ambiente favorável para as crianças. Trabalha com doações, um projeto de sala de leitura, atividades com crianças, jovens e adultos e a busca de recursos para melhorias da comunidades e bairros. Maura trabalha principalmente com saúde, educação, segurança, direitos humanos e assistência.

Iniciou suas atividades quando tinha 21 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos, familiares e as pessoas de sua comunidade, conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território. Utiliza como estratégias: fortalecimento e a participação da população; incentivo à autonomia e capacitação de lideranças; desenvolvimento de habilidades individuais; criação de um ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços; e formulação de políticas públicas saudáveis. Atua no combate a violência, no estímulo a uma cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, porque a clínica da saúde na comunidade foi umas das conquistas que obtiveram após muita luta. Além disso, realiza um trabalho socioeducativo com as pessoas da comunidade sobre a importância de cuidarem da saúde, especialmente no contexto de pandemia da SARS COV-2. Atua no combate à violência, ao uso abusivo de álcool e outras drogas e reorienta a população aos serviços de saúde. Participa de fóruns, redes, conselhos de saúde e do conselho

de segurança, coletivos, partidos políticos, e está vinculada à Ação da Cidadania. Aponta como os fatores que mais contribuem para o seu exercício a união, o compromisso, o caráter de parceiros e a paciência. Os que dificultam são falta de recursos, preconceito racial, de classe e gênero, ausência de um local adequado para realizar as atividades, contudo nenhuma dificuldade a fez desejar desistir. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *amor, carinho e fé*.



Esta é **Marcelle Ribeiro Felipe**, agricultora urbana, produtora cultural, designer e especialista em agroecologia. Mulher parda, mãe do Rudá Cairé, possui ensino superior completo.

Iniciou suas atividades na Verdejar Socioambiental, em 2005. Atua com gestão de projetos, cultura, saúde, educação popular e educação socioambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; fortalecimento da autonomia na favela e na luta pelo Bem Viver; implantação de tecnologias sociais; mobilização e formação de crianças, juventudes e mulheres. Utiliza da comunicação popular, das mídias sociais e da mobilização comunitária em defesa de direitos, da articulação territorial, da formação de rede com parcerias, colaborações e ação intersetorial, e mobilização de serviços de saúde e melhoria de acesso a recursos e serviços. Realiza ações de enfrentamento da mitigação da fome através de produção de horta urbanas e agroflorestas pelo direito a soberania alimentar e nutricional e com resgates do saber popular do uso e cultivos de plantas medicinais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, reivindicações e acesso aos direitos. Atua na Rede Carioca de Agricultura Urbana, Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro e Rede Fitovida. Define seu trabalho pela frase: *Sem feminismos não há agroecologia!*



Esta é **Marcia Greice Brito Santo**, liderança comunitária da Comunidade do Fogueteiro, no Rio Comprido. Mulher parda, evangélica, mãe de 4 filhos, possui ensino médio completo. Trabalha na viabilização de documentos, prestando assistência e doações às famílias do território.

Iniciou suas atividades há 25 anos e atua principalmente com saúde, assistência e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes de apoio saudáveis.

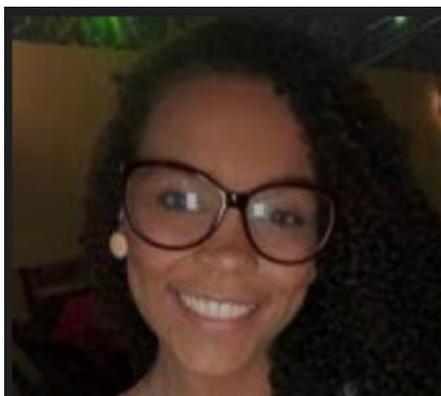
Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque combatem a desnutrição familiar e presta orientações para a prevenção de doenças venéreas. Trabalha com reorientação para uma alimentação saudável, parcerias, colaborações e ação intersetorial e reorientação da atenção na rede do setor da saúde. Participa de redes e coletivos, e está vinculada à rede dos Comitês na Ação da Cidadania, há 6 anos, e Instituição Religiosa, há 27 anos. Enfrenta problemas com falta de verbas e falta de um espaço adequado para realização de suas atividades. Seu desejo de melhorar a qualidade de vida das pessoas do território a mantém motivada a continuar.



Esta é **Mariana Gomes Correia**, liderança comunitária de Morro dos Prazeres, em Santa Teresa. Mulher negra, espírita, casada, possui ensino superior incompleto. Trabalha com a promoção de saúde. Além de realizar encaminhamentos para o mercado de trabalho e outros serviços como agendamento de documentos e liberação de alguns benefícios sociais.

Iniciou suas atividades há 16 anos e atua principalmente com saúde, capacitação profissional e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicação e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e mobilização de serviços de saúde. Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque levam a informação diretamente aos moradores em situação de vulnerabilidade social. Participa de redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações o tempo e o distanciamento social. Define seu trabalho pelas palavras: *acolhimento, resiliência, amor e comprometimento*.



Esta é **Mariana Xavier da Silva**, liderança comunitária de Cesarão, em Santa Cruz. Mulher negra, sem religião, casada, possui mestrado em saúde coletiva. Atua como educadora social em pré-vestibular comunitário.

Iniciou suas atividades há 5 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e mobilização e defesa de direitos. Trabalha ainda para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na prevenção da violência, no estímulo à cultura de paz, e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, porque incentiva a emancipação através da educação e por trabalhar a autoestima dos jovens, o que contribui para a saúde mental. Participa de redes, e está vinculada à Agência de redes para juventude e do Pré-vestibular Santa Cruz Universitário. Define o seu trabalho pelas palavras: *educação, emancipação e liberdade*.



Esta é **Marina Costa Bernardes**, liderança comunitária do Rio de Deodoro e Aca-ri. Mulher negra, casada, espírita, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho voltado à educação ambiental.

Iniciou suas atividades há 41 anos e atua principalmente com saúde, educação e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação interse- torial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para prevenção da violên- cia e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promo- ção da saúde do território. Participa de redes, movimentos e coletivos, e está vin- culada ao Núcleo ecológico Pedras Preciosas. Define seu trabalho pelas palavras: *paciência, resistência e vontade*.



Esta é **Mariza Maria Conceição do Nascimento**, liderança comunitária do Complexo do Alemão. Mulher parda, casada, mãe de três filhos, sem religião, possui ensino médio completo. Atuava como agente comunitária de saúde; coordenadora de projetos sociais; presidente da associação de moradores, primeira presidente da comissão feminina; candidata a vereadora; vice-presidente do CDS/AP3.1; presidente do CONSA/alemão-RJ; fundadora do NASCIBEM.

Iniciou suas atividades há 41 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável, incentivo à atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor saúde ou outros setores.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos, partidos políticos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Define o seu trabalho pela frase: *consciência de dever cumprido*.



Esta é **Mayara Tavares**, liderança comunitária de Barro Vermelho. Mulher parda, solteira, possui ensino médio completo. Atua com adolescentes no projeto Papo na Moral e Jovem Aprendiz.

Iniciou suas atividades há 13 anos e atua principalmente com educação, assistência e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo à atividade física e práticas corporais. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, porque realiza um trabalho socioeducativo com a população do território. Participa de conselhos e coletivos, integra a ONG Criar e Transformar. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho com as palavras: *empoderamento, afeto e inovação*.



Esta é **Michele Paula da Silva**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher parda, solteira, sem religião, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado à comunicação comunitária.

Iniciou suas atividades há 8 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e mobilização e defesa de direitos. Trabalha ainda para prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz.

Não acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de redes, movimentos e coletivos, atuando na ONG/OSC Jornal Fala Roça. Ter acesso à tecnologia e à internet facilita seu trabalho, em contrapartida, o preconceito e a falta de verba são desafios cotidianos, assim como a dificuldade financeira. Seu desejo de mudar a imagem associada à favela e aos moradores de favelas a motivam a continuar. Se considera feminista porque é muito questionadora desde a infância, além disso, conhecer bem a dinâmica dos relacionamentos abusivos a fez desejar apoiar outras mulheres com informações, orientações e a criação de redes de apoio. Define o seu trabalho pelas palavras: *fortalecimento da identidade local e bom relacionamento com a comunidade.*



Esta é **Michele Seixas**, liderança comunitária do Complexo do Alemão, em Ramos. Mulher negra, lésbica, Ekedjì de matriz afro, possui pós-graduação em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade pela Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fiocruz. Atua como Assistente Social e coordenando projetos.

Iniciou suas atividades há 13 anos, atuando principalmente com direitos humanos e formação de profissionais da saúde. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização social; defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para a prevenção da violência lesbofóbica, contra o racismo e quaisquer tipos de discriminação.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque as informações sobre promoção de saúde e garantia de direitos contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população. Participa de conselhos, redes e movimentos, e está vinculada a Associação Brasileira de Lésbicas – ABL, do Grupo de Mulheres Felipa de Sousa, da Rede Ablan e do Instituto Brasileiro de Lésbicas. As articulações com governantes e com redes, facilitam seu trabalho, todavia, a falta de verba e a atual conjuntura política, dificultam. Entende como dificuldade para a realização de suas ações a falta de apoio nas favelas. Começou suas atividades quando se entendeu lésbica, ainda como estudante de Serviço Social. Define o seu trabalho pelas palavras: *fortalecimento, empoderamento e aquilombamento*.



Esta é **Michelle Dias Lacerda**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, casada, umbandista, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Trabalha como coordenadora de movimentos comunitários.

Iniciou suas atividades há 17 anos e atua principalmente com cultura, segurança pública e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque entende a saúde enquanto qualidade de vida. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivo e partido político. Está vinculada às associações Rocinha Resiste, Rocinha sem fronteiras e Movimenta Rocinha. Iniciou suas atividades motivada por uma tragédia familiar. Se considera feminista por entender a importância das mulheres ocuparem espaços. Define o seu trabalho pelas palavras: *luta, resistência e movimento*.



Esta é **Milena Santos Francisco**, liderança comunitária da Comunidade do Borel, na Tijuca. Mulher negra, evangélica, possui ensino superior incompleto. Trabalha na promoção de células para debater política.

Iniciou suas atividades há 20 anos e atua principalmente com cultura, saúde, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersectorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e formulação de políticas públicas saudáveis.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque acredita que a política deve ser formulada olho no olho, com afeto e escuta. Trabalha com reorientação para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na promoção do desenvolvimento sustentável. Participa de movimentos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta problemas como falta de recursos, a pandemia e conciliar as agendas para realização de suas atividades e dificuldades financeiras. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, dedicação e responsabilidade*.



Esta é **Mirian de Andrade**, liderança comunitária da ASVI CDD - Associação Semente da Vida da Cidade de Deus. Mulher negra, evangélica, possui graduação em engenharia mecânica. Coordena atividades para proteção da infância e adolescência.

Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com cultura, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda na reorientação da atenção na rede do setor da saúde, na prevenção da violência e no estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque como coordenadora da ASVI, promove rodas de conversas com as famílias atendidas, participa de articulações ligadas a temáticas que atravessam o território e também com a distribuição de preservativos em parceria com o posto de saúde. Participa de redes e movimentos, e está vinculada à Associação Semente da Vida da Cidade de Deus. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a violência, a pandemia e a falta de informação. Define seu trabalho pelas palavras: resiliência, justiça e empatia.



Está é **Mônica Combatente Xavier**, moradora de Vigário Geral. Neta de nordestinos e filha de costureira, rapper e ativista social. Formada em Gestão de Marketing, generalista em Direitos Humanos, comunicação, assistência social, produção cultural e Mentora em Marketing Digital Sustentável. Atualmente está na ANF – Agência de Notícias das Favelas na função de secretária executiva. É voluntária da unidade do PASES-RJ, no qual coordena o projeto Mulheres da Benção, voltado ao empreendedorismo e autocuidado de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Também é voluntária do projeto de Alimentação Viva Terrapio da Fiocruz. É produtora e mobilizadora do projeto Damas Silenciadas, que tem como vertente o afroempreendedorismo de mulheres pretas de periferias e favelas, incluindo ações de segurança alimentar e violência contra mulher que é uma iniciativa de incidência em políticas públicas de enfrentamento ao feminicídio e racismo. Em 2002, Mônica foi uma das personagens retratadas no documentário *Fala Tu*, de Guilherme Coelho, que acompanhou o cotidiano de três rappers da Zona Norte carioca.



Esta é **Mônica Machado**, liderança comunitária da Frente CDD, Cidade de Deus. Mulher negra, evangélica, possui ensino médio completo. Coordena a frente da pandemia, para amenizar o impacto da Covid-19 e a fome.

Iniciou suas atividades há um ano e atua principalmente com cultura, saúde e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e a mobilização de serviços de saúde. Trabalha ainda no incentivo à alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque possibilita a garantia da segurança alimentar. Participa de redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta amor, as discordâncias, o descrédito e o diálogo. Define seu trabalho por: *Nós por nós.*



Esta é **Mônica Santos Francisco**, liderança comunitária do Borel, na Tijuca. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de dois filhos, possui ensino superior completo. Hoje, Deputada Estadual no Rio de Janeiro. Trabalha promovendo articulação entre mulheres.

Iniciou suas atividades há 35 anos, motivada a construir uma sociedade menos desigual. Atua principalmente com segurança pública, direitos humanos e desenvolve projetos de geração de renda, atuando no Movimento de Economia Solidária, através de projetos de geração de renda. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; a autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; a mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, no incentivo à alimentação saudável e na promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque facilitam o fortalecimento da autonomia e a garantia de direitos. Participa de partido político, movimentos e redes, e está vinculada ao PSol. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviço. Define seu trabalho pelas palavras: *articulação, cooperação e mobilização*.



Esta é **Nayara Alves de Aleluia**, liderança comunitária de Vidigal e Rocinha, em São Conrado. Mulher negra, católica, possui ensino superior completo. Trabalha com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. No conselho tutelar, atua quando há violência social. No projeto social, Vidiga na Social, participa de projetos voltados para cultura e promoção de lazer, e trabalha no desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais através da música, aulas de cidadania, discussões sobre temas da atualidade, política, segurança, cidadania, direitos. Iniciou suas atividades há três anos, motivada inicialmente por essa militância de se relacionar com a área de formação escolhida. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes de apoio saudáveis; desenvolvimento de habilidades pessoais. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque no Delamaris a equipe faz encaminhamentos quando há situações de violações de direitos. Além disso, o público atendido é encaminhado ao sistema público de saúde, CRASS, CREAS e outras atividades em parceria voltadas à inclusão. Trabalha para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde, atuando ainda no estímulo à atividade física e práticas corporais. Participa de fóruns, coletivos, redes e conselhos e está vinculada ao Conselho tutelar CT13, Coletivo Vidiga na Social ONG/OSC. Aponta como dificuldades o corte de verbas, o descrédito da comunidade para a realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *parceria, responsabilidade social, amor.*



Esta é **Nelía Cristina de Souza Conceição**, liderança comunitária da comunidade do Arará, em Benfica. Mulher parda, casada, mãe de três filhos, evangélica, possui ensino médio completo. Professora com muitos anos no magistério atendendo a crianças, jovens e adulto. Trabalha para a promoção da saúde e prevenção de doenças.

Iniciou suas atividades há mais de duas décadas e atua principalmente com cultura, saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e a mobilização de serviços de saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque a principal atividade desenvolvida na comunidade é a prevenção de doenças. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos e está vinculada a organização AMCA (Associação de Mulheres do Arara). Aponta seus parceiros e suas habilidades comunicativas como facilitadores de suas atividades. Em contrapartida, a falta de acesso à informação e a ignorância são fatores que dificultam seu trabalho. Acredita ser uma referência em seu território. Declara que já nasceu uma feminista. Define seu trabalho pelas palavras: *honestidade, parceria e comprometimento*.



Esta é **Norma Maria de Souza**, liderança comunitária de Manguinhos. Mulher negra, solteira, mãe de três filhos, sem religião, possui pós-graduação. Desenvolve um trabalho voltado a atender pessoas com deficiência.

Iniciou suas atividades há 18 anos e atua principalmente com saúde, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, reorientação da atenção na rede do setor da saúde e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque viabilizam informações e conhecimento. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos. Atualmente integra o Kevin Johnson – projeto Marias. Acredita que ser mãe de um filho com deficiência foi sua motivação inicial para a escolha dessa frente de enfrentamento e o fato de que a deficiência de seu filho poderia ser evitada a fez lutar tanto para a democratização da saúde. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços, além da falta de apoio que também dificulta suas ações.



Esta é **Paloma da Silva Gomes**, liderança comunitária de Manguinhos. Mulher parda, solteira, possui ensino superior em curso. Desenvolve um trabalho como colunista do Fala Manguinhos, atua no cine pipoca e como professora de educação infantil.

Iniciou suas atividades há seis anos, atuando principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque luta pela garantia de direitos. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partidos políticos. Integra as entidades PT e Fala Manguinhos. Paloma convive com a falta de apoio da comunidade. Define seu trabalho pelas palavras: *dedicação, amor e disposição*.



Esta é **Pâmella Santos**, liderança comunitária de Quitanda, na Pavuna. Mulher parda, sem religião, possui ensino médio completo. Atua na promoção de rodas de conversa temáticas com jovens.

Iniciou suas atividades há quatro anos e atua principalmente com cultura, educação e saúde. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda na prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque pode realizar o acolhimento social durante as rodas de conversa. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades o desinteresse e a falta de apoio da comunidade, mas o desejo de ajudar a comunidade a motivam a continuar. Define seu trabalho pelas palavras: *gratidão, acolhimento e aprendizado*.



Esta é **Pâmella Gabriel dos Santos**, liderança comunitária da Pavuna e adjacências. Mulher parda, sem religião, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho socioeducativo voltado a viabilizar informações e fortalecer os vínculos sociais.

Iniciou suas atividades há três anos e atua principalmente com cultura, saúde e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

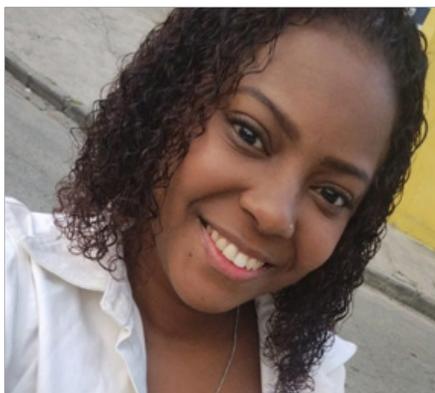
Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de conselhos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *gratidão, conhecimento e amor.*



Esta é **Patrícia Felix de Lima Padula**, liderança comunitária de Vila Vintém. Mulher negra, casada, mãe de dois filhos, católica, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho como educadora social e como conselheira tutelar, tendo sido eleita com votos recordes no Rio de Janeiro.

Iniciou suas atividades há 36 anos e atua principalmente com educação, assistência e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação interseccional; mobilização de serviços de saúde; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável, incentivo de atividade física e de práticas corporais, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partido político, e está vinculada ao Projeto Liberdade e Rede Emancipa. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *comprometimento, perseverança e afeto*.



Esta é **Priscila Ricardo**, liderança comunitária da Vila Kennedy, em Bangu. Mulher negra, católica, mãe de uma criança, possui ensino médio completo. Desenvolve trabalhos em diversos territórios e se articula com pessoas até fora do Brasil. Trabalha com saúde da mulher.

Iniciou suas atividades há 10 anos e atua principalmente com cultura e saúde. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque promovem a saúde do coletivo. Trabalha ainda com prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde. Participa de redes, e está vinculada a Gal Fênix, arte social. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *felicidade, amor e gratidão*.



Esta é **Priscilla Monteiro de Andrade**, liderança comunitária da Maré. Mulher negra, considera-se afroindígena, solteira, candomblé, possui pós-graduação. É cofundadora e atua como coordenadora e psicóloga no Espaço Casulo, também é atriz e cofundadora da Cia Marginal e coautora de quatro espetáculos.

Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente como artista, na saúde e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e potencialização de lideranças pretas e faveladas; mobilização e defesa de direitos; parcerias principalmente de equipamentos públicos; colaborações em ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde pelo fortalecimento do SUS; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento das potências e habilidades humanas. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo ao bem viver na organicidade e em harmonia (ambiente físico, psicológico e relações), no trabalho como espaço de vida e promoção do desenvolvimento sustentável, reorientação da atenção na rede do setor da saúde, também na importância de pensar no indivíduo enquanto um ser que expressa sua espiritualidade.

Acredita que os projetos desenvolvidos com e para a favela contribuem para a promoção da saúde do território, trabalhando na retomada e afirmação da identidade e da potência enquanto indivíduo, por ser um projeto comunitário para tratar da saúde por esse viés. Participa de movimentos, coletivos, e trabalhos integrados, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Acredita que a parceria entre as mulheres facilita o acesso e, também, a entrada em outros espaços institucionais. É sempre um grande desafio e resistência desenvolver seu trabalho pois há poucos incentivos e patrocínios para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define seu trabalho como: *feito por e para mulher, preta e favelada, de potência e na perspectiva de aquilombamento e aldeias.*



Esta é **Rafaela Figueiredo de França**, liderança comunitária do Complexo do Alemão e Maré, em Bonsucesso. Mulher parda, católica, solteira, mãe de três filhos, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho articulado à ONG Educap e o NEEM – Núcleo de Estimulação Estrela de Maria. Trabalha principalmente com inserção ao mercado de trabalho, oferece cursos profissionalizantes, realiza bate-papos sobre violência doméstica, direcionamento de vagas para creches e inserção no mercado de trabalho. Atua principalmente com capacitação profissional, segurança e direitos humanos. Rafaela é mãe de Maria, que está dentro do espectro autista, optou pelo uso do óleo de cannabis e da medicina fitoterápica legal no Brasil para complementar o tratamento da filha. Desde então, se empenha em trazer os benefícios da cannabis medicinal para o Complexo.

Iniciou suas atividades há cinco anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e as pessoas de sua comunidade que passam por situações parecidas com as dela. Conta com apoio da comunidade e dos sistemas do território. Usa como estratégias de atuação: fortalecimento e participação; incentivo à autonomia e capacitação de lideranças; melhoria de acesso a recursos e serviços; mídias sociais, parcerias e ações intersetoriais; criação de um ambiente de apoio saudável; mobilização e defesa de direitos; melhoria e acesso a recursos e serviços; e o desenvolvimento de habilidades individuais; formulação de políticas públicas saudáveis. Atua no combate à violência, estímulo a uma cultura de paz e a criação de bons relacionamentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque trabalham a autoestima e a emancipação financeira da mulher, além dos debates relacionados com violências, de todas as naturezas, que ajudam na democratização da informação. Atua no combate a violência, ao uso abusivo de álcool e outras drogas, o desemprego, participa de redes, é Fundadora do Make in Favela e recebeu apoio do USA Hemp Brasil em 2022, além das redes locais. Aponta como os fatores que mais contribuíram para o seu exercício a participação, e os que dificultam são falta de materiais, doações e baixa autoestima das mulheres. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *essencial, humildade e força*.



Esta é **Raissa Luara Castro de Oliveira**, conhecida como Lua Oliveira, liderança comunitária da Ladeira dos Tabajaras. Menina parda, cristã, possui ensino fundamental incompleto.

Iniciou sua militância há dois anos, com apenas 11 anos de idade. Em 2019, aos 12 anos, fundou a biblioteca comunitária, Mundo da Lua. Na biblioteca disponibiliza diversos projetos como música, dança, palhaçaria, reforço escolar, teatro, entre outros. Durante a pandemia da SARS COV-2, seguiu captando recursos e a distribuição de alimentos e materiais de higiene, essenciais para a profilaxia do vírus e a subsistência da população. Também realiza resgates de animais domésticos e doações de livros a crianças da comunidade e adjacências. Suas principais áreas de atuação são: cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para desenvolver seu trabalho: fortalecimento e a participação; incentivo à autonomia, desenvolvimento de habilidades individuais; comunicação e mídias sociais; autonomia e capacitação de lideranças, desenvolvendo trabalhos relacionados. Participa de conselhos e movimentos.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território, pois viabilizam informações sobre higiene, autocuidado e cuidado às crianças do projeto que começam a se relacionar melhor e a terem mais segurança e autonomia. Participa de redes e coletivos, mas não é vinculada a nenhuma ONG/OSC. Convive com a falta de recursos e patrocinadores, mas mantém como principais fontes de motivação o amor ao próximo e aos livros. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *fé, força e amor*.



Esta é **Raquel da Gama Spinelli**, liderança comunitária da Providência, no Morro do Pinto, em Santo Cristo. Mulher branca, evangélica, casada, mãe de dois filhos, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado ao acolhimento de jovens grávidas.

Iniciou suas atividades há 10 anos e atua principalmente com saúde, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades a mobilização de serviços de saúde. Trabalha ainda para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque combatem à violência obstétrica. Participa de redes, está vinculada à Providenciando a favor da vida. Enfrenta como dificuldades para a realização de suas ações a falta de recursos e a falta de espaço físico, embora ser moradora da favela e ser agente de saúde facilitem suas ações. Acredita ser reconhecida como referência por seu trabalho comunitário. Define seu trabalho pelas palavras: *educação perinatal, promoção da saúde e planejamento familiar*.



Esta é **Renata Sabino**, liderança comunitária de Santa Teresa, em Santa Teresa. Mulher parda, evangélica, mãe de dois filhos, possui ensino médio incompleto. Desenvolve um trabalho social no território em que promove educação na quarentena.

Iniciou suas atividades há dois anos e atua principalmente com cultura, educação, saúde, esporte e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o aprimoramento de suas atividades: desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no incentivo à atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque pela mudança comportamental dos indivíduos obtêm-se uma melhoria na coletividade. Participa de coletivos, e está vinculada ao Junta Comunitária Morro dos Prazeres, associação comunitária. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de compreensão e a estrutura do local. Define seu trabalho como: *satisfatório*.



Esta é **Rita de Cássia Vieira Smith**, liderança comunitária da Penha. Mulher negra, casada, mãe de dois filhos, candomblecista, possui ensino médio completo. Desenvolve um trabalho voltado à prevenção da tuberculose e na inclusão de pessoas com deficiência.

Iniciou suas atividades há 19 anos e atua principalmente com saúde, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de redes e coletivos, e está vinculada ao Grupo de Apoio a ex-pacientes de tuberculose do Rio de Janeiro. Enfrenta dificuldade de conseguir recursos humanos e materiais. Enfrenta diariamente preconceito e problemáticas ligadas à inacessibilidade de informações. Define seu trabalho com as palavras: *amor, salvar e informação*.



Esta é **Rosângela Menezes Moreno**, liderança comunitária da 29 de Março. Mulher branca, casada, mãe de dois filhos, evangélica, possui ensino médio completo. Atua na prevenção ao suicídio de adolescentes e jovens.

Iniciou suas atividades há 12 anos, atuando principalmente com saúde, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: comunicações e mídias sociais; mobilização de serviços de saúde e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque realiza o acolhimento dos jovens. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Está vinculada a ACBSC – Associação Cultural Beneficente Sempre Cristo. Define o seu trabalho pelas palavras: *amor, perseverança e garra*.



Esta é **Rosângela Souza Soares de Albergaria Medeiros**, liderança comunitária da Rua da Fazendinha, em Nova Marília, Magé. Mulher negra, evangélica, mãe de três filhos, possui ensino superior incompleto. Desenvolve rodas de conversas sobre prevenção em ISTs, HIV, AIDS, tuberculose, com foco na saúde da população negra. Atua com camelô educativo, oficinas e palestras com Enel – Empresa de Energia, sobre consumo consciente, energia segura, oficinas para mulheres e jovens e como coordenadora municipal e estadual de mulheres negras.

Iniciou suas atividades há 25 anos, atuando principalmente com saúde, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e mobilização de serviços de saúde; formulação de políticas públicas saudáveis; e criação de ambientes de apoio saudáveis.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque são multiplicadores de informações na prevenção em saúde. Trabalha com reorientação da atenção na rede do setor da saúde, no estímulo da alimentação saudável, na promoção do desenvolvimento sustentável. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos. É coordenadora Municipal e Estadual de Mulheres Negras e está vinculada ao Comitê da Cidadania Bem-Acentuado Bem-Aventurado CCBA. Enfrenta problemas com falta de verbas e local adequado para realização de suas atividades. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *solidariedade, amor e comprometimento*.



Esta é **Sandra Lúcia Aleixo da Silva**, liderança comunitária do Complexo do Alemão. Mulher negra, casada, mãe de um filho, candomblecista, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado ao fortalecimento das mulheres. Iniciou suas atividades há 42 anos e atua principalmente com cultura, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; e parcerias, colaborações e ação intersetorial. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque realiza acolhimento social. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partidos políticos. Está vinculada ao Rede de Mulheres. Sua motivação para iniciar sua militância foi a ascensão social. Sandra convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho pelas palavras: *resistência*, *esperança*, *“doriedade”* (dor da mulher preta).



Esta é **Sandra Maria de Souza**, liderança comunitária da Vila Kennedy, em Bangu. Mulher negra, solteira, católica, mãe de um filho, possui ensino superior completo. Consagrada como Ministra da Eucaristia Santo Cura D’Ars.

Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com educação, assistência e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no incentivo à alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque as ações desenvolvidas impactam na saúde mental. Participa de conselhos, redes e igrejas. Está vinculada à Paróquia Cristo Operário e Santo Curadas. Enfrenta dificuldades financeiras e familiares que atrapalham um pouco suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *amor, respeito e caridade*.



Esta é **Sara Almeida**, liderança comunitária de Ceasa, em Irajá. Mulher negra, casada, evangélica, mãe de dois filhos, possui ensino superior completo.

Iniciou suas atividades há 32 anos, atua com políticas públicas sociais de saúde, cidadania e educação. Atende um perfil muito diverso, seu trabalho é mais voltado a questões de saúde, combate às ISTS e gestação na adolescência, na promoção de informações de modo a dar acessibilidade a direitos, combate à violência, realiza um trabalho socioeducativo com os jovens, combate à pobreza, combate à insegurança alimentar e na capacitação de mulheres ao mercado de trabalho. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no incentivo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, prevenção e controle do tabagismo, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável, reorientação da atenção na rede do setor da saúde e redução da morbimortalidade por acidente de trânsito e mobilidade humana.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque através das rodas de conversas, com apoio da equipe multiprofissional de saúde e com trabalho articulado com o sistema único de saúde pode dar acessibilidade a informações para que as famílias tenham uma qualidade de vida melhor e saudável. Participa de fóruns, movimentos, coletivos, e está vinculada ao Instituto Ágape. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação a falta de financiamento e não possuir voluntários para cuidar da parte digital, fazer a divulgação etc. Define seu trabalho pelas palavras: *resistência, garra e persistência*.



Esta é **Sara Graziela Borges**, liderança comunitária da Tijuca. Mulher negra, casada, mãe de duas filhas, evangélica, possui ensino superior completo. Atualmente dá apoio ao projeto do Porvir, desenvolvendo ideias de expansão, a ideia é implementar estudos, ofertando cursos de idiomas voltado a crianças e o pré-vestibular para jovens. Para dar oportunidade. Acredita que uma pessoa capacitada profissionalmente vai poder ter melhor qualidade de vida.

Iniciou suas atividades há dois anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e capacitação profissional. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: parcerias, colaborações e ação intersetorial; melhoria de acesso a recursos e serviços; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de fóruns, redes, coletivos e instituições religiosas, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Acredita que a acessibilidade à internet e à maternidade são facilitadores, enquanto a falta de apoio e a dificuldade financeira, para cuidar da casa e dos filhos, e a falta de apoio são fatores que atrapalham. Acredita ser reconhecida pelo trabalho realizado, o engajamento, social e político. Define seu trabalho como: *articulador, determinado e empatia.*



Esta é **Sheila Furtunato Esperidião do Santos Gomes**, liderança comunitária da Cachoeirinha, em Lins de Vasconcelos. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de um filho, possui ensino médio incompleto.

Iniciou suas atividades há 20 anos e atua principalmente com saúde, cultura e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para o incentivo da alimentação saudável, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque ao viabilizar o acesso à informação, atua como um agente multiplicador, ao passo que a população também dissemina o conhecimento a quem está a seu redor. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e partido político e está associada à AMAC (Associação de Mulheres e Amigos da Cachoeirinha). Ser moradora da comunidade facilita a realização das atividades além de ser referência e ser comunicativa. Enfrenta como dificuldades para a realização de suas ações a falta de recursos e dificuldades financeiras. Acredita ser reconhecida como referência por seu trabalho comunitário e por ser muito atuante na comunidade e se considera feminista por reivindicar o direito das mulheres. Define o seu trabalho pelas palavras: *fé, coragem e garra*.



Esta é **Solange Pires de Voredo**, liderança comunitária da comunidade Jardim Metr pole, em São João de Meriti. Mulher negra, casada, candomblecista, mãe de dois filhos, possui ensino superior incompleto. Coordena o GRAM, onde realiza acolhimento social, rodas de conversa e acompanhamento especialmente de mulheres e vítimas de violência patriarcal. Sua motiva o para atuar nesse campo, mesmo sendo um campo que expõe os trabalhadores   violência, se deu a partir do reconhecimento de violências sofridas no passado porque acredita que muitas mulheres ainda hoje não conseguem reconhecer que sofreram violências e muitos agressores não se reconhecem como tal. O atendimento   regional, engloba toda a zona oeste, em articula o com a OAB JOVEM. Trabalham em parceria com a associa o de mulher Poder Preta, onde atua com uma professora de filosofia. Oferece cursos para o fortalecimento de lideranças. Trabalha em parceria com ONGs, associa es, DEAMs, CRAS, CREAS. Iniciou suas atividades há 11 anos e atua principalmente com educa o, assistência e segurança. Durante a pandemia iniciou-se o projeto de roda de leitura ao ar livre. Oferece apoio social e jurídico, encaminhamentos para os diversos setores de saúde e assistência, órgãos do poder público; além de capacita o no ELA PODE. Na casa da mulher trabalhadora, atendem mulheres encarceradas, pcds, pessoas com câncer e aids. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promo o da saúde do seu território, porque conseguem encaminhamentos de exames em outros bairros e territórios. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partidos políticos. Enfrenta como dificuldades para a atua o a falta de recursos e espaço próprio. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, resistência e esperança*.



Esta é **Sonia Regina Gonçalves da Silva**, liderança comunitária de Boqueirão, em São Pedro da Aldeia. Mulher negra, evangélica, casada, mãe de três filhos, possui ensino superior completo. Trabalha coordenando o camelô educativo.

Iniciou suas atividades há 23 anos e atua principalmente com saúde, assistência, educação e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; e formulação de políticas públicas saudáveis. Trabalha ainda no incentivo à atividade física e práticas corporais, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque melhora a qualidade de vida da população e contribuem para o empoderamento. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada ao Grupo de articulação do Boqueirão. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de apoio. Define seu trabalho pelas palavras: *amor ao próximo e resiliência*.



Esta é **Stéphanie Marçal Sabino**, liderança comunitária de Morro do Borel, unidades penitenciárias. Mulher negra, candomblecista, possui ensino superior completo em Letras pela UFRJ. Artista visual, escritora, roteirista, dramaturga, atriz, educadora e pesquisadora de linguagens, filosofias africanas e afrodiaspóricas. Coordena projetos educacionais e propostas culturais em rede com outras comunidades e organizações.

Iniciou suas atividades há oito anos e atua principalmente com cultura, direitos humanos e educação. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha com prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de redes sociais, é cofundadora do coletivo Conceição Evaristo e colaboradora do coletivo Brota na Laje, também é ativista social e agente cultural. Atualmente, é educadora do Galpão Bela Maré e estudante da Escola Sesc de Artes Dramáticas. Tenciona desenvolver pesquisas e práticas artísticas que envolvam a temática da ancestralidade como eixo afrorrizomático central. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações as desigualdades e o racismo. Define seu trabalho pelas palavras: *estratégia, coragem e esperança*.



Esta é **Sueli Pereira da Silva**, liderança comunitária da Comunidade Minha Deusa, em Bangu. Mulher negra, mãe de três filhos, católica, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho voltado à melhoria do saneamento básico e de moradias dignas na comunidade.

Iniciou suas atividades há 32 anos e trabalha principalmente com educação, direitos humanos, assistência e educação ambiental. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no incentivo a atividade física e práticas corporais, reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque realiza campanhas para a conscientização de doenças e vacinação, atua para o cuidado e prevenção de IST's, realiza atendimento social, esclarecimentos sobre benefícios e direitos. Participa de coletivos, instituições religiosas, saúde posto Valdir Franco, CRAS, Núcleo Previsão da Chuva, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade de conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com o preconceito, a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define o seu trabalho pelas palavras: *fê, objetivo e esperança*.



Esta é **Suely da Conceição Rodrigues**, liderança comunitária da Rocinha. Mulher negra, espírita, mãe de uma criança, possui pós-graduação. Desenvolve trabalhos em diversos territórios e se articula com pessoas até fora do Brasil. Trabalha com o combate e a prevenção da violência contra mulher. Realiza ainda encaminhamentos para outros setores e projetos sociais, como de luta e autodefesa.

Iniciou suas atividades há 12 anos e atua principalmente com cultura, saúde, assistência, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; mobilização e defesa de direitos; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde, melhoria de acesso a recursos e serviços; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do seu território, porque a Lei Maria da Penha ajuda a conter a violência contra as mulheres, mas é necessário ter outras ações que reflitam nas relações dentro do ambiente doméstico para prevenir a violência contra mulheres. Quando se trabalha para o fortalecimento feminino, trabalha também na promoção da saúde coletiva, quando incentiva a escolarização, quando incentivamos a mulher a não se colocar num local de vulnerabilidade, quando a mulher se fortalece, ela multiplica essa promoção de saúde. Além disso, incentiva atividade física e práticas corporais, atua na prevenção e controle do tabagismo, na redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, na prevenção da violência e estímulo

à cultura de paz, vida na promoção do desenvolvimento sustentável e na reorientação da atenção na rede do setor da saúde. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos e coletivos, e está vinculada à Unicarioca, arte social. Aponta como dificuldades a falta de recursos materiais e voluntários para a realização de suas atividades. Contudo, se mantém motivada a continuar no projeto pelo desejo de ajudar na garantia de direitos às pessoas de seu território. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *voz, poder e mulher*.



Esta é **Tainara Rodrigues**, liderança comunitária do Morro da Pedreira, na Pavuna. Mulher parda, sem religião, possui ensino médio completo. Atua na defesa e manutenção dos direitos das crianças e adolescentes.

Iniciou suas atividades há dois anos e atua principalmente com cultura, direitos humanos, capacitação profissional, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades a mobilização e defesa de direitos, melhoria de acesso a recursos e serviços e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque através da proximidade tem a possibilidade de absorver mais informações importantes para suas ações e, também, de viabilizar o acesso às informações. Participa de redes, movimentos e coletivos, e está vinculada à agência de redes. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de oportunidades e acesso ao conhecimento, mas que a disponibilidade de pessoas apoiando contribuem no andamento das suas ações. Define seu trabalho pelas palavras: *responsabilidade, conhecimento e atenção*.



Esta é **Talita Suelen Carvalho dos Santos**, liderança comunitária da Biblioteca Parque da Rocinha. Mulher parda, evangélica, possui ensino superior completo. Desenvolve um trabalho social que pretende resgatar vidas através da arte (teatro, dança, música, tv e cinema).

Iniciou suas atividades há sete anos e atua principalmente com cultura, assistência, educação ambiental e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; comunicações e mídias sociais; e rodas de conversa. Trabalha ainda no incentivo à atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e orientando para a vida no trabalho (ambiente físico, psicológico e relações).

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque acredita que a cultura, a educação, o lazer e o esporte contribuem muito para a nossa saúde mental e física. Participa de redes, movimentos e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Aponta como dificuldades para o exercício de suas ações a falta de verba porque como não pode pagar os voluntários muitas vezes não consegue manter eles no projeto, caso arranjem um emprego que impossibilite a permanência. Define seu trabalho pelas palavras: *resiliência, amor e solidariedade*.



Está é **Thais Antunes Matozo**, atua e reside na Rocinha. Mulher negra, solteira, lésbica, ativista política, possui ensino médio incompleto. Atua na diminuição da evasão escolar e atualmente trabalha na Secretaria de Saúde da cidade do Rio de Janeiro. Desenvolve um trabalho voltado a mostrar o potencial dos jovens, por meio de ações que visam melhorar a autoestima e o autocuidado.

Iniciou suas atividades há sete anos e atua principalmente com cultura, segurança pública e direitos humanos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: autonomia e capacitação de lideranças; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de conselhos, redes e movimentos e está vinculada à UNICEF/agência de redes para juventude. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Define o seu trabalho pelas palavras: *identidade, saúde e potência*.



Esta é **Vanessa Regina Ribeiro de Oliveira dos Santos**, liderança comunitária de Buriti e Congonha, em Madureira. Mulher negra, casada, mãe de três filhos, evangélica, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho como empreendedora social.

Iniciou suas atividades há seis anos e atua principalmente com cultura, educação e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: mobilização e defesa de direitos; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz e promoção do desenvolvimento sustentável.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque prestam apoio às famílias atendidas e conversam sobre as deficiências e potencialidades das crianças. Participa de conselhos, redes e coletivos. Participa da associação Ler e Saber na comunidade. Enfrenta como dificuldades para a realização de suas ações a falta de acesso ao território e às famílias. Define seu trabalho com as palavras: *educação, cultura e fortalecimento*.



Esta é **Vânia de Cássia de Araujo Dutra**, liderança comunitária do Instituto Educacional Araujo Dutra, em Guadalupe. Mulher parda, evangélica, casada, mãe de 2 filhos, possui pós-graduação. Fundadora do Instituto Educacional Araujo Dutra onde desenvolvem os projetos sociais: oficina 5.5, caminhos para cidadania, Grupo Renascer, Estratégias de Assistência Social e Inclusão Produtiva.

Iniciou suas atividades há 10 anos e atua principalmente com saúde, educação, direitos humanos, assistência, capacitação profissional e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; parcerias, colaborações e ação intersetorial; mobilização de serviços de saúde; formulação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda no estímulo à alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque trabalham com objetivo da prevenção de doenças, para a alimentação saudável e acesso aos serviços públicos na saúde. Participa de fóruns, conselhos, redes, movimentos, coletivos e partido político, e está vinculada ao Instituto Educacional Araujo Dutra. Enfrenta como dificuldades para a sua atuação o apoio financeiro e a pobreza. Define seu trabalho por: *Defesa da vida!*



Esta é **Vanessa de Oliveira Duarte da Silva**, liderança comunitária de Acari. Mulher negra, solteira, evangélica, possui ensino médio completo. Coordena o Centro Social Futuro Feliz onde disponibiliza atividades de karatê e futebol.

Iniciou suas atividades há sete anos e atua principalmente com cultura, assistência e esporte. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; parcerias, colaborações e ação intersetorial; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha no incentivo de atividade física e práticas corporais.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque suas ações envolvem atividades físicas. Participa de fóruns, movimentos e coletivos, e está vinculada ao Centro Social Futuro Feliz. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações como a falta de apoio, apesar de ser reconhecida como uma referência em seu território. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, esperança e resistência*.



Esta é **Veronica de Almeida**, liderança comunitária da Cidade de Deus. Mulher negra, sem religião, casada, mãe de um filho e está à espera de um bebê, possui ensino superior incompleto. Desenvolve um trabalho voltado ao acolhimento social, saúde e assistência. Iniciou suas atividades há cinco anos. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; comunicação e mídias sociais; e mobilização e defesa de direitos; mobilização de serviços de saúde; e criação de ambientes de apoio saudáveis. Trabalha ainda para a promoção da alimentação saudável e prevenção e controle do tabagismo. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque além de acolher é uma referência para unidade de saúde diminuindo a barreira da população com o atendimento. Participa de movimentos, coletivos e partidos políticos e está vinculada ao SOS CDD, ONG/OSC. Enfrenta dificuldades para a realização de suas ações como falta de empatia das instituições públicas. Define o seu trabalho pelas palavras: *acolher, orientar e reeducar*.



Esta é **Veronica Gomes Martins da Silva**, liderança comunitária da Vila Kennedy. Mulher negra, casada, mãe de um filho, católica, possui ensino superior completo. Atua com desenvolvimento comunitário.

Iniciou suas atividades há 13 anos, atuando principalmente com educação, assistência e capacitação profissional, faz parte do coletivo Centro Comunitário Irmãos Kennedy. Sua atuação começou tendo como referências as lutas comunitárias da mãe D. Vera Lúcia e Berenice Natalício, na creche comunitária Nino. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; parcerias, colaborações e ação intersetorial; criação de ambientes de apoio saudáveis; e desenvolvimento de habilidades pessoais. Trabalha ainda para o incentivo de atividade física e práticas corporais, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território. Participa de fóruns, conselhos, redes e movimentos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OSC ou instituição. Enfrenta dificuldade de conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Afirma ter iniciado suas atividades motivada a ajudar a população da sua comunidade ao se deparar com muitos casos de pessoas com a saúde mental desestabilizada por conta de violências que enfrentam cotidianamente. Define seu trabalho pelas palavras: *amor, gratidão e transformação*.



Esta é **Veronica Moura da Silva**, liderança comunitária da favela Santa Marta. Mulher parda, casada, mãe de dois filhos, cristã, possui o ensino médio. Trabalha com turismo na comunidade e tem em parceria com o esposo um centro de treinamento de artes marciais voluntário e direcionado para crianças, também disponibilizando serviços de massoterapia. Atua principalmente com cultura, saúde, segurança e educação.

Iniciou suas atividades há 11 anos, motivada inicialmente a ajudar seus vizinhos e as pessoas de sua comunidade. Conta com apoio da família, da comunidade e dos sistemas do território. Usa como estratégias de atuação: fortalecimento e participação das crianças; incentivo à autonomia; utiliza mídias digitais para divulgação do projeto; ações e trabalhos intersetoriais; melhoria de acesso a recursos e serviços; criação de um ambiente de apoio saudável; e o desenvolvimento de habilidades individuais. Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque o exercício físico tem um resultado muito positivo em relação à saúde e também em outros aspectos relacionados a motivações, objetivos, metas, responsabilidades, respeito, essenciais para o desenvolvimento e autonomia das crianças. Atua ainda no combate à violência, estímulo a uma cultura de paz e criação de bons relacionamentos. Trabalha com orientação à sustentabilidade, orientação a serviços de saúde e promoção de ambientes de apoio e trabalho mais saudáveis. Participa de conselhos, redes e coletivos, mas não está vinculada a nenhuma ONG/OS. Apontou que os fatores que mais facilitam suas atividades foram o acesso à internet e ao celular, em contrapartida fatores que dificultam seu exercício são a ausência de recursos, a insegurança e falta de informação e a divulgação. Define o trabalho que realiza pelas palavras: *cuidado, realização e conhecimento*.



Esta é **Woiza Kelly de Santana Figueredo**, liderança comunitária de Vila São Pedro, em Manguinhos. Mulher negra, solteira, evangélica, possui ensino superior incompleto. Atua como articuladora Social.

Iniciou suas atividades há 21 anos e atua principalmente com educação, direitos humanos e assistência. Utiliza como estratégias para o desenvolvimento de suas atividades: fortalecimento da participação popular; autonomia e capacitação de lideranças; mobilização e defesa de direitos; e melhoria de acesso a recursos e serviços. Trabalha ainda para incentivo de alimentação saudável, atividade física e práticas corporais, redução do uso abusivo de álcool, remédios e outras drogas, prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, promoção do desenvolvimento sustentável e reorientação da atenção na rede do setor da saúde.

Acredita que os projetos desenvolvidos na comunidade contribuem para a promoção da saúde do território porque melhora a qualidade de vida da população. Participa de redes, integra a ONG IASESPE. Enfrenta dificuldade para conseguir recursos humanos e materiais para a realização de suas ações. Convive diariamente com a dificuldade de acessos a direitos e serviços. Define seu trabalho com as palavras: *empatia, companheirismo e dedicação*.

Índice das Biografias

A

Adrielly Ribas Morais 93
Amanda de Andrade Mendonça 95
Amanda Pinheiro de Oliveira 96
Amanda Vilella 94
Ana Aparecida Felix de Almeida 97
Ana Carolina Acioli 98
Ana Carolina Santana 99
Ana Caroline dos Santos 100
Ana Leila Gonçalves 102
Ana Maria Leone de Jesus Ferreira 101
Anazir Maria de Oliveira 103
Andreia Nogueira dos Santos 104
Angel Elizeu Gomes Araujo 105
arbara Cristina Nascimento da Rosa 108
Aretusa Ana da Silva Paula 106

B

Bárbara Cristina de Souza Nogueira 107
Bárbara Olivi 109
Beatriz Carvalho 110
Bernardete Pereira da Silva Calixto 112
Blenda Paulino 113

C

Carla Siccós 114
Caroline Marins 115
Cassia Flavio de Oliveira 116
Catia Cristina Santos do Nascimento 117
Célia Pereira de Souza 118
Chirley Vicente de Sousa Correia 119
Cícera Vânia Alves Ribeiro 120
Cintia de Castro Silva 121
Cláudia de Oliveira Lourenço 123

Cláudia Rose Ribeiro da Silva 124
Claudia Sabino 125
Cláudia Souza da Silva 122
Cleonice Camelo de Araújo 126
Conceição Barbosa 127
Cristiane Andrade Viana 128

D

Débora do Espírito Santo da Silva 129
Debora Domingos dos Santos 130
Deise de Jesus Silva Rodrigues 131
Denildes da Silva 132
Denise Francisca de Oliveira Santos 133
Denise Vieira dos Santos 134
Dircelia Ximenes Alves 135

E

Edjane de Fátima Silva 136
Edneide da Silva Pereira 137
Eliane Lima da Costa 138
Eliene Maria Vieira 139
Elisabete Aparecida Dias da Silva 140
Eliude Cristina Castro Pinheiro Santana 142
Elizabeth Manja 141
Emile Amaro Mendonça 143
Érika Patricia Gonçalves Alves 144
Ester dos Santos Mangueira 145

F

Fabiana Ferrinha 146
Fabiola Borges da Costa 147
Fernanda Cristina de Souza Domingos 148

G

Geiza de Andrade Moura da Silva 149
Gilciara da Silva Neves 150
Greice Kelly Santana de Paula 151

H

Heloísa Helena Moraes Cardoso 152

I

Inês Ferreira 153
Ingrid Beatriz Gomes de Araújo 154
Ingrid Monteiro Braga 155
Isabela Silva 156
Isabele de Aguiar Corrêa 157

J

Janete Ribeiro Albino 158
Janice Delfim 159
Josiete de Andrade Cardoso 160
Júlia Dias dos Santos 161
Juliana Costa Lino dos Santos 163
Juliana Santos da Silva 164
Julia Tavares Ferreira Barros 162

K

Karoline Reis 165
Katia Lucio Vilaça 166
Kézia Yasmin Bandeira dos Santos 167

L

Larissa Leão do Nascimento 168
Lays Stéfany da Silva dos Santos 169
Leila Regina 170
Lidiane Santos Barbosa 171
Luana Martins da Silva 172
Lúcia de Fátima Oliveira Cabral 173
Luciana da Silva Lima 174
Lucimar Machado da Silva Ferreira 175

M

Magda Gomes 176
Marcelle Ribeiro Felipe 190
Márcia Bezerra da Silva de Souza 177
Márcia Cristina de Souza Silva 178
Marcia Greice Brito Santo 191
Márcia Maria de Mesquita Povoá 179
Márcia Sampaio Martinho de Azevedo 180
Maria Aparecida Moraes 181
Maria Aparecida de Carvalho Lima 182

Maria Aparecida Vieira Ribeiro 183
Maria Clara Monteiro Souza 184
Maria do Socorro Melo Brandão 185
Maria Eduarda Samontezze Toledo 186
Maria Fernanda Duarte Faustino 187
Maria Helena de Souza dos Santos da Silva 188
Mariana Gomes Correia 192
Mariana Xavier da Silva 193
Marina Costa Bernardes 194
Mariza Maria Conceição do Nascimento 195
Mayara Tavares 196
Michele Paula da Silva 197
Michele Seixas 198
Michelle Dias Lacerda 199
Milena Santos Francisco 200
Mirian de Andrade 201
Mônica Combatente Xavier 202
Mônica Machado 203
Mônica Santos Francisco 204

N

Nayara Alves de Aleluia 205
Nelia Cristina de Souza Conceição 206
Norma Maria de Souza 207

P

Paloma da Silva Gomes 208
Pâmella Gabriel dos Santos 210
Pâmella Santos 209
Patrícia Felix de Lima Padula 211
Priscila Ricardo 212
Priscilla Monteiro de Andrade 213

R

Rafaela Figueiredo de França 214
Raissa Luara Castro de Oliveira 216
Raquel da Gama Spinelli 217
Renata Sabino 218
Rita de Cássia Vieira Smith 219
Rosângela Menezes Moreno 220
Rosângela Souza Soares de Albergaria Medeiros 221

S

- Sandra Lúcia Aleixo da Silva 222
Sandra Maria de Souza 223
Sara Almeida 224
Sara Graziela Borges 225
Sheila Furtunato Esperidião dos Santos Gomes 226
Solange Pires de Voredo 227
Sonia Regina Gonçalves da Silva 228
Stéphane Marçal Sabino 229
Sueli Pereira da Silva 230
Suely da Conceição Rodrigues 231

T

- Tainara Rodrigues 233
Talita Suelen Carvalho dos Santos 234
Thais Antunes Matozo 235

V

- Vanessa de Oliveira Duarte da Silva 238
Vanessa Regina Ribeiro de Oliveira dos Santos 236
Vânia de Cássia de Araujo Dutra 237
Veronica de Almeida 239
Veronica Gomes Martins da Silva 240
Veronica Moura da Silva 241

W

- Woaiza Kelly de Santana Figueredo 242

Mulher de favela: experiências compartilhadas apresenta como o protagonismo das mulheres das favelas e periferias é, na prática, um movimento que emerge do cotidiano e se expande no cenário atual. Partindo de entrevistas com 200 mulheres presentes em 169 favelas do Rio de Janeiro, esse e-book nos aproxima do universo de sentidos e significados que emergem a partir de suas experiências. Trilhando por este olhar a construção dos caminhos possíveis para o enfrentamento das desigualdades sociais, suas múltiplas barreiras, mas também seus múltiplos atalhos e conquistas.

Mulheres de favelas transformam suas inquietudes em pontes e conexões, articulam-se em redes, se afetam e são afetadas, criam possibilidades de ação. A minibiografia de cada uma delas, nos possibilita o reconhecimento aos seus esforços individuais, familiares e comunitários na medida em que nos apresenta os diferentes caminhos pelos quais as mulheres retratadas e, de modo compartilhado, a mulher autora desta publicação, vem encontrando para transformar o cotidiano de tantas pessoas que as cercam, em todos os cenários e contextos. Uma conexão de afetos, realizações e propósitos bem delineados, demonstrando que se constroem mulheres que têm um projeto de cidade, mas com uma escolha radical pelo território da favela.

Kátia Edmundo

Diretora Executiva CEDAPS
Professora do PPGSF/UNESA